



PONTO e VÍR, ULA

PAULA L. JACKSON



Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

SUMÁRIO

Ponto e Vírgula

1º Edição

Ponto e Vírgula

Playlist

Capítulo Um

Flor de Lis

Capítulo Dois

Flor de Lis

Capítulo Três

Flor de Lis

Capítulo Quatro

Flor de Lis

Capítulo Cinco

Flor de Lis

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Flor de Lis

Capítulo Oito

Vicente

Capítulo Nove

Flor de Lis

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Flor de Lis

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Vicente

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Vicente

Capítulo Vinte e Seis

Epílogo

Fim.



PONTO e VÍR, ULA

PAULA L. JACKSON

Ponto e Vírgula

1º Edição

2017

Paula L. Jackson

Ponto e Vírgula

Copyright 2016 Paula L. Jackson

Capa: Barbara Dameto

Revisão: Paula L. Jackson

Diagramação Digital: Paula L. Jackson

Essa é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Essa obra segue as regras da Nova Ortografia da língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora e editora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Playlist

- Capítulo 1 – Passarinho - Emicida (ft. Vanessa Da Mata)
- Capítulo 2 – Dia lugar e hora – Luan Santana
- Capítulo 3 - Só hoje – Jota Quest
- Capítulo 4 – Sutilmente – Skank
- Capítulo 5 - Trem bala – Ana Vilela
- Capítulo 6 – De repente, Califórnia – Lulu Santos
- Capítulo 7 – Bem que se quis – Marisa Monte
- Capítulo 8 – Me abraça – LS Jack
- Capítulo 9 – Never Tear Us Apart - Bishop Briggs
- Capítulo 10 – Just give me a reason – P!nk (ft. Nate Ruess)
- Capítulo 11 - Mirrors - Justin Timberlake (Boyce Avenue feat. Fifth Harmony cover)
- Capítulo 12 - De Janeiro a Janeiro - Roberta campos e Nando Reis
- Capítulo 13 - I can't take my eyes off of you – Damien Rice
- Capítulo 14 - Oração – A Banda mais bonita da cidade
- Capítulo 15 - Everybody Hurts – R.E.M
- Capítulo 16 – Aonde quer que eu vá – Paralamas do sucesso
- Capítulo 17 - Perfect symphony - Ed Sheeran
- Capítulo 18 - Photograph – Ed Sheeran
- Capítulo 19 – Era uma vez - Kell Smith
- Capítulo 20 – Don’t walk away – Michael Jackson
- Capítulo 21 – Me espera – Sandy (feat. Thiago Iorc)
- Capítulo 22 – All of me – John Legend/ Bem que se quis – Marisa Monte
- Capítulo 23 - Menos de um Segundo - Rosa de Saron
- Capítulo 24 – Heaven Can wait - Michael Jackson
- Capítulo 25 – Pés cansados – Sandy
- Capítulo 26/Epílogo – Epitáfio – Titãs

Capítulo Um

Flor de Lis

Costo de pensar que a vida é como uma viagem, dessas que a gente tira quando já está de saco

Gcheio da rotina, para relaxar, conhecer gente nova, ser feliz. É tudo tão efêmero, tão breve, passa por nós com tanta presa.



Bem, esse é meu pensamento atual, talvez maduro demais para uma mulher de 22 anos, que nem viveu tanto assim para filosofar a respeito da vida. Mas, quando se tem um infinito para viver em alguns dias, quando o tempo passou de aliado a inimigo, todo e qualquer pensamento muda em sua cabeça. E foi o que aconteceu comigo.

Ninguém entende onde a Flor de Lis centrada, trabalhadora e estudiosa foi parar. Dando lugar a esse bicho solto que teme qualquer amarra e que vive o hoje como se não tivesse a oportunidade para amanhã. E algum de nós tem? Não sabemos nem por um segundo o que o amanhã nos guarda! Essa é a resposta que gosto de dar a todos que me questionam.

Solto um longo suspiro, sentada em um banco de uma praça, há uma quadra da parada de hoje para a curtição, o Anexo da Nani. O tema da balada da noite é ‘Dance Music’, e não posso perder nada dessa festa, por um minuto sequer. Não sei por que acabei parando para ponderar sobre a vida logo agora.

Meu celular toca insistentemente na bolsa. Nem preciso conferir para saber de quem se trata, só pode ser Ágata ou Helen, que provavelmente já estão em frente à casa de show.

Ergo-me com certa dificuldade, isso está ficando cada vez mais frequente. E eu até poderia ficar triste pela situação, mas sorrio morbidamente pelo fato de parecer uma idosa de 80 anos.

Quando o celular toca pela terceira vez, desisto de ignorar. Pegando-o na bolsa, vejo que se trata de Ágata. Atendo, revirando os olhos.

— Já estou chegando, mulher — murmuro, caminhando apressadamente. — O barril de Chope não vai esvaziar não. — Brinco.

— Por que tem sempre que se atrasar? — murmura naquela voz anasalada, que se afina quando ela está nervosa. — Todos já entraram e a música já começou lá dentro.

— Estou pertinho. Não entrem sem mim. — Desligo, guardando o aparelho na bolsa e andando mais depressa.

Poucos minutos depois já estou avistando a faixa da casa de show, e as minhas duas únicas amigas, paradas em frente ao lugar. Sorrio orgulhosa de tê-las em meu convívio. Depois de dar uma reviravolta em minha vida, sem mais explicações, todo mundo sumiu, e apenas elas duas continuaram comigo, independente da minha mudança e sem me encher de perguntas. Por isso as amo.

Helen, com uma minissaia preta, blusa cinza, o *black power* e o copo escultural, fazia qualquer marmanjo virar a cabeça para admirá-la. Ágata com um vestido verde esmeralda justíssimo e os cabelos negros na altura dos ombros. Formávamos um time e tanto. Elas caminharam em minha direção com a expressão de contrariedade explícita nos rostos.

— Vinte e cinco minutos de atraso senhorita Flor de Lis. — Revirei os olhos, desdenhado da sua raiva com um dar de mãos. Abracei-a, logo sentindo mais um par de braços em volta de nós, era Ágata.

— Estava morrendo de saudade de vocês também — disse com a voz mais doce possível. — Estão lindas.

— Ela sabe como nos comover, Helen. — Ágata disse, buscando amenizar a carranca da amiga.

— Tudo bem. Vamos deixar de papo e entrar logo. — Seguimos para a portaria em uma conversa empolgada.

A música invadiu nossos ouvidos assim que passamos pela porta e pela revista. A casa estava lotada, e apreciei imediatamente o clima americanizado que o tema da noite havia implantado ao Anexo. Estava tudo uma penumbra, salvo pelas luzes que piscavam na enorme pista de dança e o caminho que levava ao bar e aos banheiros, parcamente iluminados. Um *DJ* tocava Sugar – Maroon 5, fazendo os corpos se impulsionarem ainda mais na pista de dança.

— Isso aqui está uma loucura! — Helen gritou, fazendo-nos assentir.

— É melhor buscar algo para beber e olhar em volta antes de ir para a pista — gritei em resposta. Elas riram, entendendo minha *deixa*.

O bar é, inegavelmente, o melhor lugar para caçar antes de se jogar na pista de dança.

Caminhamos as três para lá, fizemos nossos pedidos e permanecemos por ali bebericando e conversando com olhares, já que se fosse para manter um diálogo precisaríamos estar gritando como loucas.

Alguns homens bem interessantes se aproximaram e logo minhas amigas estavam acompanhadas, já eu permaneci ali. Ainda não havia aparecido *o cara da noite*, e eu sempre esperava por esse cara em todas as baladas.

Não que eu seja extremamente seletiva ou tenha frescuras, ainda mais se tratando de um homem com quem só vou ficar, mas tenho que bater o olho e desejá-lo instantaneamente, rolar um desejo intenso, já que esse é o único sentimento do qual me permito usufruir. Sou livre demais para ter alguém segurando minhas asas. Por isso, homem, apenas para ficar uma noite, talvez duas, mais que isso já começa a dar problema.

Bebi mais um gole do meu coquetel, enquanto balançava o corpo e observava minhas amigas predadoras engalfinhadas nos bonitões que carregaram elas daqui. Elas podem até gostar de ficar, curtir uma balada, mas sei que, ao contrário de mim, anseiam em viver um grande amor, casar, ter filhos e todos esses planos que envolvam romance. Sei também que

torcem para que eu mude de ideia quanto ao meu pensamento sobre isso. O que não irá acontecer, definitivamente.

Um moreno alto, de olhos verdes e sorriso matreiro se aproximou. Não sem antes me lançar um olhar bem intenso. Sorri de volta, achando-o interessante. Não era *o cara da noite*, mas até que tinha o achado bem bonito.

— Posso oferecer uma bebida? — ofereceu sedutor, falando rente ao meu ouvido.

— Já estou bebendo. — Lhe mostrei meu copo quase cheio. — A próxima, pode ser? — Ele sorriu ante a possibilidade que lhe dei com apenas uma frase.

— Posso descobrir o nome da mulher mais bonita da festa? — Sorri, dando de ombros. Não tenho problema algum com a minha estima, mas é sempre boa uma confirmação de que você é bonita.

Acredito que sou muito mais exótica que bonita em si. Não faço o estilo mulherão, o que a maioria dos homens curte. Sou magrinha, muito pálida, e muito ruiva. É uma combinação diferente e exótica, gosto de ser assim e não tenho problema algum por não me encaixar muito em estereótipos.

— Flor de Lis — digo em resposta. — E você, como se chama?

— Ricardo.

Ele ia prosseguir com a conversa amena, mas fomos interrompidos por um imbecil que esbarrou em mim pelas costas me arremessando para frente e me fazendo derrubar bebida em Ricardo.

— Ei! — Ricardo gritou, saindo da minha frente e indo até os homens. O barman me entregou um guardanapo e se ofereceu para pegar meu copo vazio. Bufei, limpando as mãos e uma quantidade que havia caído em minha roupa. A discussão entre os homens continuou bem atrás de mim. Nem me virei para ver a cara do idiota que fez isso.

Ainda estava tentando limpar a roupa quando uma mão pousou em meu ombro. Virei-me calmamente tentando tranquilizar meu gênio para não mandar quem quer que fosse à merda.

Um par de olhos verdes estava me fitando, com um pedido explícito de desculpa no olhar. Fiquei hipnotizada pela limpidez do olhar, consegui lê-lo em um segundo. Ele tinha os traços másculos, mas ainda assim delicados. Cabelos espessos e loiros, e logo fui brindada por um sorriso arrebatador.

Não fazia muito meu tipo, mas não pude ficar imune a sua aura. *O cara da noite!* Acabei de encontrá-lo.

— Por favor, desculpe o desastrado do meu amigo. Seu namorado ficou bravo, mas o Hugo não fez por querer. — Assenti meio incapacitada de me fazer falar. Ele me deixou curiosa, extremamente curiosa.

— Sem problema. Só peça para ele ter mais atenção. — Finalmente respondi. Segurei o

braço de Ricardo, desviando sua atenção do pobre rapaz que estava branco feito papel. — Vamos dançar, esquece isso — O moreno me obedeceu, seguindo para a pista de dança comigo.

Ele me envolveu em seus braços fortes e passamos a nos mover no ritmo da música. Ricardo tinha uma pegada digna de aplausos, mas o loirinho com cara de bom moço havia roubado minha atenção, definitivamente. E, de onde estava, conseguia vê-lo interagindo com o amigo e mais algumas mulheres. Será que alguma delas era sua namorada?

Precisava fazer algo com relação a isso. Não sou mulher de deixar algo martelando na cabeça e pronto. Afastei-me um pouco de Ricardo, dizendo que iria ao bar. Aproveitei e arrastei minhas amigas, que não pareciam nada satisfeitas pela intromissão.

— Isso era lá hora de vir no bar, Flor? — Helen resmungou.

— O loirinho com cara de bom moço. Quero ele! — murmurei em resposta, dedicando um longo olhar para o homem, que estava apoiado no bar despretensiosamente, rindo de alguma piada.

— Não faz muito seu estilo. — Ágata comentou. — O Ricardo é bem mais gato.

— Sem opiniões óbvias, Ágata. Vocês tem que me ajudar já que ao menos viram quando estava metida em uma confusão. Basta colocar um par de homens bonitos na frente de vocês e esquecem a amiga, não é? — Fiz drama.

— Você, em uma confusão? — Helen indagou apressada.

— Depois eu conto. Vamos comprar bebida e quando eu estiver passando perto do loirinho uma de vocês esbarra em mim. O resto deixa com a Florzinha aqui. — Elas riram meneando a cabeça.

Pedi um copo bem grande de chope e segui na frente das meninas. Quando estava bem de frente para o loiro, uma delas me empurrou. Pelo senhor empurrão detectei ser Helen. Ela quase me jogou em cima do homem. Pela visão periférica vi que elas se afastaram em meio a risinhos.

Ele me firmou, antes de olhar para a camisa e enfim para meu rosto.

— Desculpa minha amiga desastrada? — Soltei, deixando evidente meu sorrisinho de deboche. Queria que ele percebesse que foi de propósito. Fazia parte do plano.

— Tudo bem aí, Vicente? — O amigo interrompeu. Ele apenas assentiu, sem desviar os olhos dos meus.

— É uma espécie de vingança? — Um ligeiro sorriso lateralizado surgiu em seu rosto. Corta essa de bom moço, acabei de dar de cara com um predador, assim como eu.

— Foi absolutamente sem querer. — Me defendi. Inclinando-me sobre o balcão do bar pedi um guardanapo logo o entregando ao homem, que agora sabia se chamar Vicente.

Ele pegou o guardanapo, mas não soltou minha mão.

— Vou fingir que acredito. Seu namorado não vai gostar nada de saber que o deixou sozinho e veio aqui se vingar de mim.

Olhei para os lados dramaticamente, tirando minha mão da sua.

— Eu pareço preocupada? — Ele negou, o sorriso se aprofundando. — Ou vai me dizer que está com medo do meu *namorado*? — Fiz aspas com os dedos quando disse a última palavra.

— Eu pareço com medo?

— Não sei... — Fui vaga. — Preciso ir. Estou suja de cerveja outra vez e por sua culpa novamente.

Dei as costas para ele e sai rebolando. Meu trabalho estava feito. Se Vicente fosse esperto viria correndo atrás de mim. Direta e sutil. Minhas amigas costumam definir meus ‘ataques’ assim.

No banheiro, lavo as mãos, retoco a maquiagem e dou uma arrumada nos cabelos. Cachos ruivos não são nada fáceis de domar. Quando acho que já esperei o suficiente e o tal Vicente não deu as caras, saio do banheiro. Que decepção, achei que ele tinha entendido tudo.

— Ah, já limpou tudo? Vim até aqui me redimir, lhe ajudando a limpar. — Quando me virei, o vi recostado na parede anexa ao banheiro. Braços cruzados sob o peito e aquele sorriso matador nos lábios.

É, Vicente, hoje a noite é nossa!



Capítulo Dois

Flor de Lis

M

eu sorrísinho esperto ressurgiu e, como quem não quer nada, joguei meus cabelos para o lado, fazendo charme. Quanto clichê para uma noite só.

Encurtei a distância que nos separava, parando bem em sua frente.

— Achei que o Ricardo tivesse mesmo lhe colocado medo e nem fosse aparecer aqui. — Ele baixou um pouco a cabeça, me olhando sobre os cílios, a mão coçando a sombra de barba em seu rosto.

— Eu sou um cavalheiro. Gosto de ajudar — disse, me estendendo a mão. — Prazer, sou Vicente. Você é?

— Flor de Lis. — Aceitei seu cumprimento. Em seguida ele colocou as mãos nos bolsos da calça, deixando transparecer, por um segundo, um toque de timidez.

Esse homem é mesmo uma contradição, ora é predatório e com tiradas bem sacanas, ora parece tímido e meio moleque. Me pego rindo baixinho. Vicente olha para os lados, soltando uma risadinha também.

— Está me achando meio bobo, não é?

— Absolutamente. Você é engraçado. Meio que destoa dos homens daqui. Confesso que me deixou bem curiosa.

— Vou levar como um elogio. — Piscou para mim, conseguindo com esse simples gesto tornar tudo mais espontâneo. — O que acha se saíssemos daqui? Não é um bom lugar para conversar... E confesso que quero matar sua curiosidade com relação a mim.

— Acho uma boa. — Dou de ombros. — Me espera um segundo, vou me despedir das minhas amigas. — Ele assentiu.

Obviamente esse não era o motivo que me fez largar *o cara da noite* e ir em busca das minhas amigas. Ágata e Helen são duas traidoras que me largam quando tem chance, e elas

sabem que não sou de dar satisfações, mas, nesse caso, preciso da chave do apartamento que elas dividem. Fica à apenas alguns metros daqui, e se meu plano fluir, irei precisar.

Caminhei apressadamente, encontrando-as na pista de dança. Puxei Ágata pelo braço. Ricardo estava no outro extremo, jogando conversa em outra mulher. Melhor assim, não vai me incomodar.

— Preciso da chave do apartamento. — Ágata me fitou com aquele olhar sacana.

— Conseguiu fisgar o Vicente, não é?

— Você o conhece? — perguntei de cenho franzido.

— Já fiz um trabalho na prefeitura com ele, há anos. — Desdenhou da informação. — Minha amiga disse que é um fodedor digno de aplausos. Além de ser um cara ótimo.

Ri, animada pela constatação do que já imaginava. Aquela cara de bom moço não me engana nem um pouco.

— Pelo amor de Deus, Ágata, eu só quero transar com ele. — Revirei os olhos, estendendo a mão aberta. — Pode me passar a chave?

Ela conferiu com uma olhadela se Helen não estava vendo e me entregou as chaves.

— Vou dar um jeito de segurar a Helen. E usa o quarto de hóspedes, por favor.

— Você é a melhor. — Me inclino, deixando um beijo estalado em sua bochecha. Ainda a escuto gritar “se cuida!”, antes que eu suma pelo corredor de acesso aos banheiros novamente.

Ele está parado bem onde o deixei, e aproveito a distância e o momento de dispersão de Vicente para lhe dar uma boa olhada. Onde esse gato esteve por todo esse tempo que não tive o prazer de colocar meus olhos nele?

Ele realmente não fazia muito o estilo de homem com o qual me relacionava. Gostava dos mais fortes, com cara de cafajeste, esses sempre eram os melhores para apenas uma transa. Nunca havia cobranças, o dia seguinte não gerava desconforto em ninguém.

E esse tipo de coisa me enche o saco. Como se não bastasse todo o preconceito que encontro pelo caminho, por ser mulher e preferir manter minha vida sexual assim, ainda aguentar homem meloso, ninguém merece. E é o que mais tenho medo nessa vida, deixar que alguém me ame.

Por isso escolho os mais fáceis de lidar. Vivo minha vida, aproveito e não dou bola para os julgamentos e pré-conceitos. No caso de Vicente decidi variar um pouco. Até por que, por mais que ele tenha um jeito menos cafajeste, não acredito que seja do tipo grudento e carente.

— Podemos ir agora. — Ele assente, me ladeando.

Somos brindados pela brisa amena da noite quando saímos do Anexo.

— Não vim de carro, por que tinha planos de beber, mas podemos pegar um táxi. É só me dizer para onde quer ir.

— Estraguei seus planos? — pergunto. Vicente me fita em silêncio por um instante.

— Digamos que você deu uma animada na minha noite. Até isso aqui já conseguiu cair na rotina — responde, olhando para a fachada do Anexo.

— Concordo com você. Até as noites de baladas enjoam às vezes. Não que seja meu caso. — Ele riu, o som rouco e sexy reverberando em minha pele, fazendo-a arrepiar. — Vamos caminhando, estamos perto do apartamento das meninas, e estou com as chaves.

Ele mordeu o lábio ligeiramente, seus olhos passeando por meu corpo com uma intensidade tremenda, ainda assim com uma sutileza que faltava em muitos homens. Ele expressava um desejo que me inquietava, mas não era subjugante, como a maioria dos olhares que recebia dos homens, após eles entenderem onde eu queria chegar.

Vicente buscou minha mão, puxando-me contra seu corpo. Fui abraçada por braços fortes e aquecida por um corpo rígido e quente. Precisei me equilibrar na ponta dos pés e ainda me esticar para ficar mais próxima ao seu rosto.

Meu coração batia erratically e a respiração descompassou. O desejo e ansiedade de conhecer lábios novos, viver, por algumas horas, uma aventura compartilhada, me deixava pulsante, cheia de vida. E era isso que me motivava a continuar nessa história, que para muitos parece vazia. E realmente é.

Nossos olhos se conectaram e mergulhei em seu olhar profundo e extremamente expressivo. Sua mão pousou gentilmente sobre meu rosto, rumando para minha nuca e se infiltrando por meus cabelos. Vicente conseguiu me deixar excitada com apenas um passar de mão.

— Fiquei louco para beijar essa boquinha desde o momento em que virou para mim, lá no bar. — Sorri, mordendo o lábio. Ele se inclinou, prendendo os dentes em meu lábio inferior, soltando-o do meu aperto. Gemi.

— Então mate nossa vontade. — Incitei. Um segundo depois seus lábios estavam sobre os meus macios e fortes, intensos. Sua língua reivindicando a minha. Perdi-me na força do beijo, no aperto de suas mãos em meus cabelos, do seu corpo maravilhosamente colado ao meu.

Esse cara é um deus. Eu nunca erro!

Não sei por quanto tempo permanecemos ali, mas é o suficiente para me deixar excitada em um nível elevadíssimo, e também para chamarmos a atenção de alguns transeuntes.

— Acho melhor irmos — sussurro entre seus lábios.

— Onde é a casa das suas amigas?

— Virando a esquina.

— Vamos então. — Ele me segura pela mão e caminhamos rumo ao apartamento. O prédio nunca me pareceu tão distante.

As conversas cessaram, na verdade nem havia como elas acontecerem, já que praticamente não desgrudamos a boca um do outro no caminho curto até o apartamento. Vicente me imprensou contra a parede dos muros umas três vezes durante o percurso. Acabamos rindo de nossa presa.

O porteiro já me conhecia muito bem, por isso não criou problemas para me deixar subir. Cumprimentei-o, sorridente, e logo me enfiei no elevador. Não tive tempo nem de apertar o botão para fechar a porta, fui encurralada contra a parede envidraçada do elevador, lábios macios trabalharam deliciosamente em meu pescoço, me fazendo arfar. Ergui a perna, enlaçando sua cintura, entorpecida pela fricção da sua ereção em meu ponto sensível.

Vicente gemeu, sua mão descendo para minha bunda, agarrando-a forte. O *bip* do elevador indicou nossa chegada ao segundo andar.

— Envolve as pernas em minha cintura — ordenou sôfrego. Suas mãos me seguraram pelo traseiro, me impulsionando para estar colada em seu corpo.

Nem percebi que havíamos caminhado até a porta do apartamento. Estava em um profundo estado de êxtase, que não me permitia nem discernir onde me encontrava. Por mim teríamos transado ali mesmo no elevador.

O frenesi fora tamanho que simplesmente esquecemo-nos de entrar no apartamento e continuamos nos agarrando ali mesmo no corredor, ao lado da porta.

— Que pouca vergonha. Jesus! — Uma voz nos fez parar imediatamente. Meu rosto esquentou me dando a certeza de que ficara escarlate. Pegos em flagrante, feito dois adolescentes inconsequentes.

Olhei, com a cara mais cínica do mundo, para a senhorinha que nos encarava com uma expressão terrível.

— A chave. — Vicente pede. A voz abafada, por estar com o rosto enterrado em meu pescoço. Puxo a chave de dentro do meu decote e entrego a ele, que faz um trabalho rápido em abrir a porta e nos colocar para dentro.

— Desculpa dona Maria — Grito, antes que ele feche a porta. Acabamos dando risada. — Viu só o que fez? — murmuro.

— A culpa é absolutamente sua por me deixar assim sem juízo.

— Não tem problema, o juízo é o que menos vamos usar essa noite. — Provoco e sua expressão volta a indicar total desejo. — O quarto é aquele. — Aponto para a segunda porta a nossa direita.

Ele caminha, comigo empoleirada em sua cintura, até o quarto, fecha a porta com o pé e finalmente me coloca no chão. Observo Vicente se abaixar, as mãos se fixam em minhas coxas, subindo logo em seguida e levando consigo meu vestido, que logo é uma poça de tecido

no chão.

Sorrio diante do seu olhar encantado. Seus olhos conseguem lambe minha pele, como se fossem labaredas. Uma sensação incrível, da qual não me lembro de ter passado antes.

Ele me coloca sobre a cama, seus olhos não desviam dos meus enquanto Vicente se despe com relativa presa. Até seus mínimos gestos soam excitantes.

Quando sua camisa vai parar no chão, me deparo com um peitoral definido, uma barriga trincada e braços torneados. Nada que pareça com que ele gaste horas malhando. A pele alva, ressaltada por alguns pelos castanhos no peito e o V, que faz a calça pender em seu quadril, me faz suspirar. Que visão!

Suas mãos grandes partem para a calça, tirando-a do caminho rapidinho, em seguida a boxer tem o mesmo destino. Minha língua passeia pelos lábios secos. Ele é simplesmente perfeito. E o sorrisinho sem vergonha o deixa irresistível.

Vicente se ajoelha entre minhas pernas, observando-me enquanto me livra do sutiã. Um suspiro de satisfação lhe escapa quando ele me vê parcialmente nua.

— Você é a coisa mais linda que já vi — sussurra, inclinando-se sobre meu corpo para deixar beijos em meu pescoço, que logo descem para o colo e seios.

Ele só para quando me tem entregue, gemendo e arqueando a cada pequeno toque de seus dedos e lábios. Quando me toca intimamente, ainda por cima da renda da calcinha, me desfaço em gemidos sôfregos. Quero mais, preciso de tudo dele!

Então ele para e abro os olhos rapidamente, desnorteada pela quebra do prazer. Ele arrasta minha calcinha pelas pernas, beijando todo o percurso por onde ela passa, e a atira do outro lado do quarto. Se afasta apenas o suficiente para alcançar a carteira, que está em sua calça, e tirar de lá uma camisinha. Devidamente vestido, ele volta a se acomodar entre minhas pernas, que se abrem para recebê-lo.

— Você é linda demais para que eu passe mais um minuto fora do seu corpo. — Ele sussurra em meu ouvido, mordendo o lóbulo com uma pressão que reverbera em meu útero.

Minha boca se abre em um O e perco o fôlego por um momento quando o sinto se enterrar em mim. Vicente segura minhas mãos acima da cabeça, prendendo-as firmemente, enquanto inicia seus movimentos.

Gemo, os olhos fechados, as costas arqueadas. A boca dele está sobre a minha, em meu pescoço, em meus seios... Me beijando, lambendo, mordiscando. As estocadas cadenciadas, fortes, marcantes, mexem com cada pequeno músculo interno, me carregam para um orgasmo que se constrói com uma força avassaladora.

Seus dentes mordiscam o meu queixo e ele sussurra palavras quentes em meu ouvido, é o suficiente para me levar ao sétimo céu e me fazer desintegrar em um orgasmo que faz todo meu corpo espasmar, minhas unhas cravam em suas costas, e lágrimas escapam dos meus olhos.

Ainda estou imersa nessa massa de prazer quando o ouço gemer e o vejo estremecer, chegando ao seu ápice também.

Ele se livra da camisinha, deitando-se ao meu lado e me puxando para perto de si. Nossas respirações são o único som do quarto.

— Você é incrível. — Solto, sem conseguir evitar o pensamento alto. O orgasmo queimou meus neurônios, só pode ser!

— Com uma mulher como você é impossível não ser. — Em um movimento brusco ele me deitou na cama e se colocou em cima de mim. Instantaneamente meu corpo respondeu a sua proximidade. — Hora do segundo *round*, baby — disse brincalhão, me arrancando uma risada, que logo foi abafada por seus lábios. A frase mais cafajeste que ele já disse até agora.

Não sei quantos *rounds* mais aconteceram, parei de contar no terceiro. Além de lindo, esse cara é incansável. O homem ideal para passar uma noite cheia de prazer.

Seja com a boca, os dedos, ou o membro, ele foi incrível... E passei a noite mais prazerosa da minha vida. Nem me lembro de que hora peguei no sono.



Espreguicei-me, soltando um gemido de dor e satisfação. Estava dolorida em lugares desconhecidos por mim, mas absolutamente satisfeita. Tateei a cama, antes de abrir os olhos, e não notei outro corpo na cama.

Assim que me sentei observei que não havia sinal de ninguém por ali. As roupas de Vicente haviam sumido, assim como ele.

Mais rápido que a maioria – pensei, dando de ombros.

Por um lado era muito bom, evitava o desconforto matinal, mas bem que eu queria uma ducha com ele agora pela manhã, só para me despedir.

Fui até o banheiro, tomando uma chuveirada rápida e me vestindo depressa. Queria caminhar um pouco essa manhã.

— Onde droga se meteu? — disse impaciente, procurando a calcinha pelo chão. Nem sinal dela. Decidi deixar para lá e sair assim mesmo. — Helen, se achar uma calcinha no quarto, é minha — gritei assim que sai do quarto. Pelo barulho, as meninas estavam na cozinha.

Ouvi a risada delas e caminhei até lá, paralisando assim que vi que Vicente também estava ali conversando enquanto bebia café.

— Não achou sua calcinha, Flor? — indagou ele, com aquele sorrisinho matreiro nos lábios.

Não gostei nada de vê-lo ali. Pensei que tivesse ido embora, o que seria o melhor.

Interagir com minhas amigas após o sexo não era um bom sinal.

— Pensei que já tivesse ido embora — murmurei em um tom não muito cordial. Todos pararam de sorrir.

Ele se levantou, entregando a xícara a Ágata e lhe dando um estalado beijo na bochecha.

— Já estava de saída, não se preocupe. — Ele voltou-se para minhas amigas. — Estarei aqui no domingo, obrigado pelo convite. — Ágata assentiu, sorrindo.

Eu iria matar aquela traidora. Ela sabe que não gosto de nenhum cara com quem fiquei por perto.

— Obrigado pela noite incrível, Flor — disse, voltando-se para mim. Apenas assenti. Entendendo meu silêncio, ele acenou para as meninas e foi embora.



Capítulo Três

Flor de Lis

U

m silêncio sepulcral se fez durante o minuto seguinte, enquanto eu lançava um olhar matador para essas duas cobrinhas a quem chamo de amigas.

— Podem me explicar o que acabou de acontecer aqui? — indago de braços cruzados.

— O Vicente é um amorzinho, nem vem dar uma de megera. — Ágata respondeu, virando de costas para dedicar sua atenção às louças sujas.

— Um amorzinho? — Debochei, me encaminhando para a porta. Não ia discutir mais uma vez meu ponto de vista com elas. — Você sabe muito bem que não quero aproximação com os caras com quem já fiquei, ainda assim convidou esse intruso para seu aniversário? Você nem conhece o cara direito.

— Conheço-o muito bem — retrucou irritada. — Não tenho nada a ver com suas regras bobas de não relacionamento.

— Você tem que aprender muito com a vida, Flor — Helen completou, me deixando estática. — O mundo não gira ao seu redor. E se você não quer aproximação com o rapaz, nós temos direito de tê-lo como amigo.

Assenti incontáveis vezes, embasbacada com tudo que acabo de ouvir.

— Tudo bem. Vocês que sabem. — Dou as costas e saio dali feito um furacão.

Até concordo com a opinião delas sobre mim, sou sim meio mimada, mas elas poderiam respeitar minha escolha. Já conversei inúmeras vezes sobre qualquer tipo de aproximação desses caras, e vez ou outra elas tentam ficar amigas deles.

Em outro momento tivemos uma briga feia por esse mesmo motivo e Helen disse que estavam tentando me ajudar, preencher o vazio que enxergam na minha vida, mas elas não sabem que nada disso vai adiantar, pelo contrário, eu serei unicamente capaz de fazer a pessoa que se envolva comigo sofrer, e é isso que estou tentando evitar.

Se elas simplesmente ouvissem e respeitassem minha escolha, por mais torpe que ela possa parecer, tudo seria ainda mais fácil.

Eu gostaria que as coisas pudessem ser mais fáceis para mim, mas não são. E o fato de não estar reclamando e sim tocando minha vida, me deixa orgulhosa de mim mesma. Por isso não me incomodo com julgamentos, com o que prega a sociedade, com olhares e dedos apontados. Eu sei de todas as minhas escolhas e elas são a base do caminho que decidi seguir. Não há mais volta.

Aceno para um táxi e ele para. Indico o caminho a seguir enquanto me perco a observar a paisagem pela janela do carro. Amo a cidade onde vivo. Há uma linha tênue que divide São José dos Campos entre ultramoderna e lhe confere um ar interiorano, que me encanta. Decidi não me mudar daqui. Nem mesmo quis viajar. Acho que meu lar tem muito mais a me oferecer que qualquer outro lugar no mundo.

Pago ao taxista e desço, entrando em casa. Moro aqui desde minha adolescência. Meus pais compraram a casa e a reformaram, transformando a casinha simples de um andar, em uma casa moderna, não luxuosa, mas bem confortável. E, confesso, grande demais para apenas uma pessoa morar.

Eles sempre disseram que a fizeram desse tamanho para que eu a enchesse de netos. Mal sabiam eles que logo estariam mortos e que eu nunca poderia lhes dar netos.

A vida é engraçada, morbidamente engraçada, altera tão rapidamente nossos caminhos que nem nos deixa tempo para repensarmos rotas de fuga.

Subo para o quarto, colocando minha roupa de corrida e o tênis. Cumprimentei o vizinho, plugando o fone no celular e selecionando uma música aleatória da playlist – Só hoje, Jota Quest – começou a tocar.

Caminhei até o parque Vicentina Aranha, que ficava praticamente em meu quintal, e comecei minha corrida. Nesse horário não se esbarra com muita gente, o que o torna muito propício para mim. Gosto de correr sozinha, na companhia das minhas músicas e só.

Uma fisgada em minha panturrilha atrapalha minha corrida, me fazendo parar instantaneamente. Respiro fundo, sabendo o que pode vir em seguida. Olho para os lados,

buscando um lugar em que possa me amparar, mas é tarde demais, perco absolutamente a força muscular e caio no chão, segurada à perna.

— Flor, o que houve? — Mal acredito quando olho para cima e vejo Vicente parado em minha frente, com uma expressão de preocupação.

Ele está me seguindo ou o que?

Vicente se abaixa, suas mãos voam para minha perna e ele a massageia. O toque desperta coisas incríveis em mim.

— Cãibras? — indaga, ainda com a atenção voltada para minha perna. Passo um minuto perdida no poder hipnotizador daqueles olhos verdes.

— Sim, já estou melhor. — Desconverso, afastando minha perna do seu toque.

Não gosto nadinha de como me derreto facilmente perto dele. *OK* que ele é fantástico na cama. Tudo bem que é um homem gentil. Mas não sou o tipo de garota que se importa com isso, decidi ser assim para evitar muitas coisas.

Só transamos uma única vez e estou aqui ponderando coisas sobre ele? Nem deveria estar me incomodando com a presença de Vicente. Isso deveria ser insignificante, mas não é.

Ele se afasta estendendo a mão para me ajudar a levantar. Ainda está tudo meio dormente, mas consigo me manter de pé e caminhar até um banco a alguns metros de distância. Vicente se aproxima, sentando-se ao meu lado. Reviro os olhos, enquanto bebo um pouco de água.

— Por acaso está me seguindo? — pergunto mal-humorada. Ele solta uma risadinha, que capta minha atenção.

— Nossa noite foi incrível, mas uma noite não é o bastante para me fazer sair perseguindo uma mulher, Flor de Lis. Desculpe frustrar sua expectativa para me ter em seu encalço. — É minha vez de rir.

— Então esse encontro é mesmo obra do destino? — Soo ácida.

— Puramente. — Releva tranquilamente. — Estou morando perto do Hospital Policlínica. Somos quase vizinhos.

Arregalo os olhos, olhando para seu perfil. Ele leva a garrafa aos lábios e bebe um pouco de água. Até assim desleixado e tranquilo o desgraçado é lindo e excitante.

— Ótimo!

É tudo que digo.

— Você não pareceu feliz diante do convite para o aniversário da Ágata. Se achar melhor, posso não ir. Não quero gerar desconforto para você.

Suspiro, analisando meus atos das últimas horas. Admito que esteja sendo ridícula. Não há porque tanto alarde pelo convite de Ágata. Vicente é só um cara com quem fiquei. O fato de

ele ser amigo delas não me obriga a ter aproximação com ele.

E também Vicente não merece essa hostilidade. Posso ser cordial com ele, e ainda assim fria e distante. Sou mestre nisso.

— Não tem problema — murmuro. — Quero inclusive me desculpar pelas grosserias. Sou ácida mesmo, e acabo destilando em quem não tem muito a ver. O aniversário é da Ágata e ela chama quem quiser.

— Sabia que não era uma megera em cem por cento do tempo. — Brinca, me fazendo rir. — Você não me disse nada, mas captei que esse jeitão é porque não quer homem no seu pé.

— Por um acaso o nome dessa “captação” é Ágata? — Ele ri, meneando a cabeça. Aquela língua de trapo.

— Eu não disse isso. — Se defendeu, erguendo as mãos. — Não se preocupe com essa questão, está aqui em sua frente o homem que mais abomina relacionamento antes dos quarenta anos. Esse negócio de dar satisfações, ser fiel, lembrar datas... Não é muito comigo. Então não corre o risco de me ver grudado em você.

Meu peito infla de satisfação diante de palavras tão sábias. Além de lindo, bom de cama, ele ainda é sábio. Que homem!

— Ganhou muitos pontinhos comigo — balbucio.

Vicente se levanta, me encara com aquele sorriso de fazer a calcinha cair, e solta:

— Eu fiquei com sua calcinha. Iremos negociar a devolução dela em breve. — Ele pisca. Coloca o fone nos ouvidos e volta a correr, sumindo do meu campo de visão.



Dois dias se passaram desde que encontrei Ágata e Helen. Até falei com elas ao telefone, mas ainda senti certo clima estranho entre nós, o que eu pretendia melhorar hoje na festa de aniversário da Ágata.

Também não cruzei mais com Vicente. Não saí parar correr, preferi curtir minha cama, músicas e um bom livro. Andava muito fadigada e precisava parecer bem no aniversário da minha amiga, por isso me dei descanso.

Olhei para minha imagem refletida no espelho. Vestido preto curtíssimo, salto alto, maquiagem marcada e cabelos alisados. Eu estava bem bonita. Na verdade não queria admitir porque me produzi tanto. O aniversário era algo bem simples, poucos convidados, mas eu me esforcei para parecer incrível, e eu sei por quê.

Sai do prédio, caminhando até o ponto de táxi mais próximo. Alguns minutos depois já estava em frente ao apartamento onde as meninas moravam.

— Boa noite, Cláudio — cumprimentei sorridente, o porteiro.

— Boa noite Florzinha. A festa da Ágata já começou faz algum tempo. — Ele baixou o tom de voz. — E está animada, viu? A síndica não parece feliz com o barulho.

Assenti, rindo da sua mania de fofocar. A síndica era uma chata, mas não poderia interromper a festa até as 02h00minh da manhã, já que esse é o limite para fechar o salão de festa do prédio.

— Pois ela terá que engolir a festa — disse altiva. — Estou indo, Cláudio. — Acenei, me encaminhando para o corredor que daria no salão de festas.

Ouvi o sertanejo universitário de longe, era a cara de Ágata jogar um Jorge & Matheus em seu aniversário. Ri, meneando a cabeça.

O lugar estava parcialmente lotado. Com uma decoração simples, em tons de branco e cinza, algumas mesas espalhadas e até mesmo um bar montado no recanto do salão “O bar da Gata”, era como estava intitulada o tema da festa. Minha amiga é um barato.

Senti tanto a falta dela nesses dias de solidão e afastamento. Elas são basicamente o único contato que tenho com o mundo lá fora.

Coloquei o presente que trouxe junto dos de mais, em uma mesinha, e vasculhei o salão com o olhar, encontrando Ágata perto do bar conversando com Helen e um grupo de pessoas. Rumei para lá.

— Posso dar um abraço na aniversariante mais linda do dia? — Ela soltou um de seus gritinhos afetados, correndo para me abraçar. — Meus parabéns, querida. Sabe que a amo e que só lhe desejo coisas maravilhosas, não é?

— Claro que sim, Florzinha. Senti sua falta.

— Quero me desculpar pelo jeito que falei com você naquele dia. — Ela me soltou, fitando-me.

— Esqueça aquilo.

— Será que posso entrar no momento ‘desculpa amiga’? — Helen se aproximou.

— Venha cá, sua turrone. — Nos abraçamos, selando a paz.

Caminhamos para junto do grupo e aproveitei para pedir uma bebida. Ágata saia vez ou outra para cumprimentar os convidados que estavam chegando. Meus olhos vagavam acompanhando-a sempre que ela se afastava, buscando o convidado que ainda não estava ali.

Conversei bastante, dancei, bebi um pouco de mais e até dei uma volta pelo salão para tentar encontrar alguém interessante, e nada do *cara da noite* aparecer. Acredito que ele se mancou e nem vem.

Melhor assim!

Olhei para os lados, observando que estava sozinha. Helen estava com em uma conversa bem animada com um bonitão e Ágata conversa com algumas pessoas, mais afastada. Não poderia monopolizar minha amiga no dia do seu aniversário. Ela parecia extremamente

feliz. Quando cantou os parabéns e partiu o bolo então, diria que ela estava completando 15 anos e não 26.

— Me vê uma cerveja, por favor? — pedi ao rapaz que estava cuidando do bar.

— Não acha que já bebeu de mais? — Me virei abruptamente, quase caindo. Mãos firmes me seguraram no lugar.

Empertiguei-me, pegando minha cerveja e levando-a aos lábios, antes de finalmente me permitir olhar para o dono da voz grossa e das mãos firmes.

— Não sabia que a Ágata havia contratado fiscais do álcool para a festa. — Soltei mordaz. Ele riu, tirando as mãos da minha cintura.

— Estou buscando fazer um bem para você, ingrata. — Em um movimento rápido ele tirou a cerveja das minhas mãos e levou aos seus lábios.

Aproveitei o momento para observá-lo completamente. Vestia um jeans escuro, camiseta despojada branca e uma jaqueta de couro. Os cabelos formavam uma massa loira, que emoldurava magistralmente o rosto de ângulos perfeitos, e a barba sombreava o queixo quadrado. Ele é uma tentação.

Quando acabou com minha cerveja, colocou o recipiente vazio em cima do balcão.

— Satisfeito? — Ele negou, me olhando dos pés a cabeça.

— Nem um pouco. — Sorri, entendendo a dubiedade da sua frase. Vicente se encostou ao bar como eu. Seu cheiro almiscarado fez minhas terminações nervosas tremerem. — Você sumiu do parque.

— Correr não é uma rotina. Só faço quando quero relaxar, por isso nem sempre me verá no parque. — Observei seu perfil. Ele assentiu. — Chegou atrasado à festa, sabia?

— Pois é, tive um monte de problemas na prefeitura hoje, quase não consegui vir.

— O que faz por lá?

— Cuido da parte administrativa, das contas e essas coisas. — Ele se virou completamente para mim. — E você, onde trabalha?

— Não trabalho. Estou em outro momento da minha vida — disse evasiva. Não gostava muito desse assunto. As pessoas costumavam me olhar meio torto depois que dizia o que eu havia feito.

Eu não costumava me importar com as opiniões alheias, mas com Vicente parecia ser diferente.

— Estou louco por uma folga. Quero rever minha mãe, depois curtir uma praia por alguns dias.

— Pensei que fosse daqui. — Franzi o cenho.

— Morava em Ribeirão Preto. Vim para cá porque o prefeito que se elegeu era um

velho amigo do meu pai, e praticamente me arrastou para trabalhar com ele. Já estou meio esgotado, e olha que só faz três meses que estou aqui.

— Isso explica porque nunca havia te visto antes. A cidade é grande, mas já visitei toda e qualquer boate e barzinho, e nunca tinha lhe visto em lugar algum.

— Também não deixaria uma mulher tão linda passar despercebida por mim.

— Ah, é? Mas você não parecia interessado naquele dia, no Anexo. Se eu não tivesse investido você nem teria se aproximado.

— Está completamente equivocada. — Desdenhou. — Estava estudando uma forma de me aproximar sem deixar que seu namorado visse.

— Ele nem era meu namorado. — Revirei os olhos.

— Percebi quando ele te deixou sozinha. Nenhum namorado em sã consciência deixaria uma mulher como você à solta em uma balada.

Seu olhar sobre o meu fez todos os meus pelos se arrepiarem. Um momento de silêncio se perpetuou entre nós, os sons das conversas pareciam em outro plano, até a voz do Luan Santana cantando “Dia, lugar e hora”, pareceu soar ao longe.

Ágata voltou para seu momento sertanejo universitário.

— Você me roubou no primeiro encontro, tem noção de como isso é grave? — Quebrei o silêncio, tentando normalizar o clima que estava pairando no ar.

— Eu não roubei. É só uma moeda de troca. Um homem tem que lançar mão de artifícios para lidar com uma gatinha selvagem como você.

— Babaca — murmurei rindo. — Me devolva minha calcinha ou te denuncio as autoridades.

Ele se desencostou do bar, parando bem em minha frente. Poucos centímetros nos separavam. Cada uma de suas mãos foi parar em uma lateral do meu corpo, segurando no balcão do bar. Estava encurralada.

Seu corpo grande e forte se inclinou sobre o meu, seu hálito fez cócegas em meu pescoço quando ele se aproximou do meu ouvido.

— Podemos trocar a calcinha que tenho em meu bolso pela que está vestindo agora. — Sua voz quente fez cócegas em meu pescoço.

Minha boca se abriu em um o. Cara de pau, sem-vergonha.

Ele se afastou apenas o suficiente para me olhar. Os olhos verdes quase negros de desejo. Eu não estava muito diferente. Com duas palavras ele conseguia me deixar louca de excitação.

— Esse é meu preço, Flor — Sentenciou. Soltei uma risadinha, empurrando-o até que pudesse passar por ele.

— Vem buscar — disse, já caminhando em direção ao banheiro.



Capítulo Quatro

Flor de Lis

S

entia-me uma adolescente provocadora enquanto caminhava rumo ao banheiro. Por sorte já não havia mais tanta gente na festa, o que deixava o local livre para nós.

Um segundo após a minha entrada no estreito banheiro, ouço a porta ser aberta apressadamente. Viro-me, dando de cara com um Vicente de olhar bestial. Eu havia conseguido tirar sua máscara de cordeirinho.

— Paradinho aí — ordenei quando ele fez menção de se aproximar. Vicente trancou a porta, recostando-se nela. Podia ouvir sua respiração errática de onde eu estava.

Levantei minimamente meu vestido infiltrando as mãos por baixo dele, alcancei o elástico da calcinha e a desci por meus quadris e pernas, dando uma reboladinha provocativa. Meus olhos fixos nas expressões de Vicente.

Me inclinei um pouco para passá-la por meus pés, e quando tive a calcinha em mãos, atirei-a na direção dele, que a pegou no ar. Um sorrisinho esticou sua boca perfeita, me fazendo arfar.

Como um felino que analisa como atacar a vítima, ele caminhou em minha direção sem presa, os olhos nos meus, eclipsando todo e qualquer pensamento. Quando estava perto o suficiente, simplesmente me ergueu, colocando-me sobre o estreito balcão de mármore em frente ao espelho.

— Você é uma sedutorazinha, Flor de Lis. Por acaso quer me deixar louco? — Eu sorri, dando de ombros.

— Não fiz nada de mais. Estava só negociando com você. — Abri a mão bem na frente do seu rosto. — Quero minha outra calcinha bem aqui. — Ele assentiu, puxando a peça de dentro do bolso do jeans e colocando-a sobre minha mão, em seguida guardou a que eu havia lhe entregue. — Está vendo só como não havia nada de mais em minhas intenções. Sou absolutamente inocente.

Ele segurou minhas coxas com firmeza, separando-as o suficiente para se manter entre

elas. Estava adorando aquele joguinho. Nunca havia ficado tão excitada e ansiosa com apenas provocações. Vicente ainda nem havia me beijado.

— Se as suas intenções são inocentes, as minhas não são nem um pouco. — Ao dizer isso, suas mãos fizeram um passeio lento por minhas pernas subindo o vestido. Olhei para baixo, apreciando a forma magistral com que ele me tocava. Sentia meu sexo pulsar em antecipação ao que viria.

— Pode me mostrar o quão pecaminosas são suas intenções?

Suas mãos voaram para meus cabelos, prendendo-os entre os dedos. A boca colou-se a minha em um beijo intenso. Minhas mãos procuraram apressadas pelo seu cinto, desfazendo-o e desabotoando a calça em seguida.

Dedos maravilhosos tocaram meu ponto mais sensível, me fazendo desconectar minha boca da dele para soltar um longo gemido. Vicente aproveitou o momento para beijar e morder meu pescoço, provando-o com um frenesi enlouquecedor.

Uma de suas mãos rumou para meu seio, infiltrando-se por dentro do vestido e do sutiã, livrando-o o máximo que podia do aperto das roupas. Então senti língua e dentes no meu mamilo intumescido.

Minha cabeça bateu contra o espelho atrás mim, meus dedos apertando seus cabelos, meu sexo pulsando freneticamente com cada movimento dos seus dedos.

— Vicente — gritei. Esquecendo-me de onde estávamos que poderíamos ter plateia do outro lado da porta, esquecendo-me até como se respirava.

Fui submergida por uma onda de prazer que me deixou momentaneamente fora de órbita, resumindo minha existência ao pulsar incessante do meu sexo e do prazer que se liquefazia por entre minhas pernas.

Vicente me desceu do balcão, em algum momento entre minha viagem entre a Terra e o céu, virando-me de costas para ele. Ele guiou minhas mãos para o espelho à minha frente, espalmando-as lá.

Apenas quando senti sua ereção em minha bunda é que registrei os próximos passos. Abri os olhos a tempo de vê-lo acabando de vestir a camisinha e se enterrando em mim. Ele fechou os olhos e jogou a cabeça para trás, deixando em evidencia o pescoço másculo. Tive ânsia de mordê-lo bem ali. Um gemido lhe escapou, e então finalmente olhou-me através do reflexo do espelho.

— Pronta? — perguntou erguendo meu vestido até amontoá-lo em torno da minha cintura. Seus olhos vagaram, por um instante, para baixo, apreciando nossos corpos conectados.

— Faça seu melhor ou o pior — provoquei.

O primeiro impulso poderoso de seus quadris roubou o ar dos meus pulmões, impulsionando meu corpo para frente.

— Meu Deus! — grunhi, deixando a cabeça baixar.

Ele continuou com os impulsos fortes e cadenciados, rebolando dentro de mim, atingindo cada pequeno ponto de prazer, guiando meu corpo para um novo orgasmo.

O barulho dos nossos corpos indo de encontro um ao outro, somado aos gemidos, era a única coisa que se podia ouvir. Nem mesmo conseguia mais captar a música alta lá fora, ou as vozes das pessoas. O mundo nesse momento se resumia a Vicente e esse prazer inenarrável que ele conseguia impor em meu corpo.

Senti o peso do seu corpo mais próximo do meu, sua boca colou-se ao meu ouvido, uma de suas mãos segurou meu pescoço fazendo minha cabeça se erguer e a outra se infiltrou entre minhas pernas tocando meu nervo sensível.

— Você é muito gostosa, Flor — sussurrou em meu ouvido.

Via através do espelho seus olhos injetados de prazer. Sua respiração bagunçava meus cabelos. Estávamos extremamente ofegantes e suados.

— Não feche os olhos! — ordenou. — Veja o quão perfeito somos transando.

Então ele recomeçou os movimentos de seus quadris. Isso, atrelado aos seus dedos maravilhosos, sua voz rouca sussurrando coisas quentes em meu ouvido e o nosso reflexo no espelho, me levou a mais um orgasmo.

Mantive meus olhos abertos, com muito custo, enquanto meu corpo se balançava em espasmos quando atingiu seu ápice. Vicente cobriu minha boca com a mão, impedindo meus gritos de serem ouvidos até pela síndica.

Seu cenho franziu, a boca apertou-se em uma linha e o corpo tremeu quando ele também chegou ao orgasmo. Ele segurou minha cintura quando as pernas ameaçaram ceder, saiu de dentro de mim, me colocando sobre a bancada, entendendo que minhas pernas não aguentariam o peso do meu corpo naquele momento.

Ele livrou-se da camisinha e arrumou as roupas, se recompondo em um piscar de olhos. Como ele conseguia aquilo, não sei.

Estou aqui amarrotada, corada, suada e me sentindo uma massa de prazer, enquanto ele já parece pronto para a próxima.

Vicente volta para perto de mim, se aproximando para beijar meus lábios de forma gentil. Sinto-me tão relaxada e satisfeita que poderia dormir aqui mesmo.

— Consegue descer? — indaga, fazendo o melhor que pode com meus cabelos rebeldes, colocando-os por trás das minhas orelhas.

Batidas insistentes na porta nos colocam em alerta.

— Saiam já daí. — A voz de Helen soa do outro lado da porta. — Se ainda estiverem vivos depois de todo aquele barulho.

Solto uma gargalhada, jogando a cabeça para trás. Não há mais música no ambiente

nem vozes. A festa já deve ter acabado há um bom tempo.

— Já estamos saindo, não precisa chamar o *SAMU*. — Ela ri do outro lado e ouço seus passos se afastando.

Quando olho para Vicente vejo que está corado. Nem é pelo calor e muito menos pelo pós-sexo.

— Você está com vergonha? — Ele se empertiga, afastando-se.

— Não diga bobagens — murmura, caminhando para a porta e destrancando-a.

Claro que estava!

Ri, desacreditando. Em um momento ele é o próprio pecado encarnado, um lobo devorador e no instante seguinte volta a ser o cordeirinho com cara de bom moço. Vicente é um barato!

Consigo descer do balcão e me encaminho para fora. Não há mais nenhum convidado no salão, apenas o pessoal da limpeza, Helen e Ágata.

— Você não toma jeito, não é? Imagina se a festa estivesse cheia de gente. Geral iria ouvir você e o Vicente. — Ágata repreendeu. Eu ri.

— O que tem? Somo adultos, solteiros, livres. E nem foi tanto barulho assim, vocês exageram.

— O pobre do Vicente saiu daqui vermelho de vergonha.

— Não o deixe ouvir você dizer isso. Ficou irritado porque disse que ele estava envergonhado. — Elas riram. — O Cordeirinho já foi?

— Foi esperar algum táxi, aí na frente.

— Precisam de mim? — Elas negaram com um aceno. — Pois vou subir para tomar um banho e me jogar na cama.

Abracei Helen e dei um beijo estalado na bochecha de Ágata antes de subir para o apartamento delas.

Tomei um banho rápido e vesti uma blusa enorme e velha. Queria conforto e uma cama. Assim que me joguei sobre o colchão confortável, fechei os olhos buscando sono.

Eu gostava desse apartamento, me fazia voltar no tempo, quando meus pais ainda eram vivos e eu implorava para vir passar o final de semana aqui. Essas paredes guardam muito de minhas aventuras, por isso me sinto em casa quando estou aqui.

Helen e Ágata até me convidaram para morar com elas quando meus pais faleceram, mas não quis deixar para trás a casa que eles tanto amaram e que também me trazia muitas boas lembranças.

Acordei com o barulho de vozes animadas vindas da sala. Minha barriga aproveitou esse momento para roncar, então decidi levantar para pegar algo para comer.

Qual não foi minha surpresa ao ver Vicente na sala da casa, colocando uma caixa no chão, em meio a risadas e, claro, acompanhado das duas idiotazinhas metidas a cupido. Estava começando a entender o jogo delas. Mas não iria colar comigo.

— Melhorou do ataque de timidez Vicente? — Impliquei, rumando para a cozinha. Me servi de um copo de suco e voltei para a sala, me sentando confortavelmente no sofá. Seus olhos vagaram por meu corpo.

— Não vou nem te responder. Sei que está tentando me irritar.

— O Vicente nos ajudou e acabou ficando sem táxi para voltar para casa. Como é muito tarde, pensei que ele poderia ficar para dormir aqui. Algum problema Flor? — Estreitei os olhos na direção de Ágata.

Se ela estava pensando que iria criar caso e deixar todo mundo desconfortável, estava enganada. Se sou tão dona de mim, dos meus sentimentos, e tenho sanidade o suficiente para não me deixar envolver, não vou ficar fugindo do Vicente como o diabo foge da cruz.

Ele é um cara legal, gentil, que transa como uma encarnação do Cristhian Grey – mas sem o lace das chicotadas –, não vejo qual o problema em manter uma relação estritamente sexual e educada com ele.

Até porque o próprio Vicente disse que também não era de rompantes romanescos, nem estava afim de compromisso. O que nos tornava bem equilibrados nesse ponto, e permitia que seguissemos sem demais problemas. Ele não me parecia mesmo alguém que grudaria em mim como um carrapato.

Então por que não me divertir e curtir um pouco com ele?

— Problema algum. — Dou de ombros, acabando de beber meu suco, sob três pares de olhos surpresos. — Pode dormir no quarto de hóspedes comigo. — Ouvi as risadinhas das meninas. — Não vamos fazer nada que não queira Cordeirinho — disse, antes de entrar no quarto e fechar a porta.

Um coro de risadas ecoou na sala e eu acompanhei minhas amigas. Acomodei-me sobre os lençóis, voltando a relaxar. Um instante depois Vicente entrou no quarto, com uma toalha em mãos. Seguiu para o banheiro, se trancando lá.

Fiquei tentada a dar uma espiada, ou mesmo ir tentá-lo durante o banho, mas me contive. O pobre nem me conhecia direito, com certeza iria enjoar da minha personalidade em uma semana.

Em alguns minutos ele saiu do banho. Fingi estar dormindo, apertando os olhos, quando abri devagarinho apenas um olho ele estava com o rosto a centímetros do meu.

— Além de provocadora, palhacinha, também é fingida? — Ri, empurrando seu peito.

— É bom te irritar — respondi.

Meus olhos passearam pelo seu peitoral nu, algumas gotas de água ainda desciam pelo seu torso. Deliciosamente lindo.

Ele se jogou na cama, apoiando a cabeça em um dos braços.

Uma câibra repentina fez meu rosto se transformar em uma careta. Essas merdas estavam ficando cada vez mais frequentes e isso não era um bom sinal.

— Porra! — Me sentei, agarrando a perna.

— Com câibra de novo? — Vicente perguntou se levantando de pronto. Apenas assenti, me esforçando para aguentar sem fazer drama. — Não acha que isso acontece com muita frequência?

— É deficiência de vitamina, só isso — balbucio entre dentes.

— Se deita, por favor. — Ele pede, obedeço contrariada.

Ele afasta o lençol das minhas pernas e se senta de frente para mim, massageando minhas panturrilhas. Quase gemo de alívio.

Com paciência, ele aperta, move e afasta a dor.

— Eu falei de mim hoje no bar, mas você foi muito evasiva. Será que estou lidando com uma mulher misteriosa?

— Não há mistério. Também não há muito que saber sobre mim.

— Eu discordo. Acho que você é uma daquelas mulheres que mais parecem um livro do Machado de Assis.

— Qual deles? — pergunto o fitando.

— Dom Casmurro. “*Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada.*” — citou, me deixando encantada e sem fala por breves instantes.

Além de todas as qualidades já supracitadas anteriormente pela minha mente, que praticamente grita “*Que partidão*”, ele ainda é intelectual e lê romance?

— Como foi um golpe baixo citar Machado de Assis, vou falar um pouco de mim. — Disfarcei meu momento de inércia. — Atualmente não faço nada da vida que não seja curtir. Não trabalho nem estudo. Vivo da venda de algumas casas que meus pais me deixaram quando faleceram. Minhas únicas amigas são aquelas loucas que habitam essa casa. Não gosto de relacionamentos afetivos, que prendam, que cobrem. Não que eu seja uma adepta do amor livre. Não é isso. Só gosto de viver como um pássaro, sem ameaça de ser engaiolada, alma franca vagando pela vida. Gosto de encarar o amanhã como uma incerteza e o hoje como o último dia. Vai que chegue o amanhã, vai que *nem tenha* um amanhã para mim. Por isso quero aproveitar tudo que a vida me oferecer, até que eu enjoie dela ou ela de mim. Muitos me jugam por meu discurso, muitos me viraram as costas pelas minhas escolhas, mas essa é quem me tornei.

— Um pequeno passarinho, passeando pela vida — completou. E o aperto que senti em meu coração, seguido de um descompassar, foi a sensação mais inexplicável e imediata da

minha vida.

Ele me entendeu?

— Não vai me chamar de louca? Estou acostumada.

— Por que chamaria? — Deu de ombros. — Concordo com você em muita coisa. Até eu adoraria viver um tempo assim, só de liberdade. Porém, infelizmente, não posso. Tenho que me manter, ajudar minha mãe, enfim... Mas não seria capaz de julgá-la por nada disso. — Encarei seus olhos verdes, sem acreditar em tudo que acabou de me dizer.

Vicente era real? E por que logo agora o destino colocou em minha vida alguém que aparentemente entendeu minhas escolhas loucas em uma conversa de minutos, quando pessoas que conviveram comigo anos, não entenderam? Ele nem me perguntou por quê!

A dor na perna havia desaparecido, junto com toda e qualquer possibilidade de enxergar esse homem de uma forma que não fosse com extrema admiração.

— Melhor? — perguntou, quebrando o silêncio. Até então nem havia notado que estava o encarando fixamente.

— Muito melhor. — Pigarreei para clarear a voz. — Muito obrigada.

Ele voltou para seu posto, deitando-se ao meu lado. Desligou o abajur do seu lado da cama, eu fiz o mesmo no meu.

O barulho da sua respiração indicou que ele havia dormido. Já eu passei toda a noite remoendo o que ouvi dele.



Acordei com o barulho das minhas amigas, que mais pareciam hienas rindo. Fiz minha higiene matinal e segui para a cozinha, não mais me impressionando por Vicente estar lá junto delas.

— Bom dia! — murmurei, me servindo de um pouco de café.

Todos me olharam, provavelmente assustados pelo meu humor melhorado na manhã.

— O que aconteceu com você durante a noite? Você nunca acorda de bom humor! — Helen implicou.

— Você roubou a alma dela, Vicente? — Ágata completou.

— Engraçadinhas.

— Ela é uma flor disfarçada de megera — disse ele. Mostrei o dedo do meio para Vicente. — Essa é minha garota.

Acabei de beber meu café e voltei para o quarto, explicando que iria me vestir para ir

embora. Vicente iria comigo.

Despedi-me das minhas amigas, combinando encontrá-las para uma sessão de cinema muito em breve. Tomamos um táxi na rua ao lado ao prédio. Vicente fez questão de ir comigo, se certificando de me deixar em casa.

Pedi que o taxista parasse em frente ao parque, bem próximo a minha casa.

— Tem certeza que quer ficar aqui? Ele fazer o retorno e te deixar em frente a sua casa.

— São dois minutos até lá, não se preocupe — retruquei, já fora do carro.

— Então desço aqui também — Ele estava puxando a carteira do bolso quando um gritinho afetado roubou sua atenção.

Uma loira que se aproximou do táxi, quase saltitando a cada passo. Era daquele tipo siliconada, que vive em academia. Revirei os olhos pela obviedade dela.

— Vicente? — gritou, correndo para o lado onde ele estava e se enfiando pela janela para abraçá-lo.

Ele, como bom cavalheiro e *cafajeste*, saiu do carro, completando o abraço efusivo. Os olhos fixos no corpo da mulher, marcado por um macacão de academia.

Pelo amor de Deus!

— Maitê. Você está belíssima! — Com essa frase empolgada de Vicente fiz minha retirada.

Homens! — Revirei os olhos, caminhando rumo a minha casa.



Capítulo Cinco

Flor de Lis

E

u tinha marcado de ir ao cinema com Helen e Ágata no meio da semana. Nos falamos pelo telefone duas vezes nos últimos três dias e, em uma dessas conversas, elas me disseram que Vicente estava tentando me encontrar, pediu, inclusive, meu número de telefone. Impedi que elas passassem a informação para ele.

Sim, eu sei que prometi para mim mesma parar com tanta paranoia e não ficar fugindo do rapaz, mas não disse que o queria com meu contato, muito menos bancando o amiguinho do peito. Gosto dele, mas não vou deixar que tenha um status maior do que uma aventura passageira em minha vida.

É o melhor para mim e para ele mesmo, principalmente.

Não tenho me sentido muito bem por esses dias. Me sinto extremamente cansada, tenho perdido peso, e além das câibras e espasmos musculares estarem mais frequentes, ainda tenho notado uma perda de força progressiva no braço esquerdo. A maldita sentença estava finalmente iniciando-se em minha vida.

Na verdade demorou mais do que esperava. Afinal já se passou quase um ano desde o dia em que o médico me disse à frase que mudaria minha vida.

Nunca irei me esquecer daquela tarde, aparentemente comum na minha rotina. Saí do trabalho e fui direto para o hospital. Claro que achei estranho que me pedissem uma série de exames após algumas quedas bobas, mas não estava pronta para ouvir tudo o que aquele homem me disse naquele fatídico dia.

O que meu corpo sofreria a transformação em minha vida, os tratamentos a qual seria submetida e, que ainda assim, provavelmente faria muito pouco por minha recuperação.

Eu me lembro de quando saí do ambulatório, após assinar um termo de responsabilidade por me negar a qualquer tipo de tratamento, que não me seria eficaz.

Não consegui chorar. Eu simplesmente respirei profundamente e, pela primeira vez na vida, notei o quão maravilhoso esse ato simples é. Eu olhei a redor e notei que estava de pé, andando, vendo, ouvindo, vivendo... E estava gastando minha existência em trabalho e

estudos. Nunca tive tempo para mim, sempre ambicionei um futuro com bom retorno financeiro, por isso vivia correndo, me dividindo entre estudo e trabalho.

Mas afinal para quê?

Não entendam mal. Não que eu esteja dizendo que todo mundo deve agora largar seus trabalhos e escola e viver a vida loucamente. Eu fiz isso por saber que não haveria mais motivos para esforços meus.

O que eu queria que todos entendessem é que o tempo, esse precioso dia de 24 horas, que nos foi dado, deveria ser dividido de uma forma que nos permitisse viver e não apenas existir. Ter tempo para parar e apreciar uma paisagem, fazer uma coisa que sempre quis, cuidar dos filhos, ser você mesmo e não um robô que entra em um metrô às cinco da manhã e volta para casa às dez da noite.

No entanto as idealizações nem sempre são possíveis, e sei que a vida real é muito dura para muita gente. Mas até onde conseguir, colocarei na cabeça de qualquer pessoa que cruzar meu caminho a importância de *viver* em algum momento da sua vida.

O sol naquele dia pareceu brilhar de uma forma diferente para mim. E não me senti uma pessoa infeliz pela notícia devastadora que acabara de receber. Por que seria infeliz? Eu passei anos aqui na Terra, eu ri, chorei, amei, fiz coisas incríveis e coisas ridículas. Não cabia a mim amargar o resto dos meus dias.

Então fiz a opção de viver, pura e simplesmente. Alçar voo pela vida, fazer tudo que me desse vontade. Beijar a boca pela qual sentisse desejo, me entregar por uma noite que fosse, praticar os esportes que sempre quis, ler os livros, ouvir as músicas e ver os filmes que sempre deixei de lado pela falta de tempo.

E deu tão certo. Fui tão feliz nesse último ano. Cresci em 365 dias o que não cresci nos 22 anos anteriores. E sou grata. Entendo que o tempo está seguindo seu percurso e correndo, e serei vítima desse tempo muito em breve.

É, eu fraquejo às vezes. Sou humana, afinal! Mas sempre que meus pensamentos pequenos tentam me deixar triste e amargurada eu mostro que há muita força em meu coração para que me deixe abater.

Pouco temo da vida, mas se tem algo que me deixa extremamente temerosa é fazer alguém que me ama sofrer. Perdi meus pais e sei a dor que nos assola ao ver alguém que amamos partir. Somos incapazes de lidar com isso. E é o que tento evitar, afastando o máximo de pessoas possíveis.

Ágata me ligou na quarta e inventei uma viagem para o interior, desmarcando nosso cinema.

Na quinta à noite precisei pedir ajuda à vizinha para que ela chamasse uma ambulância. Minha mente forte sucumbiu diante da fraqueza física.



— Li em seu prontuário que quem lhe acompanhou foi o Dr. Abreu. — Havia dois médicos, uma enfermeira, um fisioterapeuta e uma assistente social parados em minha frente. — Ele não está na cidade, mas pediu que visse seu caso e que o procurasse na próxima semana, quando ele voltará do congresso.

— Ele não desiste. — Desdenhei.

— Sabe que sua doença está progredindo? — O outro médico falou.

— É o que se espera dela, afinal — brinquei. Ganhando olhares de choque e pena.

— Tem tomado o medicamento que Abreu lhe prescreveu?

— Sim — disse monossilábica.

Olhei para os lados, para as paredes de cor creme, sentindo o cheiro característico de hospital. Nada me fazia sentir tão claustrofóbica quanto esse lugar.

— Vamos interná-la para um acompanhamento e...

— Nem pensar. — Me levantei, sentindo o lado esquerdo do corpo pesar um pouco. Nada que eu não conseguisse disfarçar. — Estou indo embora agora mesmo daqui. Diga ao Dr. Abreu que irei procurá-lo assim que ele voltar, mas agora vou para minha casa.

— Flor, a partir de agora a doença vai aparecer com mais frequência. Gostaria de saber se tem alguém para se responsabilizar por você? — A assistente se pronunciou.

— Sou maior de idade e a única responsável por mim mesma. Não precisam se preocupar, eu estou muito bem. E sou inteligente o suficiente para buscar ajuda quando estiver definitivamente na hora de fazê-lo. — Me direcionei para o médico que se apresentou como responsável pelo atendimento. — Pode assinar à alta e trazer o termo que tenho que assinar, por favor?

— Tem certeza?

— O senhor sabe que não adianta muito minha estada aqui. — Ele assentiu, se retirando e levando consigo a equipe que o acompanhava.

Caminhei até o banheiro, lavando o rosto como pude, já que havia uma agulha em meu braço. Quando voltei para o quarto a enfermeira e o médico estavam me aguardando. Ela me livrou do soro, e o médico estava com uma prancheta em mãos.

— Não tem tido dificuldades para respirar ou deglutir?

— Ainda não — respondi enquanto rabiscava os documentos com minha assinatura. — O que quer dizer que ainda estou bem o suficiente para ser eu — Lhe entreguei a prancheta, sorrindo. — Muito obrigada por sua atenção. — Ele assentiu, parecendo preocupado. Ele me

estendeu a mão e a apertei.

E eu saí daquele hospital com ainda mais ânsia de viver.



Observei a paisagem dali de onde estava, um paredão da Cachoeira do Roncador. É, parece meio estranho sair do cenário de um hospital para um rapel louco em uma cachoeira. Mas lembra da história da ânsia de viver? Eu não brinco em serviço!

Assim que saí do hospital liguei para meu treinador de rapel e pedi uma aula para o dia seguinte e agora cá estou eu, há alguns bons metros de distância do chão, observando a natureza em toda sua glória em cada detalhe. Sentindo o sol ameno na pele, a brisa no rosto, o cheiro de mato e a água fria molhando meu corpo.

Simplesmente incrível!

— Vamos descer Flor — gritou, instruindo-me a soltar devagar as cordas.

O peso do lado esquerdo do meu corpo até tentou dificultar minha vida, mas eu não deixei isso acontecer. Terminei minha aula sem maiores problemas e marquei para o final de semana arvorismo e tirolesa.

Ajudei a guardar meus equipamentos e me despedi de Danilo, pegando a estrada de volta logo em seguida. Até queria ter mergulhado, mas havia combinado com as meninas que iríamos para o Anexo, e ainda queria caminhar no parque hoje. Fazia muitos dias que não tive o prazer disso.

Uma hora depois, estava finalmente em meu lar. Marlene, a diarista simpática e tagarela já havia saído, deixando minha casinha com cheiro de limpeza e de seus biscoitos de polvilho, que ela sempre deixava como mimo para mim.

Tomei um banho rápido, vesti minha calça de pijama e top, calcei o tênis e me apossei do meu celular, saindo de casa. Lulu Santos – De repente, Califórnia – começou a tocar, dando a minha caminhada um ar ainda mais leve e descontraído.

Já era quase cinco da tarde, então não esperava ver Vicente por ali. Na maioria das vezes ele corria pela manhã ou depois das seis da tarde. E desde quando eu havia gravado a rotina de Vicente em minha mente?

Bufei, irritada comigo mesma.

Até que sentia falta dele. Do seu jeito sem vergonha, da sua cara de bom moço, e, claro, da química sexual que nos une.

Minha leveza e tranquilidade foram para o ralo, junto com minha vontade de caminhar, assim que avistei Vicente mais à frente acompanhado da loira óbvia que o abordou outro dia aqui mesmo nesse parque.

Maitê!

Eles corriam ladeados, entre uma conversa animada e sorrisos. Ela tocou o braço dele e a dupla parou para tomar água. Eu girei em meus calcanhares e caminhei de volta para casa.



O Anexo hoje estava mais lotado que de costume. O tema era festa sertaneja, o que explicava a superlotação. Uma dupla estava no palco, cantando uma das minhas músicas sertanejas favoritas – Evidências, Chitãozinho e Xororó. Quem, por Deus, não sofre ouvindo essa música? Eu nem tenho por quem sofrer, mas é impossível não me sentir emocionalmente abalada por uma letra dessas.

Estava cantando bem perto do palco, ao lado de Ágata, que estava tietando um dos cantores da dupla. Apenas ela veio comigo hoje.

— Sua Maria botina — impliquei, cutucando-a. Ela riu, se afastando.

— O outro cantor não para de olhar para você. — Indicou com um gesto o homem. Ele realmente estava me olhando fixamente.

— Não estou afim de ficar com ninguém hoje. — Desdenhei, virando o restante da minha bebida.

— Mas em compensação está afim de ficar bem bêbada, não é? — Sua expressão ficou séria.

— Não enche meu saco Ágata.

Deixei-a falando sozinha e rumei para o bar. Precisava de mais bebida.

Não gosto de beber muito, mas hoje estava buscando a embriaguez. O fato da imagem de Vicente e a loira ter implantando em mim certo desconforto me deixou com um péssimo humor. Ficar bêbada não resolveria, mas ajudaria.

Estava aguardando minha bebida, inclinada sobre o bar, quando um par de mãos segurou minha cintura. Minha pele inteira se arrepiou em reconhecimento. Estava aí à química da qual tinha falado tanto. Nem precisei me virar para saber de quem se tratava.

Peguei minha cerveja e paguei, finalmente virando-me de frente para Vicente.

— Pensei que fosse me deixar pagar sua bebida dessa vez. Garota difícil! — Brincou. Eu não achei muita graça. Na verdade não estava achando nada muito engraçado.

— Eu me viro. Obrigada. — Tentei soar simpática. Devo ter falhado, porque ele franziu o cenho.

— Você está bem? Sumiu naquele dia no parque, depois não a via mais por lá. Até pedi seu número a Ágata, mas ela disse que não passaria sem seu consentimento.

Uma vez na vida minha amiga foi sensata e não quis bancar o cupido.

— Não pareço bem? — Ele me olhou de cima a baixo e pude notar seu olhar de desejo.

— Parece incrivelmente linda — disse. Sorri provocante.

— No parque, não foi um sumiço, foi uma retirada. Você estava empolgado com a loira óbvia. Ela não veio com você?

— Maitê? — Revirei os olhos diante da menção. O nome dela parecia estar interligado a alguma parte do meu cérebro, porque sempre que ouvia meus olhos se reviravam automaticamente. Assenti. — Ela é minha ex-namorada. Achei estranho encontrá-la aqui em São José, ela estava fora do Brasil.

Minha mente debochada e ácida formulou uma pergunta e uma resposta bem feia sobre o que ela estaria fazendo fora do Brasil.

— Legal — falei de uma forma bem afetada. Nitidamente desdenhando do discurso dele.

— Qual seu problema hoje, mulher? — Ele riu. — Claro que quase sempre é uma megera, mas você está se superando.

— Não é pessoal. — Coloquei a mão sobre seu peito, aproximando meu corpo do seu e me esticando para sussurrar bem em seu ouvido. — Só não estou afim hoje.

Dei as costas e saí dali, virando o conteúdo da garrafa de uma só vez, para aplacar as respostas intensas do meu corpo pelo mínimo contato com Vicente.

A noite seguiu em uma sucessão de músicas, dança, flertes e bebida, muita bebida. Estava absolutamente tonta quando o show acabou e os cantores deixaram o palco, se encaminhando na direção minha e de Ágata.

Minha amiga estava irritada comigo. Tanto pelo meu humor estranho quanto pela quantidade de bebida que havia ingerido.

O nome do cantor que veio em minha direção era Bruno ou Benício, não consegui entender direito. Ele jogou uma conversa fiada qualquer, cantou alguma coisa em meu ouvido e logo estava pendurada no pescoço dele.

Ele era bem bonito, pelo que consegui discernir do rosto e do corpo. Beijava-me com intensidade, e logo suas mãos estavam passeando no meu corpo. Gostei da forma como me segurou, forte e firme, como desceu os lábios por meu pescoço. Estava me fazendo gemer e me deixando excitada.

— Já chega Flor. — A voz de Ágata soou em algum lugar perto de mim. Mãos me puxaram para longe do cantor e eu protestei em meio ao momento turvo da minha mente.

Uma breve discussão se iniciou. Não consegui prestar atenção em muita coisa, já que o mundo estava girando e eu me sentia prestes a vomitar.

— Vamos, segure-se em mim. — Aceitei o apoio de Ágata, praticamente sendo

arrastada por ela.

Quando o vento gelado bateu em meu rosto, meu estômago se revirou.

— Vou vomitar ou desmaiar. Não sei direito — balbuciei de forma débil.

— Se mantenha firme, por favor. Não vou aguentar seu peso.

— Venha aqui Flor. — Detectei o dono da voz rouca, mesmo com todo o torpor do álcool. Ele me tirou dos braços de Ágata e me fez envolver seu pescoço.

Seu peito quente foi um apoio maravilhoso para minha cabeça. Quase ronronei ao senti-lo tão perto.

— O que aconteceu com ela? — Identifiquei preocupação em sua voz.

— Eu não sei. A Flor sempre foi meio misteriosa, mas tem ficado cada dia mais arredia e estranha. Algo está acontecendo, mas ela não conta o que é. — Ágata respondeu chorosa. Não queria vê-la chorando. — Nunca a vi tão frágil. Bebendo dessa forma.

— Vou tentar descobrir. Vamos embora, meu carro está logo ali.

É a última coisa que me lembro de ter registrado, antes de apagar completamente.



Capítulo Seis

M Flor de Lis

inha cabeça martelava insistentemente. Na primeira tentativa de abrir os olhos, tudo a minha volta girou e um gemido escapou por meus lábios. Meu estômago estava revirado e minha boca estava seca. Uma ressaca filha da mãe.

Consegui, após algumas tentativas, me sentar. Olhei ao redor reconhecendo o quarto de hóspede da casa de Agatha. Agradei mentalmente, pois poderia estar em qualquer lugar agora, até na casa daquele cantor.

Não que fosse um problema para mim acordar na cama de um quase estranho, mas odiava fazer algo de que não lembrava, ou da qual não tivesse completamente sóbria para tomar decisões.

Agradeceria a Ágata por ter me impedido de seguir com o cantor, e também me desculpar por qualquer coisa que tenha feito. Só preciso me lembrar o que aprontei exatamente.

Me levantei, caminhando devagar até o banheiro. Fiz minha higiene matinal, agradecendo mentalmente as meninas por terem mantido minhas coisas ali, apesar de eu nem morar na casa.

Encontrei Helen colocando a bolsa sobre o ombro e se levantando depressa da cadeira, Ágata estava tomando café tranquilamente. A expressão que direcionou a mim não foi nada boa, o que me leva a crer que eu aprontei feio ontem.

— Quero ter uma conversa séria com você em breve. — Helen disse séria. — Isso só não vai acontecer agora porque tenho que ir correndo cobrir o plantão de uma amiga.

Assinto incapaz de retrucá-la. Observei-a se afastar, em suas roupas brancas de enfermeira, ela ficava ainda mais bonita. Voltei-me para Ágata, que estava me fitando em silêncio. Dela eu não escaparia.

Apoiei a cabeça nas mãos, abaixando-a para esperar a enxurrada de lições. Ágata quase nunca falava sério, mas quando o fazia conseguia ser mais dura que Helen.

— Quero saber o que está acontecendo com você? — Seu tom de voz foi duro. Lancei-lhe um olhar de esguelha. — Está claramente escondendo algo.

— Impressão sua. — Dei de ombros despreocupadamente.

Uma despreocupação que não sentia realmente. Agora que, definitivamente, a doença está progredindo, a ideia de me afastar das meninas parece mais perto e mais dolorosa. Não as quero por perto quando tudo realmente for real e visível.

— Está dizendo isso porque não tem prestado atenção em seu comportamento autodestrutivo. Ou até tenha e está negando a si mesma. — Soltei uma risadinha sarcástica.

— O que chama de autodestruição, eu chamo de diversão. Sabe que decidi viver assim no último ano.

— A coisa toda só vem piorando — arrulhou, levantando-se bruscamente. — Uma coisa é se divertir e outra bem diferente é encher a cara até cair bêbada, tratar as pessoas grosseiramente e quase fazer sexo na pista de dança com um estranho.

Me levantei, indo até a geladeira buscar um copo de água. Servi-me, tentando não soar ácida na frase seguida.

— Pensei que fosse pior — disse tranquilamente. Ela bufou completamente irada.

— Sei que está tentando me irritar mais ainda, para que eu nem mesmo consiga continuar a discussão, mas não irá conseguir. O que está acontecendo Flor?

Bebi minha água, empurrando o nó que se formava em minha garganta. Queria falar para ela, dividir esse fardo com alguém, mas a comoção que se seguiria, acompanhada da insistência para um tratamento, me fazia desistir. Não iria envolver ninguém nisso.

— Estava irritada com Vicente — repliquei. Ela franziu o cenho, sua expressão se alterando genuinamente. Sei o que ela está pensando. E prefiro que ela pense isso a continuar inspecioinando meus atos até encontrar um motivo para eles.

— Por quê?

— Nada em específico. — Desdenhei, colocando o copo na pia. — Fui muito ruim com ele? — Mudei o rumo da história.

— Foi ridícula — confirmou com um tom de voz bem menos irritado. — E ele foi um fofinho, cuidou de você a noite toda.

Meus olhos quase saltaram da orbitas, esgasguei inclusive com o ar.

— Como assim cuidou de mim?

Apertei o balcão atrás de mim com força, com aquela sensação de quentura inquietante.

— Você estava desmaiada, não pude te carregar e ele fez o favor. — Um sorrisinho matreiro esticou seus lábios. — Depois que você vomitou no colo dele, igualzinho a menina do exorcista, ele ficou preocupado e dormiu do seu lado.

Revirei os olhos diante do seu tom afetado. O que ela estava pensando?

— Pare de pensar bobagem. Ele é só gentil demais. Vou pedir desculpa e agradecê-lo pela ajuda.

— Tudo bem — disse ainda com aquele tom de quem sabe mais do que realmente é.

— Agora tenho que ir. Tenho trilha daqui a pouco, vai me ajudar com a ressaca. — Ela riu, aproximando-se quando abri os braços lhe pedindo um abraço. — Por favor, me perdoa por ontem.

— Não consigo ter raiva de você — murmurou em meio ao abraço. — Só se cuida, *tá*?

— Pode deixar. — Deixei um beijo estalado em sua bochecha. — Ligo para vocês mais tarde.

Ela assentiu. Retribuindo meu aceno quando saí.



Estacionei o carro, sentindo tamanha preguiça que nem mesmo tive coragem de descer para abrir o portão e colocar o carro na garagem. Depois faria isso.

A bebedeira de ontem, à noite mal dormida e a intensa trilha, acabaram comigo.

Praticamente me arrastei até a frente da minha casa, quase caindo para trás quando vi quem estava parado ali.

— Boa tarde, Flor! — Ele ergueu uma sacola em minha direção. — Trouxe comida.

Eu ri, porque não me restava muito a fazer. Aquilo era obra de Ágata, posso apostar. Ela não vai mais me deixar em paz depois de eu ter contato que estava irritada com ele. Como ela mesma disse, eu nunca dei importância suficiente para ter qualquer tipo de sentimento por nenhum cara, mesmo que fosse irritação.

— E se eu te disser que estou sem fome — brinquei, me aproximando. Ele deu de ombros, sorrindo daquele jeito adorável.

— Não vou acreditar muito, porque você está com uma cara péssima — retrucou. Ri, estapeando seu ombro.

— Que indelicado. — Passei por ele, abrindo a porta. — Entre, por favor.

Vicente me obedeceu, entrando acanhadamente na casa. Ele é uma dubiedade ambulante. Em um instante é sagaz e sem-vergonha, no momento seguinte é tímido e suscito.

Ele olhou ao redor, analisando minha casa em silêncio.

— Mora sozinha aqui?

— Eu e uma família de rinocerontes — soltei ácida. Ele fez uma careta.

— Mereci essa. — Caçoou de si mesmo. — Só achei a casa grande demais.

— Morava com meus pais. Quando eles morreram fiquei sozinha — expliquei. Dei de ombros, mudando o rumo do diálogo. — O que trouxe para comer?

— Comida chinesa.

— Odeio comida chinesa. — Capturei o telefone, jogando-o em sua direção. — Pede uma pizza pra gente, enquanto tomo um banho rápido. E fica a vontade, por favor.

Ele assentiu, rumando para a sala. Subi as presas para o quarto, me livrando da roupa pelo caminho. Tomei um banho rápido, vesti algo confortável e descii, encontrando Vicente mexendo em minha TV.

Ele não havia notado minha presença ainda. O que me deu tempo para ficar observando-o enquanto fuçava um botão e outro da televisão. Ele estava absolutamente lindo naquela função, o vinco na testa estreitou seus olhos, deixando sua boca mais evidente. Queria beijá-lo naquele exato momento.

O pensamento me inquietou. Achei por bem mudar o rumo que minha mente insistia em tomar.

— Problemas por aí, Cordeirinho? — indaguei, ele meneou a cabeça, apontando para a televisão.

— O filme está no ponto, a pizza já chegou, só nos resta aproveitar. — assenti.

— Antes disso queria falar com você. — Tomei uma respiração profunda, buscando coragem. — Preciso me desculpar pela noite de ontem e agradecer por ter cuidado de mim. A situação toda foi ridícula, e por mais louca que pareço às vezes, não costumo fazer isso.

— *Shhh!* — interrompeu-me. — Não há porque se desculpar comigo. Só queria que tivesse mais cuidado com si mesma. Aquele cara iria se aproveitar da sua embriaguez. E poderia ser qualquer um, entende? — Sua expressão era de genuína preocupação, o que me fez sentir um carinho enorme por ele. Salvo meus pais e minhas duas melhores amigas, ninguém se preocupou assim comigo.

O que me colocava naquele redemoinho de emoções conflituosas e confusão de pensamentos. Por mais que eu e negue, Vicente e eu temos uma ligação, o que me preocupa é o tipo de sentimento que nos liga. Jamais pode ser mais que uma amizade.

— Prometo que tomarei mais cuidado. — Ele assentiu, desviando os olhos.

— Vamos ao filme? — Assenti, me acomodando ao seu lado.

— Mas vai ter de me dizer qual das minhas amigas traíras deu meu endereço para você...

Passamos a próxima hora divididos entre comer, conversar e ver o filme. Confesso que esse último citado, mal fizemos.

Rimos muito relembrando loucuras já feitas, discutimos um pouco sobre a vida, e ele

até conseguiu arrancar algumas coisas ao meu respeito. Já eu descobri muito dele, dos seus dois relacionamentos anteriores, da sua aversão momentânea por envolvimento amoroso, da sua fadiga pelo trabalho atual e do seu amor incondicional pela mãe.

Vicente é definitivamente um homem excepcional. Se eu não me encontrasse na situação atual, com certeza lhe daria uma chance. Pena que a vida nos apresenta certas chances quando não podemos optar realmente por elas.

Mas não ficaria me lamentando. Não por isso.

Ele notou que o observava e virou-se em minha direção.

— Um prêmio por seus pensamentos. — Quebrou o silêncio.

Seus olhos mergulhados nos meus, o sorriso lateralizado harmonizando completamente com sua expressão.

— E que prêmio seria? — retruquei. — Se a oferta for boa, eu até conto.

— Um beijo meu — soltou, capturando o controle de cima da mesinha e desligando a televisão.

O clima de amizade se alterou visivelmente. Vi desejo flamejar em seus olhos, enquanto mergulhava no joguinho de sedução que estávamos prestes a iniciar.

— Achei muito fraco — desdenhei. Ele colocou a mão sobre o peito, teatralmente.

— Está menosprezando o meu beijo, Flor de Lis? — Forcei os lábios fechados, impedindo-me de rir. — Saiba que fui considerado o beijador do ano em minha escola, há muitos anos.

— Não perdeu um pouco o jeito? — Provoquei. Ele estreitou os olhos.

— Talvez não tenha me empenhado suficientemente nas minhas outras performances com você. Se permitir, posso tentar melhorar. — Apenas centímetros nos separavam agora. Podia sentir sua respiração contra meu rosto, o que fez meu coração acelerar em expectativa.

— Vou te dar essa chance — murmurei, segurando sua nuca firmemente. — Não me decepcione.

Um instante depois sua boca estava devorando a minha em beijos. Não foi preciso muito para estarmos entregues ao desejo que sempre nos consumia na presença um do outro.

A urgência do beijo culminou no tirar frenético de roupas, em toques delirantes e em uma união de corpos que nos arrancou gemidos de puro prazer.

Minhas unhas raspavam suas costas, marcando-o, enquanto sua boca fazia um trabalho maravilhoso em meus seios. A soma de nossos gemidos e gritos com o barulho de nossos quadris se chocando em um ritmo intenso e enlouquecedor só contribuía para o orgasmo que se construía em meu núcleo se fortalecer.

— Flor. — Meu nome escapou por seus lábios no exato momento que nossos olhares

se conectaram, e fui roubada do meu corpo, flutuando para o céu. Me desfiz em um orgasmo que me tirou de órbita por longos instantes.

— Oh, Vicente. — Fui incapaz de refrear o grito que enchia meu peito.

Perdida em sensações, ouvi sua respiração descompassar e seu corpo estremecer sob o meu quando ele chegou ao seu clímax.

Ficamos em silêncio, nessa mesma posição por minutos. Estava confortável aninhada em seu colo, a cabeça descansando em seu ombro, seus dedos deslizando em uma carícia deliciosa por minhas costas.

Não sou dada a esse tipo de contato após o sexo, mas estava me sentindo tão confortável ali, que parecia um pecado me afastar. E nem tinha forças para tal.

Ele me deitou, aninhando-se atrás de mim, suas carícias passando para meu ventre. Um suspiro satisfeito escapou por meus lábios enquanto curtia o carinho e o silêncio.

— Será que temos que analisar o que estamos vivendo? — Sua voz soou distante, diante do meu sono.

— É tão simples — murmurei meio grogue. — Estamos transando de vez em quando.

— Não gostei — retrucou.

— Cobranças, Vicente? — indaguei em tom brincalhão, mas com certa ponta de verdade. Ele ficou em silêncio por algum tempo, quase me fazendo derivar no sono de vez.

— Podemos ser amigos. Amigos que transam — concluiu parecendo orgulhoso de si mesmo.

— Se eu concordar, você cala a boca e dorme?

Ele me apertou contra seus braços e beijou meu pescoço.

— Prometo.

— Tudo bem então.

Se fez silêncio após isso, e então me permiti a cair no sono.



Capítulo Sete

Flor de Lis

M

exo-me desconfortavelmente, sentindo o pescoço doer pela hiperextensão. Vejo a claridade que entra pela janela e noto que já amanheceu. Sento-me, observando por um instante a figura serena que dorme no sofá.

Não sei como conseguimos passar a noite aqui, grudados. O espaço é pequeno demais para nós dois, mas claramente não nos importamos com isso, pois dormimos a noite inteirinha.

Um sorriso brota em meu rosto enquanto cenas da noite anterior polvoam meus pensamentos. Vicente conseguia tornar qualquer situação trivial em algo a se lembrar. Acredito que é um dom que carregue, e que deve fazer muito sucesso com as mulheres.

Subo para meu quarto para tomar um banho rápido e mudar de roupa. Desço 15 minutos depois e o encontro ainda dormindo, numa posição deliciosa. Está de bruços, completamente nu. As costas largas marcadas por minhas unhas, a bunda formava uma elevação aplaudível e as pernas torneadas completavam a visão. Precisa falar da expressão de plenitude, os cílios longos e a boca carnuda levemente aberta? Ele é uma pintura!

Aproveito para adiantar algo para o café. Não sou uma cheff, mas quebro bem um galho. Fiz café, dispus sobre a mesa torradas, manteiga, geleia e algumas frutas. Estava acabando de preparar o suco quando uma figura impressionantemente linda parou no umbral da porta.

— Posso usar seu banheiro? — perguntou meio tímido. Olhei-o de cima a baixo, lambendo discretamente os lábios ao notá-lo seminu. A calça pendia em seus quadris estreitos, o peito nu levemente marcado por músculos, faria qualquer uma perder o juízo.

— Suba as escadas. É a segunda porta a direita — instrui, ele assentiu rumando para o caminho indicado. — Fique a vontade.

Alguns instantes depois ele reapareceu, devidamente vestido e com cheirinho de creme dental. Eu já estava sentada, servindo-me. Antes de se juntar a mim, ele caminhou até meu lado e beijou meus cabelos.

— Bom dia, Flor.

— Bom dia — murmurei em resposta. — Não caprichei muito, mas acho que dá pra comer.

Ele se serviu, começando a refeição em silêncio.

— Pode me passar a manteiga? — pediu. Eu atendi-o, soltando uma risada em seguida, Vicente acompanhou meu riso.

— O que há?

— Estamos parecendo um casal daqueles de comercial de margarina. Tão brega. — Revirei os olhos. Ele levantou-se em um sobressalto, me pegando desprevenida e me enchendo de cócegas.

— Pare Vicente! — gritei, me contorcendo, enquanto tentava me livrar do seu ataque. — Pare.

Ele aproveitou meu momento de crise para calar meus risos com um beijo. Intenso o suficiente para me fazer esquecer tudo. Vicente me levantou, sentando-me sobre a mesa e se encaixando no meio delas.

O beijo ganhou força, e quando sua mão desceu por minha coxa, acariciando-a internamente, gemi guturalmente.

O celular dele tocou, nos interrompendo. Ele tirou o aparelho do bolso, olhando para a tela.

— É do trabalho, estou atrasado.

— Tudo bem. — Sorri, afastando-o e descendo da mesa. — Também tenho aula de natação daqui a pouco, depois Zumba.

Ele riu, meneando a cabeça.

— Não consigo acompanhar esse seu pique aventureiro — comentou. Virei-me para tirar a mesa.

— Olha que consegue — retruquei rindo.

Recebi como resposta uma tapa no traseiro. Olhei para ele, chocada.

— Eu volto mulher — dizendo isso, saiu.

— Babaca — gritei.



Uma semana depois

— Não precisava vir me trazer Vicente — retruquei, pausando para tomar um gole de água.

Ele respirou fundo, parando no portão da minha casa. Seus olhos expressivos se fixaram em mim por um instante silencioso, que logo fiz questão de quebrar.

— Está querendo entrar, não é? — Olhei para os lados, identificando o completo breu da rua. Me aproximei dele provocativamente, pousando as mãos em seu peitoral e usando-as de suporte para me impulsionar na ponta dos pés. Encostei os lábios em sua orelha, deleitada com o cheiro de sabonete, colônia e suor. Senti meu corpo pulsar. — Mas estou naqueles dias, querido. Desculpa frustrar seus planos.

Afastei-me a tempo de vê-lo inspirando profundamente. Sua expressão de desejo suavizou.

— Você só pensa nisso? — A sobrancelha arqueada e o tom divertido me fazia querer rir. — Eu queria conversar, tomar alguma coisa... Você só pensa bobagem.

— Não seja hipócrita Vicente, todas as vezes que conseguiu se infiltrar em minha casa foi com essa desculpa e sempre terminamos transando. — Ele e eu rimos.

— A culpa é absolutamente sua — acusou. O empurrei, abrindo o portão que dava acesso a varanda e fechando-o em seguida.

— Dá o fora. Hoje você não me convence.

— Sedutorazinha. — Eu ri, dando-lhe as costas e saindo reboativa até estar em meus aposentos.

Me joguei no sofá, soltando o ar dos pulmões. Estava cada vez mais difícil esconder a expressão de dor diante dos meus amigos, ou até mesmo disfarçar quando um membro pesava e não conseguia coordená-lo direito. Mas não me deteria a isso, não agora que estou vivendo o melhor momento da minha vida, o mais leve e alegre.

Depois que aceitei que não haveria como afastar Vicente por agora, tudo pareceu fluir com uma leveza impressionante. Nós nos vimos todos os dias nessa última semana.

Pelas manhãs corremos juntos, jogando conversa fora, rindo de algumas besteiras, nos conhecendo cada vez mais. A noite ele quase sempre aparece em minha casa, com alguma desculpa bem esfarrapada e descarada. Da última vez ele disse estar ponderando minha necessidade de ter alguém para fechar um zíper traseiro de um vestido. Já que não via como uma pessoa solitária resolver esse problema.

Ele é um sem-vergonha!

Jantamos juntos, tentamos assistir algum filme e acabamos transando no chão, no sofá ou mesmo na cama, que não é o mais comum para nós. Não dormimos mais juntos depois daquele dia. Acho que esse negócio de dormir junto acaba pesando muito em uma relação de amizade, por isso ele sai daqui quase de madrugada todos os dias. O que vem explicar as olheiras marcando a pele dele.

E assim, após eu me livrar de toda a paranoia e entender que realmente o que Vicente e eu queremos é apenas amizade e um sexo descomplicado, permiti que ele entrasse em minha vida, e não poderia estar me sentindo melhor com relação a isso.

Acredito piamente que voltei a ser a Flor descomplicada e leve, sem pensamentos excessivamente futuristas, onde visualizada um Vicente apaixonado chorando no meu leito de morte.

Ele é apenas um bom amigo, que adoro ter em minha vida, assim como Ágata e Helen. E quando chegar a hora afastarei todos, para o bem da minha sanidade mental e deles.



Mais alguns dias se passaram e tudo continua na perfeita ordem. Diria que voltei a entrar em meus trilhos definitivamente. No último final de semana saí com as meninas e conheci um carinha, na verdade um daqueles exemplares “*do cara da noite*”. Ele é amigo do mais novo namorado de Helen, o que acabou nos aproximando bem mais. Conversamos, demos uns beijos e acabamos transando.

Ele é um cara legal, muito bom de cama, e acabamos marcando de sair novamente hoje. Não costumo repetir a dose, mas se me permiti com Vicente, por que não com Tadeu?

Claro que não desenvolveríamos uma amizade assim tão próxima, mas queria ficar com ele novamente. Por isso me produzi inteirinha, passei uma maquiagem leve, mas marquei os lábios com batom vermelho, vesti uma calça jeans colada, uma camiseta despojada e um colete jeans, arrematando com brincos grandes, um salto alto e uma bolsa.

Queria me divertir muito hoje, esquecer-me do dia de cão que fora acompanhado por uma consulta com meu médico, alguns desconfortos aleatórios e algumas lágrimas, que odiava derramar.

Dr. Abreu me repetiu o mesmo que os outros médicos, minha doença está avançando. Segundo ele, essa seria a hora de me internar em uma clínica e iniciar diversas seções de fisioterapia, tentar novos medicamentos e testes... Que no final não resultariam em nada.

Neguei toda e qualquer possibilidade de seguir seus conselhos. Sai de lá desmotivada, exausta das repetições e com uma receita. Minha sentença se aproximava e, hoje, pela primeira vez, me senti apavorada com isso.

E, em um momento de dor e fraqueza, me permiti chorar, maldizer essa sentença de morte, o que eu nunca havia feito antes. Agora me sinto culpada por tudo que disse e fiz, e quero esquecer tudo que me rodeia.

Estava acabando de aplicar mais uma camada de batom quando minha campainha tocou. Estreitei o cenho, estranhando. Havia combinado com as meninas no barzinho.

Assim que abri a porta dei de cara com um Vicente sorridente em minha porta. Estava

vestido em um jeans causal e um pulôver negro, que contrastava com seus olhos e evidenciava seu sorriso. Absolutamente lindo.

Ele demorou um segundo me observando, antes de falar:

— Você está linda. — Sorri em agradecimento. — Será que entre seus dotes está a adivinhação? Porque vim justamente chamá-la para sair.

— Tinha combinado com as meninas antes — retruquei. — Mas pode vir comigo, sem problema. Aquelas lá amam você.

— Então vamos senhorita. — Ele me estendeu a mão e eu aceitei-a, notando como elas se encaixavam perfeitamente.

Fechei a porta, seguindo Vicente até seu carro. Ele ligou o aparelho de som, deixando a voz de uma cantora internacional preencher o ambiente.

— Onde estava nos últimos três dias? — perguntei. Me arrependi assim que as palavras saíram de minha boca.

Eu não sou dada a cobranças, na verdade as odeio. E não havia motivo para eu estar perguntando sobre o sumiço de Vicente.

— Muito trabalho — respondeu evasivo, tamborilando os dedos nervosamente no volante. Estranhei sua reação, mas preferi não entrar mais no assunto. — E você, o que fez todos esses dias, além de praticar algum esporte radical?

Eu ri, mas não foi uma risada muito contente, foi mais uma daquelas minhas risadas mórbidas. O que ele faria se soubesse que fui a um médico que apenas anunciou, mais uma vez, minha sentença de morte?

Claro que não diria, por isso me enveredei por outros caminhos.

— Conheci um carinha legal, se chama Tadeu — soltei, olhando a rua pela janela. Ele freou bruscamente, jogando meu corpo para frente.

— Porra, gato idiota, merda! — gritou completamente alterado, batendo no volante do carro. Assustada, olhei para fora tentando enxergar o pobre animal. — Não matei o desgraçado.

Meus olhos se arregalaram. Nunca o vi agindo de maneira agressiva, sempre foi muito passivo, salvo na cama, claro. Por isso me impressiona vê-lo xingando.

— O que há com você afinal?

— Nada. Só preciso beber e transar. — Assenti ainda assustada. — Também conheci uma garota.

— Ah, certo — murmurei, disfarçando a sensação ruim que apertou minha garganta.

Por isso ele havia sumido, e agora estava aqui todo estressado?

Não trocamos mais uma palavra até chegarmos ao bar. Desci na frente,

cumprimentando Ágata, Helen e Rui, o namorado da mesma. Tadeu ainda não havia chegado.

Vicente apareceu em seguida, parecendo bem mais calmo. Cumprimentou todos e sentou-se ao meu lado na mesa, logo pedindo uma garrafa de uísque.

Todos entraram em uma conversa animada, e Vicente era claramente o mais calado, enquanto bebia uma dose e outra do uísque, quase sem parar para respirar. Com medo dele se embriagar muito rápido, aproveitei a mudança da música para fazer um convite:

— Vamos dançar Cordeirinho? — Sua expressão séria se suavizou e ele assentiu, pedindo licença a todos e me carregando para a pista de dança.

A voz da cantora entoava Bem que se quis – Marisa Monte, enquanto eu e Vicente nos centralizávamos na pequena pista de dança.

Nossos corpos se colaram, minha cabeça pousou em seu peito, me possibilitando ouvir as batidas descompassadas de seu coração, minhas mãos agarraram seu casaco, como se pudesse extrair dele a força para não me deixar levar pelos sentimentos que insistiam em me tomar naquele momento. Ele pousou a mão em minha nuca, embrenhando-as em meus cabelos, a outra passou em minhas costas, em uma carícia maravilhosa, que me fez suspirar e fechar os olhos.

Seu queixo apoiado em minha cabeça, enquanto balançávamos devagar, esquecendo completamente o ritmo da música. Parecíamos envoltos em uma bolha, mergulhados em um momento que não saberíamos definir nem descrever, mas que era particularmente nosso, de uma forma ímpar.

Ergui a cabeça, encontrando olhos cor de avelã me olhando de uma forma inescrutável. Havia uma tormenta de sentimentos neles, assim como sei que deveriam expressar os meus. Estávamos respirando com dificuldade, como se houvesse algo tão denso entre nós que tornasse o ar irrespirável. Como se o ar precisasse ser recuperado na boca um do outro ou morreríamos. Intenso, aterrador, lindo.

A música chegou ao fim, mas não paramos o balanço ou deixamos de nos olhar, até alguém gritar meu nome e quebrar o momento:

— Flor? — Desviei meus olhos, dando de cara com Tadeu vindo em nossa direção.

— Tadeu? — O abracei em cumprimento.

— Com licença. — Foi tudo que ouvi de Vicente antes dele sumir pelo corredor que levava ao banheiro.

— Vamos dançar? — Tadeu convidou. Assenti, iniciando a dança, mas ainda tentando encontrar Vicente.

Quando voltei à mesa ele ainda não estava.

— Onde está o Vicente? — perguntei, me sentando.

— Ele foi embora. — Ágata respondeu meio misteriosa, olhando de mim para Tadeu.

Eu definitivamente não estava o entendendo essa noite.



Capítulo Oito

Vicente

Ponderar não era exatamente algo que gostava de fazer em minha vida, mas ultimamente tem sido uma constante.

Mais uma vez, cada cena vivida com Flor passa em flashes por minha mente. Tem sido assim durante alguns dias, mas a coisa toda só piorou na última semana. Tentando me restabelecer em meu próprio eixo, decidi que passaria uns dias longe dela.

Parecia idiota. Ridículo, até. Sempre fui muito bem resolvido com meus sentimentos e decisões, nunca houve confusão ou mesmo ponderamentos que levassem a lembranças contínuas. Tudo foi sempre preto no branco para mim.

Por isso não conseguia entender o motivo de tanta problematização pessoal no que diz respeito ao meu envolvimento com Flor de Lis. Não poderia ser mais simples. Somos amigos que transam. Nos damos bem, nos conhecemos cada vez mais com a convivência, apesar de ainda achá-la misteriosa em certos aspectos, compartilhamos uma química intensa, e não queremos nos envolver romanticamente. Simples, não é?

Não para minha mente que insiste em colocar questões que agora me atormentam. Talvez a convivência diária tenha me feito entender algo errado ou mesmo conectar algum fio dessa história em um lugar indevido.

De forma alguma poderia estar acontecendo o que meu subconsciente vem susurrando a cada vez que me lembro daquele sorriso sincero, despretensioso e encantador. Nem mesmo quando me lembro de ínfimos detalhes como a forma que ela pisca os olhos antes de acordar ou como coça o nariz quando está nervosa, ou mesmo mexe nos cabelos quando quer disfarçar alguma outra coisa ao seu redor.

O fato de não ter conseguido me concentrar no trabalho, e de não ter atendido as ligações de Maitê. Ou até mesmo minha mãe, por telefone, ter notado minha dispersão, não quer dizer muito.

Claro, também tem a questão da saudade. Sinto falta da sua presença descontraída pela

manhã, do seu humor ácido no começo da noite e das nossas transas enlouquecedoras.

Tenho medo de estar me deixando levar, de estar perdendo minhas convicções, de estar permitindo que Flor se infiltre em meu coração da maneira mais matreira possível, e, que quando me der conta, seja irremediável.

Sabendo de tudo isso, eu realmente deveria me afastar definitivamente, seguir com minha vida de antes e virar a página trivial que Flor deveria ser em minha vida, no entanto meus planos foram absolutamente frustrados durante os três dias seguintes, quando o trabalho, a balada, bebida e amigos não conseguiram desviar meu foco daquela sereia de cabelos ruivos.

Estava encantado demais pelo canto silencioso daqueles olhos, pelo mar vermelho dos seus cabelos.

Incapaz de permanecer mais um instante sequer lutando contra mim mesmo, levantei a bunda do sofá, me arrumei e sai rumo a casa dela, me sentindo um filho da mãe realizado ao dar de cara com ela vestida para matar.

Meus olhos levaram um momento para varrê-la de cima a baixo, e meu corpo explodiu de desejo. Um sentimento que refreei por três longos dias. Os olhos dela também me escrutinavam daquele jeito que brincava de vela e revela.

Pensei em algumas coisas que poderia dizer, até mesmo para ludibriar aquele susurro do meu subconsciente. Eu precisava reordenar minhas ideias ou colocaria tudo a perder. Seja lá o que temos, não posso perder.

— Você está linda — elogiei. Ela sorriu, alcançando o que achei impossível, ficar ainda mais exuberante. Obriguei meu cérebro a continuar o diálogo. — Será que entre seus dotes está a adivinhação? Porque vim justamente chamá-la pra sair.

O tom tranquilo que usei não combinava com a ânsia por uma resposta. Será que sairia com outro homem?

— Tinha combinado com as meninas antes — disse rapidamente, apoiando a bolsa nos ombros e tirando dela as chaves. Sorri aliviado. — Mas pode vir comigo, sem problema. Aquelas lá amam você.

Também adorava as meninas, principalmente Ágata, de quem havia me aproximado muito nos últimos tempos.

— Então vamos senhorita — chamei, oferecendo a mão para que ela se apoiasse. Flor aceitou, encaixando sua mão na minha, me permitindo ver o quão perfeito elas eram unidas.

Ela fechou a porta e me seguiu até o carro, sem soltar nossas mãos. Liguei o aparelho de som, sem me preocupar em selecionar uma música.

Precisava que algo, além dos meus pensamentos quase gritantes, preenchesse o ambiente.

Era uma situação um tanto quanto constrangedora. E não conseguir me portar tranquilamente, como costumava acontecer. Isso me deixou irritado. Ela parecia meio alheia à

situação, mas não ao meu visível estado de raiva.

Seus olhos vagavam da rua para meu perfil, pude notar pelo olhar periférico. O silêncio entre nós era incomum.

— Onde estava nos últimos três dias? — perguntou, quebrando enfim o estranho silêncio.

Apesar de parecer preocupada em ter feito a pergunta logo após de fazê-la.

Dizer que estava afastado para tentar reorganizar as idéias soaria estranho, e ela provavelmente iria querer saber que tipo de ideias.

— Muito trabalho — respondi evasivo. A resposta mais óbvia e rápida que consegui formular. Reverti à pergunta: — E você, o que fez todos esses dias, além de praticar algum esporte radical?

Tentei soar brincalhão, mas sei que estava falhando nas minhas tentativas de ser eu mesmo. Ela soltou uma risadinha estranha, quase debochada.

Definitivamente não estava preparado para ouvir a resposta que veio a seguir:

— Conheci um carinha legal, se chama Tadeu — soltou causalmente, olhando tranquilamente pela janela.

Impactado pela resposta, mas, mais ainda pelo que senti ao ouvi-la falar isso, perdi a noção da direção enfiando o pé no freio sem querer. O movimento levou meu corpo e o dela para frente.

— Porra, gato idiota, merda! — gritei completamente alterado, batendo no volante do carro. Precisava colocar a culpa da minha explosão inexplicável em algo, então sobrou para um gato imaginário. — Não matei o desgraçado — resmunguei ao notar que ela se preocupava com o animal.

Ela me fitou de olhos arregalados. Com certeza estava achando meu comportamento estranho. Eu mesmo estava achando.

— O que há com você afinal? — indagou.

— Nada. Só preciso beber e transar — respondi sem lhe lançar um olhar. Ela assentiu. — Também conheci uma garota. — Menti.

Era infantilidade agir assim, mas queria ver sua reação. E também que se sentisse como me senti há alguns instantes atrás.

— Ah, certo — murmurou. Parecia desconfortável, mas muito melhor que eu, que reagi feito um idiota.

Não trocamos mais uma palavra até chegarmos ao bar. Flor desceu na frente, e levei alguns minutos para conseguir estacionar. Ao chegar à mesa cumprimentei a todos e me sentei, logo pedindo uma garrafa de uísque.

Se não havia nada que pudesse fazer para melhorar meus momentos de confusão, iria beber. Todos estavam em uma conversa animada, enquanto eu virava uma dose após outra.

Ver Flor de Lis tão tranquila e dona de si não estava ajudando meu humor deplorável. Ela deixou sua conversa de lado um pouco e se voltou para mim:

— Vamos dançar Cordeirinho? — Suavizei minha expressão, incapaz de ficar mal humorado com tal pedido. Pedi licença a todos, conduzindo-a para a pista de dança.

Bem que se quis – Marisa Monte, começou a ser cantada pela banda ao vivo. A letra se encaixava com maestria ao meu momento, era quase irônica.

Nossos corpos se aproximaram, a cabeça dela pousou em meu peito, aninhando-se ali. Meu coração saiu do compasso instantaneamente. Suas mãos pequenas e delicadas seguraram meu casaco com força, como se ela estivesse lutando contra algo e precisasse daquele suporte para se manter de pé. Louco por mais contato, pousei uma mão em sua nuca, deixando meus dedos se embrenharem naqueles fios encaracolados, as pontas dos dedos deslizaram por suas costas enquanto apoiava o queixo em seus cabelos e inspirava seu cheiro divino.

Balançávamos devagar, completamente alheios a tudo que nos cercava, absolutamente imersos em um mar de sentimentos. Duvido muito que algum de nós saberia ou mesmo queria definir do que se tratava aquilo tudo.

Ela ergueu a cabeça, me lançando um olhar profundo e inescrutável. Respirávamos com dificuldade. Necessitávamos dos lábios um do outro.

O sussurro em meu subconsciente gritou, no exato instante em que nosso momento foi quebrado por uma voz.

Dois fatos de uma única vez ficando claros para mim. E foi como se tivessem jogado no chão um enorme vaso de cristal, que fez um barulho enorme ao se chocar contra o solo. Enquanto assistia o homem se aproximar, tive certeza, estava me apaixonando por Flor, e ela estava absolutamente em outra sintonia.

Ela murmurou o nome do já citado Tadeu, e minhas mãos fecharam-se em punho. Para não deixar evidente meu estado balbuciei um *com licença*, saindo dali o mais rápido possível.

Com as mãos trêmulas, digitei uma desculpa qualquer para Ágata e rumei para a casa de Hugo.



Hugo abriu a porta, coçando os olhos e bocejando.

— Um homem não pode mais ter uma noite tranquila de sono? — reclamou, saindo da frente para que eu entrasse em sua casa.

Me larguei no sofá, apoiando a cabeça no escosto e soltando um urro de frustração.

Estava me achando um completo idiota agora. Tinha deixado Flor sozinha com o tal cara que ela conheceu. Como fui fazer essa idiotice?

— Arruma algo alcoólico pra mim, Hugo, rápido. — Ele assentiu, sumindo rumo à cozinha e voltando de lá com uma cerveja nas mãos.

— É tudo que tem, não ouse reclamar. — Aceitei a bebida, tomando dois longos goles. — Será que agora posso saber por que merda bateu na minha porta a essa hora, e com essa cara de quem foi atropelado por um trem?

Suspirei, passando as mãos nervosamente pelos cabelos. Até mesmo falar a situação em voz alta parecia uma droga.

— Acho que estou fazendo uma coisa que prometi a mim mesmo que não faria nos próximos quinze anos.

Ele roubou a cerveja das minhas mãos e virou o que restava do conteúdo.

— Já vi que o papo é sério. Desembucha!

— Estou me apaixonando pela Flor de Lis, ou apaixonado, não sei — soltei, como se a informação tivesse pesado por anos em minhas costas.

Ele acenou, desdenhando.

— Então todo esse mistério era isso? — Negou com a cabeça.

— Acha pouco? Você mesmo fica por aí pregando o *anti-romance*.

— Tudo faixada, cara. Bem no fundo a gente quer mesmo arrumar alguém para seguir a vida conosco. Se não for para sempre, pelo menos pra aplacar nossa solidão por um tempo.

O encarei de olhos arregalados. Quando o idiota do Hugo conseguiu amadurer para formular uma frase dessas?

— Juro que me deixou surpreso.

— Se algum dia disser para alguém que eu disse isso, negarei. — Ele se levantou, apontando a saída. — Agora me deixe dormir e vá atrás da moça. Não a conheço muito bem, mas confio no seu julgamento. Não acho que iria se apaixonar por uma má pessoa.

Assenti, me erguendo do sofá e seguindo para a saída. Hugo abriu a porta, dando uma tapinha no meu ombro e concluindo o rápido conselho.

— Não deixe a oportunidade que a vida está lhe dando passar. Viva cada pequeno momento, agarre qualquer oportunidade e faça acontecer. A vida já é tão complicada, amigo, não vale a pena pedermos tempo problematizando situações simples. — Sorri, retribuindo o conselho com um rápido abraço. — Agora dá o fora.

— Obrigado por tudo.

Saí dali muito mais tranquilo e com uma decisão tomada, eu iria me permitir. Iria viver junto de Flor tudo que vinha desejando, sem problematizar, cobrar ou tentar entender.



Era domingo de manhã quando bati à sua porta. A rua ainda estava silenciosa e Flor provavelmente estava dormindo. Por isso demorou um bom tempo para atender a porta.

— Onde é o incêndio, Vicente? — resmungou, coçando os olhos de forma adorável. Sorri, meneando a cabeça.

— Vim te raptar — disse sorridente. Ela pareceu mais acordada após minha frase. — A viagem é demorada e não quero perder tempo, por isso agilize, mulher.

Entrei na casa, puxando-a pela mão e instigando-a a subir os degraus que a levariam ao quarto.

— Endoidou? — Seu tom era de incredulidade e confusão.

— Pegue uma roupa de banho, toalha e só. O resto providencieei.

— Posso pelo menos saber para onde vou e fazer o que?

— Vamos a São Francisco Xavier, praticar canoagem, ou algum outro desses esportes que gosta e que não entendo nem um pouco. Ficaremos até o por-do-sol. Dizem que é lindo por lá.

Sua expressão suavizou, mas não por muito tempo.

— Qual o intuito do passeio?

— Não vou pedi-la em casamento. — Desdenhei. — Só quero que mostre um pouco dessa Flor aventureira. Quem sabe gosto desses negócios de aventura e viro seu parceiro.

— Pode até tentar, mas não faz o estilo, é bom moço demais para aventuras, Cordeirinho.

Olhei-a de cima a baixo, só agora notando o baby-doll curto e justo. Estava tão empolgado com a viagem que nem havia notado a beleza matinal dessa diaba.

Seu sorriso sedutor e os olhos desejosos não me deixaram mais desviar o olhar daquele rosto.

— Olhos de cigana... — murmurei, me aproximando sorrateiramente. Ela continuou no jogo de sedução, mordendo o lábio inferior. Absolutamente succulenta. — Você irá nos atrasar, sabe disso?

Agarrei-a pela cintura, colando seu corpo no meu. Nos moldávamos com perfeição, e apenas um pequeno toque era suficiente para acender em nós uma chama de desejo que quase nos punha em combustão instantânea.

Ela saltou um gritinho pela minha abordagem brusca, rindo quando infiltrei as mãos em

seus cabelos. Aproximou-se dos meus lábios, sem me beijar, sussurrando:

— Já para o banho. — Se soltou do meu aperto, caminhando às presas para o banheiro. Segui-a, em meio a risos. Essa mulher me deixaria louco.



Capítulo Nove

Flor de Lis

Depois do sexo incrível no banheiro, e de ter que praticamente expulsar Vicente de dentro do cômodo, encontrei-o na minha sala. Cheirava ao meu sabonete, e o tom de loiro do seu cabelo se acentuava assim molhado. Estava quase desistindo de toda e qualquer aventura fora das quatro paredes do meu quarto.

Não sei como consegui passar tanto tempo longe dele.

— Vamos? — Anunciei minha chegada, fazendo-o virar em minha direção ainda com um porta-retratos em mãos. — Mexendo nas minhas coisas?

— Apenas observando — retrucou sorrindo lateralmente. — Você lembra muito sua mãe fisicamente.

— Quem a conheceu sempre diz isso. — Suspirei, lançando um olhar saudosos para a foto. — Sinto muito a falta deles.

— Eu imagino — comentou, colocando as mãos nos bolsos da calça.

— Vamos lá! — Empurrei-o em direção a porta. — Para quem não queria se atrasar você não pareceu nada apressado no banheiro.

— Eu ponderei a possibilidade de um possível atraso, por isso vim muito cedo.

— Cretino! — Lancei-lhe um olhar estreito, que só o fez gargalhar.



São Francisco Xavier é um distrito que fica à apenas 1 hora de distância de São José dos Campos. É um lugar absurdamente incrível para quem procura natureza, esportes radicais ou simplesmente um tempo de paz.

A viagem até o lugar foi tranquila, o barulho do vento ricocheteando meus cabelos,

somado a música alegre e o tagarelar de Vicente, deixou tudo ainda mais incrível. Não dei muita atenção para sua tagarelice, pois estava empenhada em observar as paisagens pela janela.

Sim, eu já estive aqui antes, mais de uma vez na verdade, mas sempre havia algo novo para ver. Fosse o que fosse eu não queria perder um detalhe. As maravilhas da vida estão nesses pequenos detalhes, às vezes até a forma como a luz do sol atinge determinado local pode ser de uma beleza ímpar.

Perder a visão para essas coisas simples parece algo meio que intrínseco as pessoas hoje. Eu era assim. Mas estar próxima a morte me fez ver tudo sob nova ótica, mais grandiosamente.

— Você nem estava prestando atenção em mim. — Vicente resmungou assim que parou o carro e me ajudou a descer.

Estávamos na estrada Monteiro Lobato, para ser mais precisa, no clube Eco&Aventura. Rodeados de verde, pássaros chilreando e por barulho de água se derramando em abundância.

— Desculpa, mas meu encantamento pela natureza vence seu charme. — Ele riu, assentindo.

— Devo concordar. — Perscrutou o lugar, me fitando em seguida. — Esse lugar é lindo.

— E então o que vamos fazer senhor aventureiro?

— Por aqui tem de tudo — comentou empolgado. — Pensei que você pudesse escolher. Claro que tem que levar em consideração minha total falta de experiência com os esportes.

— Pode deixar. — Pisquei o olho, puxando-o pela mão.

Encontramos Ney, o instrutor e guia que Vicente contratou para nos acompanhar. Por acaso, já o conhecia de uma aula que fiz aqui junto com Danilo. Ele nos mostrou as opções, e cada uma de sua dica foi acompanhada por uma careta de Vicente.

— Como vem a um clube de ecoaventura e fica com receio de fazer qualquer esporte, Vicente? Não me faça passar vergonha — resmunguei.

— Não sei se isso é seguro, Flor, e se despencarmos lá de cima? — Apontou para a cachoeira logo atrás, de onde um grupo vinha descendo em rapel.

— Nós morremos e fim — disse, revirando os olhos. — Quanto medo da morte.

— Não gosto de perder as coisas que amo. E, particularmente, me amo bastante.

Eu poderia ter rido junto dele e Ney, mas sua frase fez meu coração se apertar. Se algum dia passou pela minha cabeça envolver Vicente e deixá-lo na minha vida, as chances se esvaíam ali. Ele não seria forte o suficiente para lidar com uma situação tão merda.

— Vamos fazer *rafting*, Ney — decretei, ganhando um cutucão de Vicente.

— Se eu morrer, não te deixo em paz. — Ri da sua preocupação exagerada.

Ney nos encaminhou para vestir os equipamentos e nos encaminharmos para a parte da corredeira dedicada a prática do esporte. Estava rindo feito uma hiena a cada arregalar de olhos de Vicente.

Já paramentados e devidamente localizados, subimos no bote, junto do instrutor.

— Prontos? — gritou para se fazer audível.

As águas corriam com uma força considerável e faziam um barulho ensurdecedor. Vicente agarrou minha mão quando o bote iniciou a descida. São segundos intensos e renovadores, onde você duela com o medo e a vontade de obter mais um pouco dessa descarga de adrenalina. Descer uma cachoeira a bordo de um bote, com um homenzarrão tremendo de medo, não é para qualquer uma.

Estava rolando de rir quando o bote parou e descemos. Vicente ostentava uma carranca que deveria me arrancar medo. Até mesmo Ney estava tentando segurar o riso para não irritá-lo.

— Foi impagável. Como me arrependo de não ter fotografado. O machão Vicente tremendo de medo de fazer um rafting?

— Não vejo graça alguma. Cada um com seus medos. E eu não estava temendo de medo, preste atenção no tempo, está frio.

— Que nada, desculpa boba, Cordeirinho. — Ele bufou, livrando-se do colete salva-vidas.

— Vamos tomar café da manhã — ordenou, já seguindo o caminho do restaurante. — E nada mais desses esportes.

Eu ri, seguindo-o.

Tomamos café com uma paisagem deslumbrante a nossa frente. Acima, o céu azul e límpido, ao nosso redor o verde vivo da natureza.

— Se pudesse moraria em um lugar como esse, sabia? — comentei, bebericando um pouco do meu café. Ele olhou ao redor e em seguida para mim, me eclipsando com aqueles olhos maravilhosamente intensos. Sua raiva havia se dissipado, deixando apenas meu companheiro espirituoso.

— E por que não vende sua casa e compra uma no interior, mais próxima da natureza? Aqui mesmo em São Francisco há casinha lindas.

Eu gostaria de lhe dizer que não há tempo mais para mim, mas não poderia soltar uma frase como essa e não querer que ele desconfie.

— Um dia, quem sabe — desconversei me erguendo da cadeira. — Vamos subir a serra, vai se encantar com tudo lá de cima.

Antes de pegarmos a rota para a serra, ainda convenci Vicente de ir comigo em uma

trilha de arvorismo e depois mergulhamos em uma das cachoeiras. Quando iniciamos a subida, à tarde já estava alta e o sol havia aparecido e esquentado o tempo.

Ney nos contou sobre a cidade, sobre o clube e as rotas por onde passávamos. Vicente e eu rimos muito, compartilhamos algumas experiências, e ele até insistiu para tirar uma foto minha. Não gostava muito de fotos, mas deixei que realizasse seu desejo. Ele havia me dado tanto naquele único dia, que jamais viveria tempo suficiente para agradecê-lo.

Estávamos resfolegando quando chegamos ao fim da trilha, em uma pedra alta, que eu gostava de pensar que era uma serra. Tanta dificuldade para chegar lá me deixava livre para nomear o topo da trilha como eu bem entendesse.

A pedra era gigantesca e plana, um convite para deitar-se ali e admirar o céu.

— Vou deixá-los à vontade. Iniciamos a descida assim que o sol se pôr — disse Ney. Assentimos, observando-o afastar-se até uma espécie de cabine onde havia outros instrutores e guias.

Caminhamos em silêncio, observando o horizonte azul a nossa frente. Sentei-me quase no limite da pedra, até onde era permitido os turistas sentarem. Inspirei profundamente, observando com uma atenção hipnotizante o céu azul que se estendia em minha frente. Agora, já tingido por cores alaranjadas e violetas. O sol era um espetáculo a parte, ora mergulhando entre as nuvens, ora brilhando resplandecente, como se fosse possível alcançá-lo.

Deixei meus pés balançarem, notando o quão pequena eu era ali comparada aquela imensidão criada por Deus. Ínfima criação, cercada de tanta beleza e grandiosidade. E pensar que por vezes nos vemos tão cheios de empáfia, nos sentindo grandiosos e importantes, quando somos apenas mais um numa vastidão complexa.

Meus olhos encheram-se de lágrimas, mas não de tristeza e sim de agradecimento por tudo que tenho ou tive, por ter sido colocada aqui.

— Está tão calada. Estou ficando preocupado. — A voz de Vicente me despertou. Fitei-o. Ele estava olhando o horizonte com completo encantamento.

— Obrigada por esse dia. É um dos melhores da minha vida — agradei emocionada. Ele soltou uma risadinha.

— Mas esse lugar nem é desconhecido para você.

— Não completamente. Mas sempre deixamos nossos olhos perderem alguma coisa, e dessa vez consegui ver muito mais do que da última vez que vim aqui sozinha.

— Só queria colocar esse sorriso nesse rosto. — Seus dedos tocaram meu queixo, fazendo meu sorriso se ampliar ainda mais. — Isso mesmo. A coisa mais linda que já vi.

Ele se inclinou e roçou os lábios nos meus. Não aprofundamos o beijo, foi apenas um encostar de lábios sutil, mas muito significativo. Sentia meu coração aos pulos com esse simples toque.

— Estava falando da paisagem, certo? — Brincou, amenizando o clima romântico que

havia pairado no ar. O empurrei, rindo.

— Idiota! — Me estiquei um pouco sobre o limite do abismo, sentindo um aperto no meu braço.

— Não chegue tão próximo do abismo, mulher. Será que não tem medo de nada?

— Tenho, mas definitivamente não tenho medo de altura.

— Então quer dizer que a poderosa Flor tem medo de algo? Quero saber do que se trata.

— Tenho medo de chegar ao fim sem ter feito todas as coisas que desejei — disse, fitando-o intensamente. Há tempos não sou tão sincera quanto agora.

— E tem muita coisa que queira fazer e ainda não fez?

— Tipo listar coisas?

— É — instigou. — Gostaria de saber.

— Vai realizar meus desejos, de uma forma bem clichê. E então nos apaixonaremos perdidamente e viveremos felizes para sempre?

— E se eu quiser? — Arregalei os olhos, surpresa pelo seu tom firme. — Deixe de deboche. Só me conte.

— Não vai rir de mim. São coisas idiotas. — Ponderei, tentando lembrar algumas coisas bem bobas. Não é como se eu realmente tivesse uma lista de coisas a realizar antes da morte, só queria brincar com Vicente. — Queria me ouvir cantando no rádio, escrever uma carta e enterrá-la embaixo de alguma árvore, dançar na chuva, fazer amor na praia, tatuar algo bem louco, plantar uma árvore, cuidar de um cachorro, tomar banho de mangueira, brigar em um bar e virar uma mesa... Hum... E fazer anjos na neve.

Eu estava rindo de mim mesma quando acabei a descrição. Como posso pensar tanta coisa maluca em um espaço de tempo tão curto?

Vicente me encarava com uma expressão indecifrável, os olhos âmbar me encarando com uma intensidade da qual nunca havia visto em seu olhar, nem mesmo quando estávamos transando.

O sol começou a se pôr, roubando completamente minha atenção. Os turistas que ali estavam iniciaram a chuva de flashes em direção à linda paisagem. Foi rápido, porém recarregou minhas forças.

Vicente parecia muito compenetrado em algo enquanto descíamos, mal falou comigo. E continuou assim por todo caminho de volta, abrindo a boca apenas para perguntar se eu queria parar para comer algo e se estava confortável.

Não entendi a mudança. Costumava não entender muito seus arrebatamentos, e nem iria indagá-lo sobre. Ele sempre voltava a ser meu Vicente espirituoso e sem-vergonha, então não havia porque pressioná-lo.

Me despedi dele pouco mais de uma hora depois, com um efusivo obrigada e um estalado beijo na bochecha.



Um mês depois

Virei uma dose de tequila, soltando um gritinho afetado quando o ardor tomou conta da minha garganta. Eu não deveria estar bebendo, segundo recomendações médicas. Na verdade, eu deveria estar em uma cama de hospital tentando descobrir uma forma de não morrer em curto prazo, mas não estava ligando muito.

— Desse jeito vai ficar bêbada rapidinho, sua louca. — Ágata gritou, sobrepondo o barulho alto da música.

Coloquei o copo sobre o balcão e puxei-a para a pista de dança, onde Helen já estava com o Rui.

— Hoje o Vicente está aí para cuidar de mim... Me dar banho, se for o caso. — Ágata riu, chamando atenção de Helen.

— Estão parecendo duas hienas hoje. O que há?

— Estava falando do banho que Vicente irá me dar, caso fique bêbada. — Helen também riu. Rui franziu o cenho, meneando a cabeça.

— Vocês estão juntos? — indagou.

— Somos amigos, só — retruquei, deixando a conversa de lado e voltando para minha dança.

Estava entregue ao ritmo, movendo o corpo, pulando, rindo. Estava feliz. Senti mãos em meus quadris interrompendo meu movimento. Ao virar-me deparei-me com Tadeu. Não o via há tempos.

— Pensei que nunca mais teria o prazer de encontrá-la — disse em um tom de voz sedutor. Sorri amarelo.

— Você sumiu, não eu. — Ele assentiu, inclinando-se até invadir meu espaço pessoal. Dei um passo atrás.

— Mas agora estou aqui e louco para trepar.

Formulei uma resposta bem mal criada, mas fui interrompida pelo aperto de Helen no meu braço.

— Com licença Tadeu.

— Qual foi Helen? — Soou irritado pela interrupção.

— Estou acompanhada, Tadeu — disse firme. Helen, Rui e Ágata me olharam, embasbacados.

Eu nunca dizia estar acompanhada. Em outro caso deixaria o homem na ‘geladeira’, até surgir nova oportunidade, mas realmente não estava com vontade alguma de ter algo com Tadeu.

— Você ouviu. — A voz de Vicente atingiu a pele do meu pescoço, fazendo-me arrepiar. — Ela está acompanhada.

— Tudo bem. Eu não sabia — Ele retornou sua atenção para Rui. — Vamos comigo até o bar, cara? — Os dois se afastaram.

— Pode pegar uma água pra mim, Vicente? — Ele bufou meio contrariado por ter de se afastar, mas foi.

— Gata, você está arrasando na pista. — Ágata brincou.

— Só eu acho que o Vicente está babando por você? — Helen soltou, com um sorrisinho matreiro.

— Eu também acho! — A outra concordou.

— Ele é meu amigo, temos muita química na cama e é só.

— A vida às vezes nos surpreende, querida.

— Ela já me surpreendeu Helen, não haverá repetição.

Vicente chegou com minha água, interrompendo o papo. Bebi tudo, me enganchando no pescoço dele em seguida. Roci meus quadris nos seus bem sugestivamente. A mão dele desceu por minhas costas parando em minha bunda, onde ele deu um apertão firme, que me fez ofegar.

— Seu sem-vergonha! — resmunguei, aninhando a cabeça na curva do seu pescoço.

— Vamos embora. Quero ficar sozinho com você.

— Suas intensões são boas? — Ele riu, assentindo. — Posso ter uma ideia do que pretende comigo?

— Te comer até que não consiga ficar de pé — sussurrou em meu ouvido. Gargalhei, voltando-me para as meninas.

— Estamos indo embora. — Acenei, já puxando Vicente pela mão.



Capítulo Dez

E Vicente

la me olhou com aquela expressão de desejo, que simplesmente me deixava louco. Sua mão ávida encontrou minha perna, o meio dela, para ser mais específico. Soltei um gemido, me esquecendo por um segundo do trânsito.

— Seu intuito é nos matar essa noite? — grunhi entre dentes.

Ela sorriu sacana, tirando o cinto para se inclinar em minha direção. Seus lábios encontraram meu pescoço, subiram até minha orelha, onde ela mordiscou, antes de soltar travessa:— Te matar de prazer — sussurrou, fazendo meu corpo responder.

Um carro atrás de nós buzinou, fazendo com que eu voltasse à atenção para a estrada à minha frente.

— Você é impossível. — Ela riu se recostando novamente no banco. Ligou o aparelho de som, aumentando no volume máximo. A rádio tocava hits do passado.

Ela arregalou os olhos, batendo palmas quando uma música começou.

— Como uma deusaaaa, você me mantém... — Cantou junto, me arrancando risadas.

Fitei-a por um segundo. Flor estava tão feliz, na verdade nunca a vi triste, mas sempre parecia meio contemplativa. Hoje ela estava diferente, sua felicidade a tomava, ela transpirava isso, e eu era mero apreciador daquela radiante mulher.

Mal tive tempo de estacionar o carro e ajudá-la a descer e já estávamos nos devorando. Nossas línguas duelando em um beijo intenso, as mãos ávidas se tocando. Transaria com ela ali mesmo, em frente sua casa, e não há dúvidas que ela também queria, mas dessa vez mostraria a Flor outra forma de intensidade, sem todo esse frenesi entre nós.

— A chave. — Pedi, desgrudando os lábios dos seus.

— Está tão bom aqui — ronronou, esfregando os quadris nos meus. Fechei os olhos, perdendo o foco por um instante.

— Me obedeça uma vez na vida, mulher. — Ela grunhiu de insatisfação, catando a chave do bolso e colocando na minha mão. Deu-me as costas, caminhando atrevidamente em minha frente. Dei-lhe uma tapa na bunda.

— Cretino! — gritou, me alcançando já na porta de casa.

Assim que entramos, ela se pendurou em meu pescoço, enlaçando as pernas em minha cintura.

Voltei a beijá-la, segurando-a pela bunda, enquanto subia as escadas que nos levaria até seu quarto. Abri a porta do seu quarto com um chute, sem me importar em fechá-la.

Suas costas se chocaram contra o colchão quando coloquei-a na cama. Ela se apoiou nos cotovelos, me encarando de sobrancelhas arqueadas, o lábio inferior preso entre os dentes. Enquanto eu aproveitava para me livrar da camisa, sapatos e calça.

— Vamos mesmo transar na minha cama hoje? — indagou. Sorri de lado, assentindo. — Meio incomum para nós.

Me aproximei da cama, já devidamente sem roupas. Seus olhos passaram desarvergonhadamente por todo meu corpo, parando no seu maior objeto de cobiça.

— Uau, estamos bem adiantados hoje, não acha?

Arqueei a sobrancelha, inclinando o corpo um pouco, apenas para segurar sua perna e erguê-la, tirando seus sapatos. Me inclinei sobre seu corpo abrindo o botão do seu jeans apertado e descendo-o por seu quadril. Um gemido escapou por seus lábios quando deixei um beijo casto em seu ventre.

Ela mesma puxou a camiseta pela cabeça, impaciente como sempre. Apenas observei-a dali, parado aos pés da cama. Seu cabelo avermelhado espalhado pelo colchão, os lábios entreabertos, a pele quase inteiramente nua. Se pudesse eternizaria aquela imagem. Flor de Lis é uma deusa, e estou absolutamente enfeitiçado.

— Voto de silêncio?

— Digamos que sou mais dos atos que das palavras — repliquei, ela sorriu assentindo.

Meu corpo cobriu o seu, meus lábios exploraram cada parte do seu corpo, sem presa, fazendo-a ansiar por cada ato seguinte, fazendo-a gemer e agarrar-se aos lençóis para manter o equilíbrio que perdia entre os tremores do seu corpo.

Foi lindo assisti-la se perder no momento duas vezes, enquanto minha boca explorava seus seios, seu sexo, me deliciava com seu gosto. Suas pernas indecisas entre me dar ainda mais acesso ou fechar-se para aplacar o mundo de prazer que pulsava ali entre elas.

Quando uni nossos corpos Flor abriu os olhos, como se assustada por tudo que estava acontecendo ali. Ela sabia, assim como eu, que havia deixado de ser só sexo casual. Era muito mais que só desejo, que apenas ânsia fisiológica, havia um sentimento denso pairando entre nós, com uma latência que também me assustou, mas não impediu de me deixar encantado.

Capturei suas mãos, prendendo-as acima da sua cabeça. Meus quadris moveram-se de encontro aos seus em movimentos ritmados e precisos. Seu corpo impulssionando, cada movimento pontuado por um gemido, que engolia com meus beijos.

Flor gritou meu nome quando alcançou seu máximo do prazer, e eu me deixei levar, mergulhado naqueles olhos de cigana, perdido na beleza daquele rosto, embriagado na quentura e aperto do seu corpo... Me sentia submergir em prazer e algo mais... Seria amor?



Acordei no dia seguinte muito mais cedo que de costume. A noite anterior foi a mais reveladora da minha vida. E se queria mesmo conquistar Flor, essa mulher impossível, precisava fazer alguma coisa.

Jamais poderia fazer algo que desse logo na cara ou ela sairia correndo, aniquilando minhas chances. Por isso passei toda a noite tentando buscar uma forma de me infiltrar em seu coração sem que nem ela mesma perceba. E já sei como farei isso.

Quando voltei para a casa de Flor naquela manhã, ainda era muito cedo, não havia passado das nove, ela provavelmente estaria dormindo.

Coloquei o café da manhã sobre a mesa e levei o presente para a dispensa.

— Colabora comigo colega, fica quietinho aí — murmurei trancando a porta.

Parei no meio do caminho para seu quarto, observando ela caminhar em minha direção, coçando os olhos daquela forma que eu amava. Os cabelos uma bagunça ruiva que emoldurava seu rosto.

— Bom dia! — disse bocejando. Segurei sua cintura, colando nossos corpos, beijei-a rapidamente.

— Fui comprar o café e também trouxe uma surpresa. Na verdade duas. — Ela ergueu a sombrancelha, me olhando de forma desconfiada.

— Primeiro vou matar minha fome. — Caminhou em minha frente, seguindo para a cozinha.

Sentamo-nos para tomar o café, e ela ficou tagarelando sobre as padarias dali que serviam um bom café e algo do tipo. Não estava prestando muito atenção.

— ... Mas então, qual a surpresa?

— Investiguei sua vida e descobri que você era muito fã de Sandy & Junior na adolescência — disse tranquilamente, bebendo um gole do meu suco. Ela gargalhou, me olhando meio incrédula.

— Não acredito que aquelas duas dedos-duros foram te dizer isso. — Sua risada ainda preenchia a cozinha. Ela enxugou os olhos, se recuperando minimamente.

— Não acho que vá achar assim tão engraçado o que elas me mostraram em seguida, e o que eu fiz com o material. — Me gabei, bebendo tranquilamente um pouco mais do meu suco.

— Vicente... — Seu tom foi ameaçador.

— Eu achei que você até canta bem, só fico preocupado com a opinião dos ouvintes da rádio que terão que te ouvir daqui a, — Relanceei no relógio, voltando meus olhos para ela em seguida — 20 minutos.

Flor me lançou um olhar assassino, perdendo um pouco a cor do rosto.

— Elas não te entregaram aquela fita que gravei há anos atrás, não é?

— Entregaram sim — confirmei orgulhoso, me segurando para não rir.

— Mas você não teve coragem de colocar mesmo em uma rádio que vai reproduzir aquela porcaria, não foi?

— Se tudo der certo você será famosa. — Dei de ombros.

— Vou te matar, Vicente — gritou, voando em minha direção. Desviei do seu ataque, rindo enquanto corria em direção à dispensa. — Seja homem, não fuja de mim — grunhiu.

— Falta a outra surpresa, mulher.

Abri a porta da dispensa e uma bola de pelos amarronzados saiu correndo na direção de Flor. Ela estacou, observando o filhotinho bater as patinhas na sua perna.

— O que é isso Vicente?

— Um *golden retriever* — respondi, dando de ombros. — Também conhecido como cachorro. E antes que pergunte, é seu.

Sua expressão mudou consideravelmente. Os olhos brilharam enquanto ela se abaixava para recolher a bola de pelos do chão. O filhotinho afoito lambeu-a, arrancado risadas dela.

— Ele é tão lindo. — Assenti, absolutamente hipnotizado pelo momento que se desenrolava em minha frente. — Como se chama?

— É macho. Escolha o nome.

— Cassey.

— Cassey? — indaguei estranhando o nome.

— Era o nome de um cachorrinho que tive na infância. Ele morreu atropelado. — Assinto em entendimento. — Obrigada por ele.

Sua atenção ainda não havia saído do cachorro. Não achei que fosse comovê-la de forma tão profunda.

Ela beijou a cabecinha do cachorro, que retribuiu com uma lambida em sua bochecha.

— Estou ficando com ciúmes — anuí. Flor finalmente me olhou.

— Não está tentando fazer o negócio clichê de realizar meus desejos, não é? — bufei, negando com a cabeça. Rumei até a sala e liguei o aparelho de som, localizando a rádio certa. A voz de taquara rachada de Flor, cantando Imortal, preencheu o ambiente.

Ela me lançou outra vez aquele olhar mortal enquanto eu caía na risada. Até Cassey latiu em resposta.



Estava ansioso para revê-la depois dos acontecimentos de ontem. Tive que sair correndo de sua casa para atender um chamado do trabalho e nem pude curtir um pouco mais sua reação, tanto pelo cachorro quanto pela canção na rádio. Flor poderia ter ficado extremamente brava pela música, mas o Cassey amenizou tudo. Pelo menos foi o que pareceu quando liguei para ela ontem e, bem animada, ela confirmou nossa reunião para hoje.

Tamborilei os dedos no volante do carro, cantarolando a música que tocava no rádio. Estava indo buscar Ágata e Helen, Rui apareceria mais tarde na casa de Flor.

Estacionei o carro em frente ao apartamento, cumprimentando o porteiro enquanto as meninas invadiam o carro.

— Nem esperaram que eu descesse para ajudá-las a entrar no carro — comentei, ganhando dois beijos estalados de Ágata.

— Um beijo por mim e um pela Helen — falou, arrumando-se no banco. — Não estamos com problemas motores, podemos entrar em carros, sozinhas.

— Só queria ser cavalheiro. — Ri, dando de ombros.

— Hoje quero beber. — Helen sentenciou. — E também rir muito da cara da Flor. Nunca pensei que a ouviria tocando no rádio. Foi traumatizante.

— Assustador. — Ágata completou, parando a conversa para buscar o celular na bolsa.

Um silêncio estranho se fez presente, olhei de esguelha para a matraca, agora calada, ao meu lado.

— Algum problema Ágata?

— Uma mensagem estranha da Flor.

Franzi o cenho, diminuindo a velocidade do carro.

— O que diz? — Helen perguntou por mim.

— “Eu estou bem, volto em breve e falo com vocês”. — Leu, a voz soando extremamente preocupada.

— Deve ser brincadeira daquela doida.

Assenti, continuando a dirigir para lá. Ontem Flor de Lis estava ao meu lado, muito bem. Não fazia sentido algum sua mensagem. Todos estávamos calados e preocupados, e assim permanecemos até estacionar em frente a casa de Flor.

Ágata desceu depressa, tocando a campainha seguidas vezes, sem resposta alguma. Quando Helen e eu chegamos em frente a porta e a ajudamos a bater, a resposta continuou sendo o silêncio.

— Eu não entendo — murmurei, passando as mãos nervosamente pelos cabelos.

Helen discou novamente o número dela, mas continuou chamando até cair na caixa postal.

Estava a ponto de ir até a polícia quando uma senhora saiu da casa ao lado, segurando o que parecia ser Cassey. Ela se aproximou, sob nosso olhar atento.

— Flor de Lis não está. Pediu que dissesse a vocês que ela teve uma emergência e precisou sair da cidade. Inclusive pediu para que eu deixasse essa fofurinha com vocês, meninas. — Tomei o cachorro das mãos da mulher antes que ela entregasse a Helen.

— Eu cuido dele — decretei. — Ela não disse para onde iria, se demoraria, ou mesmo com quem foi?

Ignorei o cachorro superanimado nos meus braços, tentando me lamber.

— Não me disse nada disso, querido. Só pediu que cuidasse do cachorrinho até vocês chegarem.

— Que horas ela saiu? — Ágata perguntou.

— Ontem à noite.

— Tudo bem, obrigada pela informação. — Helen agradeceu, ganhando um sorriso simpático da mulher, que logo se afastou, voltando para sua casa.

— Dessa vez a Flor passou dos limites. Como faz uma idiotice dessas? — Ágata grunhiu.

Flor não me mandou nem mesmo uma mensagem. Não atende ao telefone porque, nitidamente, não quer. E eu que pensei que conseguiria lidar com toda sua liberdade, pelo jeito não.

— Estou indo nessa — anunciei, aninhando o cachorrinho nos braços.

— Vicente, espera. — Ágata correu, conseguindo me parar antes de entrar no carro. — Não desiste da Flor. Você pode salvá-la, eu sinto.

— Ela não quer ser salva de nada. Está muito bem sozinha. É o que ela sempre faz questão de deixar claro — solto amargo. — Se ela mandar dizer que está viva, por favor, me avise.

Sem querer prolongar a pauta sobre a ‘alma livre’ de Flor, dei as costas e sai dali, voltando para meu carro e dirigindo-o até minha casa.

Quando bati a porta, foi como se uma realidade batesse em mim também. A incapacidade de conquistar mais que a amizade de Flor era uma realidade muito latente em mim. E me sentia ridículo por estar buscando formas de chegar ao coração de uma pessoa que estava minimizando meus esforços.

Cassey latiu, batendo as patas nas minhas pernas. Abaixei-me para segurá-lo no colo novamente.

— Ela não nos dá nenhuma moral Cassey — murmurei, rindo da minha própria desgraça. O cachorrinho lambeu meu rosto em concordância.



Havia se passado três dias desde o sumiço de Flor. Ela ainda continuava sem atender ao telefone. Helen me informou que agora o aparelho dava desligado. Eu também fiz minhas tentativas de contato, mas se nem as amigas de anos ela respondia, a mim ela jamais iria responder.

A preocupação tem me consumido de tal forma que mal consigo me concentrar no trabalho. Todos os dias, ao final do expediente, paro o carro em frente à casa de Flor, bato na porta, aguardo algum tempo, mas nada de retorno.

O que ela fez não tem nome. Não consigo entender o porquê e também não quero. Sumir assim, sem se importar com o que as pessoas ao seu redor sentirão só prova que ela não tem espírito de liberdade coisa nenhuma, ela é egoísta, isso sim.

Ágata me ligou ontem para me manter informado do não aparecimento. Elas resolveram ir a polícia hoje declarar o desaparecimento. Não concordei, pois sei que se o caso fosse esse, a situação não teria esse desenrolar. Flor de Lis está por perto e simplesmente não quer aparecer.

Acabei meu expediente e, como de costume, rumei para a casa dela. Eu sempre me sentia um idiota por fazer isso, mas era a única forma que encontrei de me preocupar com ela, sem que ninguém soubesse.

Apertei a campainha, esperando o silêncio que sempre se seguia, mas me surpreendi ao escutar um:

— Estou indo. — Paralisei diante da resposta.

Imaginei ser meu subconsciente reinventando sua voz para aplacar a tristeza e decepção que se seguiam ao não ser atendido na porta.

Aguardei, sentindo o coração falhar uma batida quando a porta foi aberta por ela. Os cabelos estavam amarrados em um rabo-de-cavalo, usava um short curto e uma camiseta larga,

a expressão era de cansaço extremo.

Perdi as palavras, na verdade não sabia o que dizer, já que não a esperava ali. Meu sangue fervia nas veias e nunca me senti tão irado como naquele momento.

— Vicente? — sussurrou com um meio sorriso. Parecia feliz por me ver.

Era mesmo uma hipócrita. Some por dias, sem dar notícia alguma, e tem a coragem de parecer feliz ao reaparecer três dias depois.

Entrei na casa feito um furacão, parando no meio da sala. A respiração saindo em ruídos pesados.

— Como pode fazer isso? Sumir por três dias sem dar notícia alguma, Flor? — gritei completamente tomado pela raiva.

Ela cambaleou até próximo à parede. Segui-a com o olhar, Flor segurou uma muleta, equilibrando-a embaixo do braço e caminhou em minha direção. Emudeci diante da cena. O que significava tudo aquilo?

— Me desculpe por não querer deixá-los preocupados — soltou irônica.

— Por Deus, o que aconteceu? Foi um acidente... O que... Como não ligou para um de nós, Flor? — gaguejei as palavras, indeciso sobre me aproximar dela ou fugir.

— Sofri um acidente vascular cerebral. Não queria ninguém no hospital chorando e antevendo uma possível morte minha. Por isso não disse nada — falou irritada. — Mas estou viva, porra! Vê se não enche meu saco.

Engoli em seco, soltando o ar dos pulmões após sua última frase. Foi como um soco bem no estômago. Quase morri de preocupação e ela vem pedir para não encher seu saco?

Ela caminhou com dificuldade até o sofá, onde se sentou.

Caminhei até ela, parando bem em sua frente e mirando seus olhos. Ela me encarou fixamente, e o que vi em sua expressão não foi felicidade por me ver, alívio por estar viva ou mesmo arrependimento pelo que havia feito com seus amigos. Flor estava operando em seu modo blindado, com o egoísmo estampado nos olhos, criando um muro poderoso que me afastava dela.

Um AVC não fazia muito sentido, ponderei enquanto a olhava. Flor é jovem, pratica esportes, nunca a vi reclamar de nada, salvo as câimbras nas pernas, então como pode ter sofrido um AVC assim do nada?

— Não se preocupe, não estou tão aleijada ao ponto de não poder transar gostoso — disse fria, me fazendo dar um passo atrás.

— Você finge que não entende o que fez ou faz com as pessoas a sua volta, mas sabe perfeitamente. É egoísta, fria e manipuladora. Leva qualquer um para onde quer. Tenho pena de você por ser minimizar a esse ponto. Por deixar que as pessoas vejam apenas a livre Flor, que acreditem nessa teoria ridícula que adotou para sua vida, onde insiste em ser só corpo para

todo mundo que se aproxima. Você tem alma e coração Flor, por mais que tente negar. Tenho pena que algo tenha feito você desaprender a usá-los. — Ela suspirou, lutando para não deixar as lágrimas transbordarem por seu rosto. — Não se preocupe, não vou mais encher seu saco.

Dei as costas para ela, caminhando apressadamente para a saída.

— Vicente? — Ouvi-a gritar, mas não parei.

— Avise as suas amigas que está em casa — disse, sem me virar em sua direção.

Quando estava entrando no carro vi Helen estacionar atrás de mim. Não parei até estar em minha casa, jogando uma mesa contra a parede e gritando de frustração.



Capítulo Onze

E Flor de Lis

nxuguei as lágrimas que desceram por meu rosto. Grunhindo de insatisfação enquanto observava a figura de Vicente sair porta a fora. Consegui ver o que cada palavra minha lhe causou com exatidão.

Cada pedaço que quebrei com minhas frases ácidas e falsas. Na verdade o que eu mais queria era tê-lo por perto nos dias terríveis que passei no hospital. Ele me faria rir, dividiria comigo as dores e amenizaria qualquer indício de fraqueza.

Mas eu não seria capaz de submetê-lo a tal situação. Vicente não merecia se enfurnar no hospital com uma mulher que nem conhecia há tanto tempo assim. Eu não poderia apagar aquele sorriso espontâneo do seu rosto, nem deixar opacos aqueles olhos cheios de vida. Vicente iria sofrer, e não era isso que eu queria para ele.

Definitivamente foi melhor que tivesse ido agora.

Helen entrou pela porta, local onde ainda meu olhar estava fixo. Seu rosto estava molhado de lágrimas, a pele pálida. Logo em seguida entrou em minha casa uma Ágata esbaforida. Pela expressão e olheiras, ela não dormia há exatos três dias.

Nos olhamos em silêncio por um instante, até Ágata se adiantar e correr em minha direção, me apertando em um abraço forte. Retribui, acariciando seus cabelos e tentando acalmar seus soluços.

Helen parou em minha frente, com a expressão austera. Ao contrário de Ágata, ela parecia muito mais irritada que feliz em me ver.

— Será que agora você pode nos explicar o que aconteceu? — arrulhou, batendo o pé no chão. Ágata me soltou, fungando. Logo se juntou a Helen, parada em minha frente e me encarando inquisitoriamente.

Suspirei pesadamente, já cansada da pressão a qual estava sendo submetida. Peguei a maldita moleta, que me acompanharia daqui em diante, e fiquei de pé com certa dificuldade.

Os dois pares de olhos se arregalaram, mas notei um tom de desconfiança no olhar de Helen.

— O que aconteceu, Flor? — Ágata perguntou primeiro.

Me sentei, sorrindo sardônica. A verdadeira realidade não seria dita, jamais. Eu tinha cada vez mais certeza disso. Se uma moleta já gera essa reação, o que elas viveriam ao me ver sem me mover, por exemplo.

— Sofri um AVC, fiquei internada por três dias. Isso foi tudo. — Fiz um breve resumo mentiroso, ainda sob o olhar chocado das minhas amigas.

— Mas por que não nos avisou? Iriamos correndo ficar com você.

— Isso ainda está muito mal explicado. Que tipo de comportamento é esse? — Helen resmungou, ganhando um olhar de repreensão de Ágata.

— Helen, a Flor está doente, não vê?

— Vejo sim. E vejo também o egoísmo dela — retrucou. — Você passou três dias sem atender nossas ligações, sem mandar pelo menos uma mensagem dizendo estar viva, e quer que agora aceitemos de boa tudo isso? É ridículo — Assenti, sem a menor energia para discutir.

No fundo ela tinha razão, mas estava no meu direito de não querer ninguém comigo.

— Entendo sua raiva. Mas se está esperando que eu me desculpe, irá sair daqui assim como Vicente — disse firme. — Pode chamar de egoísmo, mas meu intuito era de poupá-los.

— Poupar? — Riu, meneando negativamente a cabeça. — A única coisa que não fez foi poupar-nos. Porque quase morremos de preocupação. Se tivesse nos permitido lhe acompanhar saberíamos onde estava, veríamos seu tratamento, poderíamos ter lhe dado força. Então, sim, ficaríamos mais tranquilos. Mas nos manter no escuro, sem ter ideia de onde estava?

— Já disse o que tinha para dizer Helen, não vamos alongar essa discussão. Tenho que descansar.

Ela não disse uma palavra, nem seria preciso, pois seus olhos se fixaram por um longo instante em mim. Tempo suficiente para eu ver tudo que havia causado. Com um suspiro cansado ela se voltou para Ágata, que permanecia calada ao seu lado.

— Estou indo embora — elucidou.

— Vou ficar com Flor. Você entende? — Ágata disse. Helen assentiu rigidamente, antes de girar em seus calcanhares e sair sem olhar para trás.

Quando a porta bateu, foi minha vez de liberar o ar que prendia nos pulmões. Estava exausta, física e emocionalmente. Primeiro havia acabado com qualquer chance de manter minha amizade com Vicente, e agora Helen sai daqui muito magoada comigo, como nunca a vi antes.

Ágata se sentou no braço da poltrona, apertando meu ombro numa tentativa de me tranquilizar. Coloquei a mão por cima da sua, sorrindo ao ver seu rosto sempre tão amigável.

— Obrigada por ter ficado — anuí. — Sei que fui babaca, mas não queria que me vissem em um estado ruim.

— Eu já entendi Flor. Não concordei, mas entendi. Agora descanse um pouco. Vou ajeitar as coisas por aqui e preparar algo para comer.

Me ergui, apoiando a muleta para conseguir andar até o quarto. Prometi a mim mesmo, inúmeras vezes, que não reclamaria da minha situação, mas até me acostumar com a progressiva mudança, essa sensação de incapacidade sobre mim continuaria existindo.

— Quer ajuda? — Ágata apressou-se em perguntar. Neguei com um aceno.

Sua pergunta me feriu. Sou orgulhosa demais para ficar feliz por me oferecerem ajuda. Mas Ágata foi a única que ficou, e sou muito grata pelo seu não julgamento. Ela sempre foi a mais doce e compreensiva de todas nós, e também a mais maluquinha.

Só esperava recuperar Helen, porque aquela mandona também me faria falta... Já Vicente... Foi melhor assim.

Quando deitei minha cabeça no travesseiro, imagens de tudo que vivi com Vicente entre aquelas quatro paredes preencheram minha mente. Eram tão vivas em meu subconsciente que quase pude ouvi-las fazer barulho.

O quão envolvida eu estava?



Um mês depois

Foram os dias mais longos da minha existência. Trinta dias vivendo em uma espécie de inércia incapacitante.

Ver aquelas muletas como uma necessidade para me locomover, era como dar de cara com a minha doença todos os instantes do dia. Até então ela se manteve progressiva sem muitos alardes. Uma câibra aqui, uma dificuldade de me movimentar ali, mas agora era diferente, a doença se sobressaiu a minha força e conseguiu incapacitar alguma parte de mim.

Um ato tão simples, esse de andar por aí. Andar é tão frívolo, até a palavra é simples. Quantas vezes você já agradeceu por andar sem maiores problemas?

Somos fracos demais, esperamos que algo trivial nos seja tirado para que demos a devida importância a isso, para enfim agradecer os dias de caminhada que fizemos. E isso não acontece apenas com o caminhar, mas com tantas outras pequenas coisas que deixamos passar despercebidas.

Sinto falta dos meus passos firmes, e já tenho certa saudade dos passos que não darei

daqui a algum tempo.

Foram dias pensantes e conflitantes, que passaram por meus olhos como se eu fosse mera espectadora da minha vida. Dias de infundáveis repetições maçantes. Já havia inclusive decorado.

Ágata veio os dez primeiros dias sozinha, toda a tarde. Me ajudava com a comida, conversávamos um pouco e ela ia embora. Helen apareceu aqui no décimo segundo dia, sentou em minha frente com uma expressão contrariada, me levando a acreditar que estava ali por livre espontânea pressão, obviamente feita por Ágata.

Expliquei-lhe com as mesmas palavras de antes o que me acontecera, assim como expliquei a diarista e a todos os vizinhos. Um AVC, simplesmente. Ela não gostou da explicação, mas decidiu que iria tentar aceitar meu pedido de desculpas.

As duas tentaram me convencer de ir ao médico com elas, mas neguei veementemente qualquer tentativa.

Já Vicente, sumiu do meu convívio. Nunca mais me ligou ou voltou a minha casa. Ágata tentou falar sobre ele, dizer o quão triste estava com tudo, mas preferi não ouvir.

Negar que sinto saudades não vou mais. É como se tivesse um *bichinho come-come* instalado em meu coração. Bastava uma lembrança, uma menção do nome dele e esse bichinho, denominado saudade, roía um pouco mais desse quase inexistente órgão.

Eu soube lidar com ele, soube lidar com a inércia momentânea, soube lidar inclusive com as moletas e a progressividade da doença. E o mais incrível, soube lidar com minha teimosia.

Decidi então fazer fisioterapia. Não resolveria o problema, mas me ajudaria. E foi o que fiz nos quinze dias seguintes. Todos os dias, intensamente, colocando minha energia ali.

No trigésimo dia, mais precisamente hoje, tomei mais uma decisão, preciso matar o *come-come*, e para isso quero um último vislumbre de Vicente. Talvez até uma última conversa, um último abraço.

Quero saber de Cassey. Da vida de Vicente. E em seguida ir embora definitivamente.

Parei em frente à prefeitura de São José, analisando o prédio que fora reformado recentemente. Era um lugar bonito e imponente, mas não via Vicente trabalhando ali. Não parecia se encaixar.

Estava me preparando para atravessar a rua, passos instáveis, olhos estreitos por conta do sol forte daquele início de tarde. Parei antes mesmo de dar o primeiro passo até o outro lado. Vicente estava saindo da prefeitura, de mãos dadas com a loira óbvia do parque. Ele estava sorrindo, mas não com a alma, pude ver mesmo daquela distância.

Resignada, virei-me e fui embora. Ele estava seguindo meu conselho. O universo, o destino, ou mesmo Deus estava desenhando um novo caminho para Vicente, e esse era o melhor para ele.



A música alta me enche de energia. Ver pessoas dançando, sendo livres e felizes, mesmo que momentaneamente, me trás de volta a vida.

Era disso que eu estava precisando, da liberdade da noite. Eu ponderei muito sobre o que Vicente disse para mim antes de sumir da minha vida. Todo esse negócio de me esconder por trás dessa liberdade latente que busco, de deixar apenas que a Flor liberta apareça. Ele tinha certa razão, não em tudo, mas em parte do seu discurso. E, quer saber? Gosto da máscara que visto.

Cada uma tem a que lhe cabe melhor. A liberdade é minha maior arma e refúgio. E não me envergonho de ser alma livre.

Sinto por não poder estar me acabando na pista de dança agora, ou mesmo bolando um plano para conquistar algum homem, que intitularia *o cara da noite*. Mas não aproveito menos a festa por isso.

A banda era maravilhosa, tocava de tudo um pouco. Arrancando boas risadas de nós quando um clássico de Sandy e Junior tocou. Helen foi a primeira a fazer gracinha, seguida de Rui e Ágata, que acabara de chegar à mesa.

— Vocês nunca irão parar de encher meu saco? — Todos riram. — Vou arrumar algo para usar contra vocês, me aguardem.

Bebi um gole do meu Martini, cantarolando a música.

— Você não consegue se conter, *bebê*. — Revirei os olhos diante da implicância de Helen.

— Rui, cala a boca da sua namorada boboca?

Ele seguiu meu conselho, beijando Helen.

— Estou feliz por tê-la aqui de novo, Flor — Ágata segurou minha mão, segredando em meu ouvido.

— Pensou que eu iria ficar depressiva por conta dessa merda? — Ergui a muleta florida.

Sim, eu e as meninas *adesivamos* aquela coisa, dando inclusive, um nome a ela. Terceira perna. Não se espantem com a dubiedade do sentido, somos depravadas.

— Você e depressão não combinam — afirmou. Com um gesto de cabeça, apontou para um carinha ao nosso lado. — O bonitão está te querendo.

— Claro, e como haveria de não querer. Uma mulher linda, inteligente, aventureira e que tem três pernas. Sou soberana, meu bem.

Ela gargalhou, jogando a cabeça para trás. Mas quando voltou-se para mim novamente o sorriso morreu instantaneamente.

Não precisava que ela colocasse em palavras o que havia mudado seu semblante, eu senti. Todos os meus sentidos reconheceram sua presença, antes mesmo dos meus olhos pousarem em Vicente.

O tom pálido no rosto de Ágata, só poderia delatar uma coisa, ele estava acompanhado. Virei o rosto, olhando na direção que os olhos dela estavam fixos, apenas para ter a confirmação. Vicente e a loira óbvia estavam entrando no Pub.

Ele estava cumprimentando alguém, enquanto a mulher permanecia ao seu lado, olhando ao redor sem esboçar o mínimo sorriso. Se fosse uma mulher de pré-conceitos, diria que a tal Maitê é uma esnobe.

Ela me viu antes de ele notar minha presença, e depois de um olhar sardônico com direito a sobrelance arqueada, agarrou-se no braço dele, como se Vicente fosse essencial para mantê-la de pé.

— Óbvia — resmunguei, revirando os olhos.

Houve um breve silêncio na mesa, enquanto três pares de olhos recaíam sobre mim. Dei de ombros, ignorando o ciclone de sentimentos que me engolia naquele momento.

Fiz o que de melhor faço, acenei, sorri e fingi uma não afetação.

— Qual é gente, quem morreu aqui para ficar todo esse clima?

— Ele está vindo para cá Flor — Ágata anuiu.

Senti-me sobressaltar, mas novamente me recuperei rapidamente. Não iria passar por baixo nessa história. Vitimismo e eu não estávamos na mesma frase nunca.

— Deixe que venha, oras. — Inspirei profundamente, reunindo forças para o contato que aconteceria em breve.

Novamente o senti antes mesmo de vê-lo. Seu cheiro, sua presença. Era como se estivéssemos ligados de alguma forma.

— Boa noite meninas. Rui — Todos responderam em uníssono, um tanto quanto constrangidos. — Boa noite Flor.

Nossos olhos se fixaram, eclipsados por sentimentos silenciosos. Cada fibra do meu corpo queria provocá-lo até arrastá-lo para o banheiro, depois para minha cama, onde dormiríamos após uma transa enlouquecedora.

— Boa noite — respondi com um tom firme.

— Como você está?

Por um momento éramos apenas nós ali. Não havia festa, amigos nem Maitê. Não havia banda, Pub, nem bancos. Ele roubava tudo ao redor, conseguindo me manter cativa.

Me perguntei como estava levando meus dias sem aquela troca divina que havia entre nós.

— Na mesma, como pode ver — Balancei minha muleta no ar. Ele riu um pouco.

— Pelo visto na mesma e a mesma. — Assenti orgulhosa de mim.

— Sempre — Pisquei um olho. — Como está Cassey?

— O cachorro é dela? — A voz de gralha conseguiu tranpassar as paredes da nossa bolha, estourando-a e trazendo tudo à tona novamente.

Fechei os olhos por um breve instante, me dando conta novamente dos meus amigos emudecidos, da banda tocando uma música, dos garçons andando pra lá e para cá, e da loira aguada ao seu lado.

Ela me fitou com desdém, e foi retribuída na mesma moeda.

— O Vicente me deu de presente. Ele não te contou? — digo sorrindo amplamente. Ela grunhiu, meneando a cabeça.

Maitê se alterou visivelmente. O que só serviu para me divertir.

— Uma cachorrada, não acha? — ironizei. Ouvindo risadinhas baixas. Maitê empurrou Vicente, saindo de perto dele feito um furacão.

— Você não colabora, Flor — resmungou, saindo atrás da namorada.

Eu não colaboro? Como ele tem a pachorra de dizer uma coisa dessas? Então era pra ficar amiga daquela esnobe?

Indignada, me levantei da mesa.

— Esse idiota conseguiu acabar com minha noite. — Me equilibrei na minha nova perna. — Acho melhor ir embora, porque se fico aqui faço Vicente comer essa muleta.

— Vou com você. — Ágata se levantou depressa.

— Não precisa dar uma de babá, Ágata. Curta sua noite, ainda consigo ser independente. — Coloquei minha bolsa sobre o ombro. — Aproveitem a festa.

Me retirei do lugar, ainda ouvindo meu nome ser chamado, mas ignorei. Elas me conheciam bem o suficiente para saber que era melhor me deixar ir sem maiores delongas.

Ao esperar o táxi em frente ao Pub ainda tive o desprazer visual de ver o casal, que havia acabado com minha noite, em meio a uma reconciliação calorosa.

Grunhindo, entrei no táxi e voltei para minha casa. Disposta a expurgar Vicente de uma vez por todas da minha vida.



Capítulo Doze

N Vicente

ão foi fácil virar as costas e dizer adeus. Não foi fácil ignorar o incômodo que assolava meu peito todas as vezes que corria naquele parque e as lembranças se faziam tão vivas que quase podia jurar sentir o cheiro dela.

Eu funcionei no automático por todo esse longo mês. Vi meus dias passarem como um filme em preto e branco, em cinema mudo. Trabalhei incessantemente, corri tantas e tantas vezes naquele parque, que hoje quase me sinto um maratonista. Fiz isso na ânsia de vê-la, de possivelmente nos esbararmos e deixarmos o curso do nosso desejo ser mais poderoso que qualquer outra mágoa.

Sim. Eu estava profundamente magoado pela atitude de Flor, mas agora até conseguia entender seus motivos. E, conhecendo-a como conheço, deveria ter, inclusive, esperado algo assim vindo dela.

Aquela teimosa, absolutamente linda e encantadora, é orgulhosa e destemida demais para querer mostrar fragilidade para alguém. Alma livre, como ela mesma diria. Mas me angustia sobremaneira imaginá-la sozinha em um hospital, sem uma mão para apertar, sem uma pessoa para ajudar a passar o tempo com conversas ridículas e triviais.

Ela não podia pensar dessa forma. Ninguém neste mundo tem tamanha fortaleza dentro de si, para ser capaz de enfrentar tudo na mais completa solidão. Há dores que precisamos compartilhar para tornar o fardo menos pesado, e era isso que queria que ela entendesse.

Mas sua frieza e hostilidade não me permitiram aproximação. E então entendi que Flor queria que eu me afastasse. Provavelmente fui tolo o suficiente para deixar transparecer o meu crescente sentimento, e avessa a relacionamentos como ela é, preferiu me dizer adeus silenciosamente.

Todos esses pensamentos e ponderações tinham ficado de lado na última semana. Eu lutei bravamente para afastar a presença constante de Flor em minha mente, e estava conseguindo, devagar, é claro.

Por isso decidi me envolver com Maitê novamente. Ela estava ali, sempre tão solícita me estendendo a mão, me ouvindo, me tirando da merda do poço sem fundo que me meti. Eu precisava me oportunizar. Por mais que não fizesse sentido para mim tal coisa. No entanto, era a melhor opção de seguir em frente.

O problema é que não contava que em um mês de “namoro”, Maitê se tornasse obsessiva e me mostrasse que seu lado mimado não havia desaparecido como ela deu a entender. Pensei que a estadia fora havia maturado sua personalidade, afinal namoramos quando éramos muito jovens, mas pelo jeito nada mudou.

A ida ao Pub foi uma tentativa de espairecer. De não passar mais uma noite mergulhado em lembranças e arrependimentos. Me senti sim arrependido por ter ido embora naquele dia e de ser orgulhoso o suficiente para não voltar mais, nem para me certificar de que Flor estava bem.

Meus olhos desacreditaram ao se deparar com seu rosto. Foi como receber um soco, que me roubou todo ar em um átimo. Foi como me sentir vivo novamente, mediante as batidas latentes do meu coração. Foi como mergulhar em águas gélidas e despertáveis. Foi como achar o rumo, após anos de peregrinação. Foi como chegar em casa. Flor de Lis.

E, não. Eu não entendia como tudo aquilo tinha acontecido em tão pouco tempo. Muito menos em que parte dessa breve história ela havia se tornado tão importante para mim, mas aqui está ela, dona de fragmentos vitais da minha vida. E ela nem sabe. Nem eu sei direito, só sinto.

A essa altura nem me dei conta de que Maitê estava atracada em meu braço. Provavelmente a viu antes de mim. E, sabendo de parte da minha história com Flor, ativou seu modo obsessivo.

Me despedi rapidamente de Maicon, um amigo com quem esbarrei bem na entrada do bar, e deixei que meu corpo me levasse para onde estava implorando silenciosamente para ir.

Não sabia bem o que diria, nem mesmo se ela me responderia, mas precisava chegar perto de Flor, por um instante que fosse.

— Boa noite meninas. Rui — Cumprimentei, recebendo uma resposta meio constrangida. Ágata olhou de mim para Maitê com a cara feia, Helen e Rui desviaram o olhar. — Boa noite Flor.

Então ela me olhou. Não um breve olhar, mas sim uma troca clara de frases mudas. Foi impossível olhar para qualquer outro lugar. Mesmo que Maitê estivesse estrangulando meu braço naquele instante, não conseguia desviar, a luz de Flor me prendia a ela, me impelindo uma ânsia de arrastá-la dali, prendê-la contra a primeira parede e devorar sua boca, até que ela se convencesse de que seríamos perfeitos um para o outro.

— Boa noite — respondeu em um tom firme. Não era firmeza, porém, que via em seu olhar.

— Como você está? — indaguei, sem muitas alternativas para iniciar um diálogo.

Tudo a minha volta foi diminuído ao ponto de deixar de existir. Na verdade gostaria de saber como ela está se sentindo sem ‘nós’.

— Na mesma, como pode ver — retrucou espontânea, balançando a muleta no ar, conseguindo me arrancar uma risada.

— Pelo visto na mesma e a mesma. — Ela assentiu, sorrindo.

— Sempre. — Pisca um olho, tentando ao máximo descontraír nossa conversa. — Como está Cassey?

— O cachorro é dela? — Maitê interrompe nossa interação, naquele tom de voz irritante. As duas se olharam, e antes que eu pudesse contornar a situação, Flor soltou:

— O Vicente me deu de presente. Ele não te contou? — disse sorrindo amplamente. Maitê grunhiu, meneando a cabeça. Estava quase rindo da cara de pau de Flor. — Uma cachorrada, não acha? — ironizou.

Maitê me empurrou, saindo feito um furacão. Estou cansado dessa dor de cabeça com pernas.

— Você não colabora, Flor — resmunguei, indo em busca de Maitê.

Preciso pôr um fim nessa tentativa fracassada de relacionamento.

Uma conversa enfadonha foi travada. Maitê tentou me convencer a permanecermos juntos com um beijo, mas acabei afastando-a delicadamente e acabando de vez com essa tentativa esdrúxula de namoro.

Quando voltei novamente para o bar, louco para encontrar Flor, vi apenas seus amigos, que me relataram sua partida.

E agora cá estou eu, jogado em meu sofá, a TV ligada, mas sendo completamente ignorada, e um cachorro carente deitado em meu colo.

Alisei o pelo macio de Cassey, sorrindo minimamente. Parecíamos estar dividindo o mesmo estado de espírito durante esse mês. O coitadinho provavelmente estava com saudades de Flor. Estava falando de mim e do cachorro.

Ele me olhou, com as orelhas baixas e uma cara de completo desânimo.

— Estamos perdidos sem ela, não é garotão? — Ele latiu, lambendo minha mão. — Eu sei que sim.



— Eu sei mãe, prometo que irei aí muito em breve — digo impaciente. A cobrança constante de dona Dária está me tirando do sério.

Sem falar que seu instinto materno detectou algo de errado em minha voz, o que só

tornou-a ainda mais determinada a descobrir o que estava acontecendo.

Cassey latiu, rodeando a cadeira, enquanto balançava o rabo freneticamente. Era um esfomeado esse cachorro.

— A senhora sabe que amo mais que tudo. — Sorri, louco para que ela se convencesse disso e me permitisse tomar meu café da manhã. Dona Dária fez sua lista de recomendações, para mim e Cassey - *Quero deixar claro* - repetiu que me amava e desligou.

Quando o celular tocou novamente, pensei que fosse ela com alguma recomendação que esquecera. No entanto era da prefeitura.

— Se for problema você ligou para o número errado, Manoel. — Ri, ouvindo um resmungar do outro lado da linha.

— Você precisa vir até o Parque Vicentina Aranha. Estamos em meio a uma confusão. — Revirei os olhos.

— Sou pago para tratar de finanças, amigão. Não tenho nada a ver com parques.

— Liguei para você porque o prefeito Nunes me disse que era o representante dele, enquanto o mesmo estivesse fora.

Quase cuspi meu café ao ouvir aquilo. Representante? Nunes estava abusando da minha boa vontade.

— E o que há de errado no parque? — perguntei impaciente.

— Precisamos derrubar uma árvore centenária e há um grupo de manifestantes enchendo o saco. Para ser mais preciso, uma manifestante que subiu na merda da árvore.

Eu ri com vontade. Quem seria a louca que subiria em uma árvore só para que não a derrubassem?

— Com tantas árvores nesse lugar e estão implicando por conta de uma? — Bufo irritado. — Estou chegando aí em um instante.

Desligo o telefone, me apresando em jogar a louça suja na pia, encher os recipiente de Cassey de água e comida e lhe dar um afago, antes de sair.

Não levei nem cinco minutos para chegar até o parque. O lugar ficava a poucos quarteirões de minha casa, e era muito conhecido por mim, já que corria ali todos os dias.

Ao longe consegui avistar a pequena confusão, que inclusive já havia chamado atenção dos transeuntes. Daqui a pouco tinha até algum canal de TV por aqui.

Suspirei pesadamente, reunindo paciência para lidar com a situação. Havia três manifestantes, discutindo calorosamente com Manoel, que enxugava a testa com um lenço a cada dois segundos. Dois homens munidos de motosserras, com cara de tédio completo e os curiosos que haviam parado para ver a confusão.

O carvalho era mesmo muito bonito, e pelo jeito bem antigo. Mas não entendia por que

tanto alarde por conta de uma árvore.

— Estou aqui Manoel — anunciei minha chegada. — Bom dia pessoal. — Cumprimentei os manifestantes, que me olharam feio. — Sou o representante da prefeitura. Podem me relatar o problema?

— Essa árvore tem uma história aqui. Não se arranca histórias da sua raiz! — Uma voz bem conhecida gritou a distância.

Ao me virar para a árvore, quase caí para trás ao ver Flor de Lis montada em um dos troncos, balançando as pernas tranquilamente, enquanto me lançava um olhar irritado e um sorriso sardônico.

O que aquela peste estava fazendo ali?

— Cancelem o derrubamento da árvore — disse, sem conseguir desviar os olhos dela.

— O quê? — Manoel gritou. — Isso significa gastos, mudança de projeto, Vicente. O prefeito não vai gostar disso.

— Se ele mandou que o representasse, estou fazendo. — Argumentei firme, ainda sem desviar os olhos de Flor.

Seu vestido florido balançava ao sabor do vento e o cabelo caía em uma cascata ruiva ao longo dos ombros. Seus olhos brilhavam de pura rebeldia divertida.

Os demais manifestantes aplaudiram, me fazendo rir.

— Podem ir. Está cancelado tudo por aqui. — Os trabalhadores assentiram, se retirando, junto de um Manoel ranzinza.

Me aproximei da árvore, incapaz de fazer algo que não fosse sorrir. Aquela mulher era impossível. A muleta de Flor estava encostada no tronco da árvore, com aquele adesivo chamativo era impossível não notá-la.

— Obrigada, companheiros de luta — gritou para seus amigos manifestantes. Meneei a cabeça.

— Até a próxima companheira. — Um deles gritou em resposta. Com acenos eles se despediram.

Restaram apenas Flor, eu e a árvore. Ah, sim, e um silêncio divertido. Queria gargalhar de toda aquela loucura. Teria o destino uma forma mais distorcida de juntar nossos caminhos?

— Desça daí Flor de Lis. — Ela arqueou a sobancelha, me desafiando. — Como representante legal do prefeito, exijo uma conversa para medirmos essa situação.

Ela gargalhou, jogando a cabeça para trás.

— Vai ter que me segurar. — Deu de ombros. Assenti, estendendo meus braços, aguardando seu pouso.

Ela pulou e consegui minimizar o impacto dos seus pés no chão. Mas em compensação

o impacto de ter seu corpo tão perto do meu foi avassalador.

— Minha muleta — murmurou, livrando-se do meu aperto. — Obrigada.

Ela equilibrou-se com maestria e me fitou sorridente, quando lhe entreguei a peça.

— O que eu faço com você?

— Vamos negociar. — Deu de ombros tranquilamente.



Capítulo Treze

M Flor de Lis

al podia acreditar na cena que me rodeava naquele instante. Estava caminhando ladeada por um Vicente tranquilo, sorridente e muito pegável. Parecia que nada havia acontecido entre nós. Como se tivéssemos acabado de nos conhecer.

A situação toda era engraçada. O destino tem uma foma muito peculiar de jogar a toalha e bagunçar o que aparentemente já estava caminhando para um definitivo.

Quando, por Deus, poderia imaginar que ao me amontoar naquela árvore hoje cedo, acabaria aterrizando nos braços fortes de Vicente. E agora estar aqui, caminhando ao seu lado, louca para pular nos braços dele e beijá-lo sem ao menos lembrar a raiva que ainda sinto por ele estar com aquela loira óbvia.

Tenho vontade de grunhir só de me lembrar da cena patética no bar.

— Podemos ir para minha casa? Te ofereço uma xícara de café enquanto conversamos.

Dou risada antes mesmo de colocar em palavras a piadinha sagaz que surgiu em minha mente naquele momento.

— Ah, seria uma grande honra. Quero lhe oferecer esse humilde presente. — Estendi a muleta em sua direção, fazendo uma alusão a um episódio do Chaves.

— Engraçadinha — diz estreitando os olhos numa tentativa de ficar sério, que falha miseravelmente. Acabo caindo na risada também. — Acho que é bem pior se comprar a Dona Florinda do que me comparar ao Professor Girafales.

— Ambas as comparações são bem pesadas. — Ele aquiesce.

Olhei-o de esguelha, admirando seu perfil harmônico, o tom da sua pele parecia ainda mais acentuado ao receber os raios amenos daquele sol da manhã. O verde que nos cercava, o chilrear dos pássaros, o cheiro das rosas do parque, tudo parecia tão certo e perfeito.

Nem conseguia enxergar a neblina que tem tentado escurecer meu coração nesses últimos tempos. Acabei sorrindo, com orgulho de mim mesma. Era mais uma coisa que a

sentença de uma finitude breve havia me concedido, a capacidade de clarear a situação antes mesmo de ela enegrecer meu coração.

— Não sabia que era ativista dessas causas ambientais... Bem, sim, você gosta da natureza. — Se retratou, versando o olhar entre mim e a rua à frente. — Mas não sabia que defendia árvores em perigo.

— Sou nova no ramo — expliquei, dando de ombros. — Tenho tentado fazer tudo que já tive vontade na vida, como você deve ter percebido. E participar de causas ambientais sempre foi um desejo que nutri.

— Mas o afinco com relação à árvore, tem mais — retrucou desconfiado.

— Lembra-se da lista maluca que citei?

— Aquela que me disse ser clichê, e silenciosamente me fez prometer que não aplicaria com você? — Assenti.

— Quis fazer uma daquelas coisas. E isso envolve aquela árvore em particular.

— A carta enterrada embaixo de uma árvore? — indagou. Afirmei com um aceno. — Mas por que aquela árvore em especial?

— É minha preferida no parque inteiro. Me faz lembrar os piqueniques em família que já fiz ali com meus pais.

— Entendo. — Ele soltou um suspiro pesado. — A lista nem parece tão boba agora, não é?

— Continua sendo boba, mas gostei da ideia da carta. — Pressiono os lábios por um instante, pensando que na verdade não acho mais a coisa tão boba assim, mas parece sem graça quando penso em realizar qualquer item, que não seja ao lado de Vicente.

— Chegamos senhorita — anuncia, parando em frente a um prédio moderno e elegante. É tudo monocromático demais, meio impessoal, mas muito bem localizado.

Vicente cumprimenta o porteiro e me guia até o elevador com um toque sutil em minhas costas.

— Está se adaptando bem as muletas? — Quebrou o silêncio.

O que foi uma boa ideia, já que a aura de desejo que se instalou naquele cubículo desde que as portas se fecharam, foi quase palpável.

— Considero-as um tipo de perna extra. Afinal o que posso fazer? — Seus olhos se demoraram nos meus, me fazendo desviar o olhar antes dele.

Tinha medo de que Vicente pudesse me enxergar completamente. Desnudar-me não era uma opção, e algo em mim gritava que Vicente era capaz de tanto.

— Mas não tem se sentido bem? Está indo ao médico?

— Estou fazendo fisioterapia — concluí, grata pelo elevador abrir as portas e

interromper nossa conversa.

Não gostava nada quando o assunto rumava para esse lado. Sentia-me desconfortável e exposta.

— Prepare-se para o ataque da ferinha. Cassey deve estar louco de saudade. — Ele fez uma pausa antes de abrir a portas. — Assim como eu estive por todo esse tempo.

Fui capturada por seu olhar, pela força das suas palavras.

Um latido frenético nos tirou daquele momento, seguido por garras que arranhavam a porta. Quando Vicente abriu-a, uma bolinha de pêlos, bem maior do que da última vez que vi, correu em minha direção. O rabinho balançava de um lado a outro, as patinhas se apressaram em bater em minhas pernas, e os latidos agudos eram ensurdecedores.

— Que saudade de você garotão. — Baixei-me para pegá-lo no colo, recebendo lambidas e mordidas carinhosas onde Cassey conseguia alcançar.

Quase me desequilibrei no processo, mas um par de mãos firmes segurou minha cintura, me firmando.

— Vou preparar o café, fique a vontade. — Então ele sumiu para o outro lado de um balcão que separava a cozinha da sala.

Sentei-me em uma banquetta no balcão, admirando o apartamento. Não era tão grande, mas tinha um toque tão pessoal que quase o vi como uma extensão de Vicente. As cores, as disposições dos móveis, a arrumação meio bagunçada. Era tudo muito elegantemente simples, descomplicado e com um toque extra de simpatia.

Murmurei uma conversa infantil para Cassey, beijando sua cabecinha, e logo ele se aquietou se aconchegando em meu colo, parecendo cansado pelo esforço.

Virei-me para observar Vicente trabalhando com agilidade na cozinha. Ele fazia tudo parecer tão simples e trivial, como se conseguisse se encaixar em qualquer lugar e tornar-se parte do cenário de uma forma magistral.

Ele dispôs o café em duas canecas de porcelada, que tinha estampadas a frase: “*O melhor filho do mundo*”.

Eu ri, aceitando a caneca que ele me ofereceu. A mão tremeu ao tentar erguer a mesma, o que rendeu um olhar atento de Vicente. Ele, surpreendentemente, segurou minha caneca, sua mão cobrindo a minha, e ajudou-me a levá-la aos lábios. Bebi um gole, sem desviar os olhos dos seus, em seguida pousei a caneca sobre o balcão, pigarreando para recuperar a sensatez.

— Se a sua namorada me pega aqui, acho que coloca fogo no próprio corpo. — Mudo o foco da situação. Vicente ri.

— Não somos mais namorados. — Ergui a sobrancelha, desconfiada.

— Muito me surpreende que ela tenha aceitado o término. Ela é, obviamente, doida.

— Maitê é uma boa pessoa. Só um pouco possessiva demais.

Um instante de silêncio se seguiu. Bebi mais um gole do café, observando Cassey se remexer confortavelmente em meu colo.

— Desculpa. — A palavra escapou por seus lábios com um tom de sincero arrependimento e com um evidente alívio por finalmente estar sendo dita.

Fitei-o por um breve instante, sorrindo calidamente.

— Também lhe devo um pedido de desculpa. — Dou de ombros. — A situação toda foi uma merda, o que nos deixa meio quites. — Ele aquiesce, abrindo um enorme sorriso.

— Ainda me impressiono com a simplicidade com que lida diante de certas coisas. — Seu cenho está ligeiramente franzido, os lábios puxados para a direita em um sorriso lateralizado.

— Foi difícil, mas estou tentando melhorar, sabe? Aprender a ser resiliente. Acho que se perde muito tempo remoendo coisas pequenas. Se as pessoas parassem para pensar que temos um prazo de validade, não perderiam muito tempo com coisas frívolas.

— Realmente tem razão. E por isso muitas vezes deixamos de viver o agora — comentou.

— E não valorizamos esse agora, nem paramos para pensar que o agora é tão importante que é chamado de presente. Não vale a pena se ater a certas coisas.

— Pelo jeito você continua singularmente sábia — disse em meio a um sorriso amplo.

— Singularmente?

— Sua forma de ver, falar e enfrentar a vida é linda e bem singular.

— Obrigada. Foi um adjetivo bem diferente. — Ele riu.

Entreguei-lhe a caneca vazia e ele virou-se para colocar a louça na pia. Cassey pulou do meu colo, correndo para se aninhar no sofá.

— Mas estávamos aqui para negociar a derrubada da árvore, não? — Quando voltei a encará-lo, detectei instantaneamente que a aura havia mudado por aqui.

E adorei a reviravolta. Já estava mesmo de saco cheio de conversas tão profundas. O olhar dele dizia tudo, estava me desafiando. E isso nos movia de uma forma alucinante. O desafio colocava fogo em nós dois.

— Estou aberta a sugestões. Fique a vontade para lançar as propostas.

Ele deu a volta no balcão, parando em minha frente, os braços ladeando-me, o corpo inclinado em minha direção. Já podia sentir o pulsar ansioso do meu corpo. Tudo em mim despertando-se para o que estava por vir.

— Não sei se minha proposta é muito digna. — Seus olhos falmejavam de desejo. E duvido que os meus estejam refletindo algo diferente.

— Não me importo com dignidade. — Seus braços me rodearam antes mesmo que eu

desse por mim. Ele enlaçou minhas pernas em minha cintura, sua mão em minha nuca, segurando firme minha cabeça.

— Uma transa vale aquela árvore? — Eu gargalhei, jogando a cabeça para trás.

— Só uma? Porque acho aquela árvore bem grande... Talvez umas cinco fosse mais justo para ambas as partes. — Seu sorriso foi pecaminosamente atraente.

Um segundo após, minha boca estava colada a dele em um beijo intenso e saudoso. Eu me senti inteira novamente.

Não deu tempo de pensarmos muito. Em nada mesmo. Nem preliminares, nem em nos despirmos completamente. Vicente me encostou na primeira parede que viu em sua frente.

Os lábios famintos revezando-se entre minha boca, pescoço e seios. Seus dentes raspando minhas carnes ainda cobertas, me arrancando risadas e gemidos.

Somos dois loucos completos.

— Mate nossa vontade, Vicente. — Segurei seu cabelo, fazendo-o me encarar. — Agora.

Suas mãos sumiram para a parte de baixo do nosso corpo. O barulho do zíper descendo, arrepiando cada pelo existente em meu corpo. Seus dedos afastaram minha calcinha, pairando em seguida no meu ponto mais sensível.

— Vicente. — Gemi, cravando as unhas em seus ombros.

— Que saudade... Que saudade. — Então o senti enterrando-se em mim.

Minha cabeça bateu contra a parede, incapaz de permanecer em seu devido lugar. Os lábios dele atacaram com voracidade meu pescoço, enquanto as estocadas ganhavam um ritmo forte e frenético, cada movimento me impulsinando para cima e roubando meu ar.

Gritei, os olhos apertados, estremecendo violentamente quando o orgasmo me atingiu como um raio. O grunhido gutural de Vicente me fez abrir os olhos para observar sua expressão enquanto ele chegava ao máximo do seu prazer, se derramando em mim.

Ficamos um instante recuperando a respiração, as testas unidas, sorrisos bobos nos lábios.

— Acho que garanti a vida daquela árvore por mais alguns anos.

Ele me fitou, os olhos brilhando de uma forma encantadora. O rosto vermelho e suado.

— Você garantiu a vitalidade daquela árvore até o fim da minha vida. — Ri, puxando-o para um beijo.



Capítulo Quatorze

Flor de Lis

P

reciso dizer que tudo foi reestabelecido em minha vida nessa última semana? Não saberia explicar nem se eu quisesse. Mas tenho alguma desconfiança de que isso esteja intrinsicamente ligado ao fato de Cassey ter voltado a minha rotina... Ou seria pela volta de Vicente ao eu cenário rotineiro?

Não sei, não quero saber e parar para pensar me apavora. Essa situação tem tomado um rumo absolutamente diferente do que imaginei no início de tudo. Era para Vicente ser apenas o cara da noite, uma transa a mais. Ele ganhou espaço e virou um bom amigo, evoluiu para um ficante e agora... Não sei, e já disse que não tenho a intenção de descobrir.

Também não irei me policiar com relação a nada que nos envolva. O meu afastamento com relação a ele, o mês de solidão, me fez enxergar que não tenho tempo para ponderar. Preciso viver o hoje. Na hora certa eu saberei o que fazer.

Com relação às de mais coisas, minha relação com as meninas foi inteiramente reestabelecida. Elas ficaram radiantes ao saber da minha reaproximação com Vicente.

A doença tem progredido evidentemente. Apesar dos exercícios e das doses mais altas dos remédios, já não consigo mais erguer nada com a mão esquerda, e a dificuldade para me equilibrar com a muleta tem se acentuado.

Sei o que vem a seguir, de certa forma me apavoro com as possibilidades, mas tento ser resiliente e não sofrer por antecipação. Viver. É difícil quando se está morrendo. Quando cada fragmento da sua vida está se esvaindo aos poucos.

Meu celular tocou, tirando-me do meu devaneio. Estava naquele momento buscando algo para fazer. O marasmo estava me deixando estressada. E certos programas não me eram mais possíveis, eu tinha que aceitar. Os esportes radicais tiveram de ficar para trás, já havia vivido muito do que eles podiam me oferecer, então tudo bem.

Mas ficar parada enquanto havia tanto da vida lá fora não me deixava tranquila.

Precisava sair mesmo que fosse para caminhar e sentir o cheiro da natureza em algum parque de São José.

Quando consegui alcançar meu aparelho de telefone, o mesmo já havia parado de tocar. Resmunguei comigo mesmo, odiava essa lentidão. Odiava mais ainda o fato de não estar conseguindo escondê-la tão bem. Vicente, por exemplo, já havia chamado minha atenção para isso mais de uma vez, sem contar nos olhares desconfiados e nos pedidos de ir a um médico comigo.

O aparelho celular voltou a tocar e dessa vez atendi-o. Sentei-me no sofá, sorrindo ao observar Cassey correr para se deitar ao meu lado.

— Tinha que ser você, não é? — Brinquei, tentando soar enfadonha com sua ligação. — Não tem que trabalhar, representante da prefeitura?

Ele riu do outro lado da linha, o som gutural me fazendo sorrir também.

— Boa tarde para você também docinho. — Revirei os olhos. — Já acabei meu trabalho por hoje. Quero levá-la para almoçar em um lugar especial, topa?

— Com tanto que me tire desse tédio, aceito qualquer proposta.

— Até almoçar naquele japonês que foi denunciado por encontrarem baratas como recheio de sushi?

— Não seja ridículo. Odeio comida japonesa, ainda mais se for recheada com barata. — Fiz uma careta.

— Sem japonês então. Abre a porta, estou esperando aqui fora. — Olhei para o telefone, sorrindo ao menear a cabeça. Ele não podia simplesmente chamar? Exibido!

Caminhei até a porta, sendo seguida por um Cassey preguiçoso, que deixou de lado seu enfado para se jogar alegremente em cima de Vicente.

Ele parecia apetitoso dentro daquela bermuda cargo, camisa jeans e sapatênis. O óculos *Rayban* escondeu seus olhos impressionantes, mas destacou sua boca carnuda e o tom de seus cabelos. Um verdadeiro deus brasileiro. Nada dessa coisa de deus grego.

Ele se abaixou para pegar Cassey no colo, e aproximou-se de mim, beijando minha testa. Só então notei que ele segurava uma mochila térmica nas mãos.

— O que significa isso? — Apontei para a mochila.

— Você logo saberá. — Ele me puxou delicadamente pela mão. — Agora vamos.

Já acomodada no carro, ao som de Jota Quest, seguimos pelas ruas taciturnas daquela tarde quente de São José. Gostava de não dirigir o carro, isso me permitia olhar os detalhes das ruas. E por mais que já tenha passado por elas repetidas vezes, sempre consigo encontrar algo curioso que nunca tinha visto.

Paramos poucos minutos após o início da viagem, mais precisamente no Parque Vicentina Aranha. Cassey desceu assim que Vicente abriu a porta do carro, dando voltas

animadas ao redor do dono.

Ele me ajudou a descer, indo em seguida até a traseira do carro e voltando de lá com a mochila e uma muda de alguma planta. O encarei de cenho franzido.

— Trouxe papel e caneta também. A minha carta já está escrita, por isso falta escrever a sua. — Explicou-se diante da pergunta expressa em meus olhos.

— Vai levar em consideração mesmo a lista ridícula? — Ele deu de ombros com desdém.

— Não. Essa é uma vontade pessoal minha, se isso te faz sentir melhor. — Ri, assentindo.

— Vou fazer essa sua vontade clichê então. E sobre essa muda, também é vontade pessoal?

— Não entendo seu problema com o clichê — murmurou, guiando-me rumo à árvore em que eu estivera empoleirada há alguns dias. Acabei rindo ao me lembrar. — E a muda é sua vontade clichê. Vou fazer isso por você.

— Babaca. — Olhei ao redor, encantada com o silêncio que nos rodeava. Naquele horário não havia transeuntes por ali.

Ao olhar novamente na direção de Vicente, o vi sentado sobre uma toalha quadriculada, se desdobrando entre dispor alguns itens sobre ela e jogar uma bolinha para entreter Cassey.

Joguei a muleta de lado e me sentei para ajudá-lo, nossas mãos se esbarrando ao pegar ao mesmo tempo um copo. Nos olhamos silenciosamente por um instante, sorrisos amplos surgindo em nossos lábios sincronicamente.

— Você planejou até esse esbarrão, pode confessar. Falta apenas a trilha sonora. — Ele meneou a cabeça, ignorando minha tentativa de implicar com ele.

— Não trouxe tanta comida assim, por isso se polície. — Implicou em resposta.

— Está dizendo que como muito? — indaguei de olhos estreitos.

— De forma alguma.

Começamos nossa refeição em meio a conversas amenas, risadas soltas e tentativas de fazer o elétrico Cassey ficar quieto. Em dado momento, após termos guardado tudo, me peguei olhando para o céu com um sentimento de gratidão me tomando inteiramente.

Senti-me tão grata por aquele dia, por aqueles momentos simples e incríveis, que poderia não estar vivendo. Então eu entendi algo que ainda não havia ficado claro para mim até então. A liberdade que sempre busquei, essa que persegui após descobrir minha doença, não estava nas bebidas, festas ou homens com quem eu transei. Sim, foi divertido, eu faria tudo novamente, mas hoje entendo que o propósito final não estava sendo alcançado.

Isso aqui é liberdade. Liberdade de alma, de coração, é essa a sensação que busquei.

Ela não estava no agito das noites na balada, mas sim em um dia ensolarado ao lado de um homem incrível e um cachorrinho sapeca. Tão trivial, tão clichê e tão... Singular

Despertei dos meus pensamentos com o barulho de uma câmera, peguei Vicente no flagra, me fotografando.

— Dependendo do uso que fará da minha foto, posso processá-lo, fique ciente. — Ele desdenhou com um aceno.

— Não tenho medo de ir aos tribunais. — Ele se ergueu, colocando a mochila nos ombros. — Agora o momento é seu. Cassey e eu estaremos mais a frente e voltaremos assim que disser para voltarmos.

Segui seu olhar, me deparando com algumas folhas, uma caneta e uma garrafa.

— Minha carta já está aí dentro. Escreva a sua e vamos enterrar. — Assenti, me apropriando do papel.

Vicente se afastou, sendo seguido por Cassey.

Passei os próximos trinta minutos colocando naquela carta tudo, absolutamente tudo. Sentimentos, anseios e desejos. Quando acabei, enrolei, imitando a carta de Vicente e coloquei-a dentro da garrafa, fechando-a e colocando-a no saco plástico.

— Vicente — gritei, vendo-o voltar correndo em minha direção. Era uma imagem que queria guardar para sempre em mim.

— Vem, vamos enterrar. — Ele pegou a garrafa e a muda da planta.

Na parte de trás da árvore, com uma distância considerável, já havia um buraco cavado, onde caberia perfeitamente a garrafa. Mais ao lado, havia outro buraco, onde imaginei ser o da mudinha de planta.

Nós nos ajoelhamos para enterrar a garrafa, cobrindo o buraco com bastante terra. Fizemos o trabalho em um silêncio cheio de significância. Logo seguimos para a planta, que Vicente fez questão que eu plantasse.

— Que árvore nascerá aqui?

— Uma cerejeira — respondeu com um olhar profundo. — Significa beleza e sabedoria. Achei que te define perfeitamente. — Sorri encantada. — Um dia quando você voltar aqui, mesmo que nossas vidas tomem rumos diferentes, quero que lembre de nós, do que aprendemos juntos e do quão lindo isso foi.

Meus olhos encheram-se de lágrimas, mas decidi que aquele momento não merecia choro e sim sorriso. E foi o que fiz, sorri com tudo de mim.

Pulei em seus braços, abraçando forte. Acabamos deitados no chão, aos beijos e risos, com Cassey latindo e nos rodeando.

— Obrigada — sussurrei com os lábios encostados nos seus.

Vicente ergueu a mão acariciando meu rosto, afastando meus cabelos para trás.

— Eu... Eu...

O calei com um beijo. Eu sabia o que ele queria dizer. Sabia porque sentia o mesmo. Mas não queria ouvir. A palavra faria eco em mim e me tiraria forças ao invés de acrescentar.

Ele entendeu o recado, mudando o rumo da conversa quando nos levantou do chão.

— Vamos passar o final de semana com minha mãe? Quero que ela conheça você. — Ele pareceu tenso ao fazer o convite.

Eu o encarei por um instante. Também sabia o que significava aquele convite, mas lembra do que eu disse a mim mesma? Não iria ponderar.

Descansei as mãos em seus ombros, sorrindo ao responder:

— Adoraria.



Sáímos rumo a Ribeirão Preto no início da manhã de sábado. O clima estava frio, me obrigando a agasalhar bem Cassey e Vicente, que conseguia ser mais teimoso que o cachorro. Quase o obriguei a entrar no casaco.

O sol brincava entre as nuvens, ameaçando surgir no céu e discipar a neblina que rodeava densamente as serras. Até o ar estava menos pesado naquele dia úmido. Vicente trocou a estação de rádio por um CD, me arrancando um sorriso ao escutar a música.

— Vou deixar a vida me levar pra onde ela quiser. — Cantei alto, arrancando uma gargalhada dele, e um latido bem efusivo de Cassey, que estava bravo por estar preso em sua casinha de viagem.

— Seguir a direção de uma estrela qualquer. — Seguiu cantando, tamborilando os dedos no volante. Sua voz rouca e grave soava péssima, mas acabei desejando ouvi-la sempre.

Não podia mensurar o tamanho do contentamento que me tomava naquele momento. Com o vento soprando meus cabelos, as árvores passando por mim em um borrão, uma música tocando no rádio e Vicente ao meu lado.

Arrisco-me a dizer que se ele não fizesse parte do cenário, toda essa felicidade que transborda no meu coração nesse momento não existiria.

Ele é essencialidade, é a parte central de um todo que trás leveza a esse contexto. É equilíbrio nessa balança descompensada que foi minha vida até hoje. Eu... Eu o amo... Perdidamente.

Não, eu amo *encontradamente*, porque só me achei de verdade após descobrir que ele é a liberdade que sempre ansiei.

Cochilei durante o percurso, em algum lugar entre São José dos Campos e Campinas, acordando apenas quando já alcançávamos Serrana.

— Olá bela adormecida — cumprimentou. Bocejei, revirando os olhos.

— Poderia me comparar a uma princesa menos enfadonha? — resmunguei. — Tipo a Pocahontas?

Ele olhou-me de relance, com uma expressão de divertimento e alegria que o deixavam ainda mais bonito.

— Pocahontas se aventurava para salvar seu povo, até onde me lembro, e não caía no sono como uma idosa de 84 anos, em uma viagem de quatro horas.

Eu ri, ainda me recuperando da inércia do sono. O sol havia vencido a batalha e agora brilhava reluzente, me fazendo apertar os olhos ao olhar para o horizonte.

— A Pocahontas não tinha um selvagem que passou toda a noite transando loucamente com ela.

— Ela perdeu um partidão — disse presunçoso. Apenas ri. — Estamos chegando em Ribeirão Preto. Pronta para conhecer minha velha?

— Se ela for assim como você... — Vicente me olhou com expectativa. — Estou perdida.

— Ela é um pouco pior. Mas temo que vá conseguir encantá-la com esse seu jeitinho dissimulado.

— Está dizendo que manipulo as pessoas com o propósito de encantá-las?

— E prendê-las para sempre em sua vida. — Engoli em seco, subitamente emudecida diante de suas palavras.

Não haveria um para sempre em nossa história, nosso infinito seria pequeno demais, determinado a um fim mais rápido do que gostaríamos. Como uma conta matemática, precisamente calculada, friamente orçada pelo destino.

Um silêncio pesado recaiu, até a música parecia estranha aos meus ouvidos. Vicente finalmente entrou na cidade, assumindo a rota que daria na casa de Dária, sua mãe.

Em menos de 10 minutos estávamos estacionando em frente a uma bonita casa caiada, de alpendre e jardim. Só de olhar dava para perceber a paz e amor que a rodeavam. Tinha cara de lar, e não me impressiona que Vicente sinta tanta saudade. O fato de a rua ser arborizada e ter casinhas parecidas completava o cenário acolhedor.

Ele abriu o portãozinho de ferro, voltando para o carro para pegar as malas. Encarreguei-me do chateado Cassey, trancando o carro e acompanhando Vicente.

A porta se abriu antes de chegarmos ao primeiro degrau. Uma jovem senhora, cabelos que mesclavam o grisalho e o castanho, pele corada e olhos cordiais, apareceu, jogando-se em direção ao filho.

— Senti tanta saudade Vicentinho. — Encarei-os, enternecida com a cena sim, mas com uma vontade enorme de rir. Um homem daquele tamanho sendo esmagado por uma senhorinha de um metro e meio, era hilário. — Você parece mais magro, meu amor. Tem comido mal, bebê?

Bebê?

Tive que colocara mão sobre a boca para impedir a gargalhada.

— Mãe! — disse repreensivo. — Quer me matar de vergonha logo na chegada?

— Que nada menino, eu que te pari, posso tratá-lo como quiser — murmurou altiva. Seu olhar amoroso saiu do filho e recaiu sobre mim. — E você deve ser a Flor. Tão linda quanto seu nome. — Seu sorriso sincero e o abraço fraterno arrancaram um sorriso satisfeito. — Você demorou, mas arranjou uma noiva muito linda.

Engasguei com o próprio ar. Noiva?

Vicente gargalhou, se divertindo com a situação. Lancei lhe um olhar mortal.

— Somo amigos, mãe — argumentou, abraçando a senhora pelos ombros.

Dária me puxou pela mão, guiando-me para dentro.

— Isso é bobagem. — Desdenhou com um gesto. Cassey latiu, se apresentado atrevidamente. — Um cãozinho... Que amor.

Pensei com diversão que aquele seria um final de semana maravilhoso, mas que teríamos que ter cuidado para não sairmos de Ribeirão Preto casados. Porque dona Dária parecia bem propensa a casar o filho.



Capítulo Quinze

O Vicente

Observei Flor e mamãe entretidas em uma conversa animada. As duas haviam se dado tão bem, que em menos de vinte e quatro horas criaram uma relação de amizade, da qual eu não fazia muita parte. Mamãe havia inclusive esquecido de mim.

E não poderia estar mais feliz. Cada passo adiante só me dava ainda mais certeza da escolha que fiz silenciosamente. Queria Flor em minha vida, definitivamente. E estava disposto a lutar contra a teimosia dela para tê-la em minha vida, como minha namora, noiva, esposa, amante, companheira... Como parte da minha vida.

— Venha aqui filho. — Mamãe finalmente lembrou-se da minha existência, me chamando para aproximar-me delas.

Sentei ao lado de Flor, inclinando-me para beijar seu rosto. Ela riu, me empurrando brevemente. Ouvi dona Dária suspirar.

— Disse a Flor que a levaria para conhecer o Jardim Japonês. Pelo que conversamos ela gosta muito da natureza. Então não há porque ficarem enfiados aqui o domingo inteiro.

— Mas, mãe, viemos para lhe fazer companhia. — Ela bufou, revirando os olhos.

— Te carreguei na barriga por nove meses, te aguentei até os 18 anos, por isso uma manhã longe não irá me matar — disse naquele seu tom de altivez. Eu ri, meneando a cabeça.

— A verdade é que ninguém te aguenta muito tempo Vicente. — Flor completou, ganhando como primeira resposta um olhar incrédulo.

— Vocês são duas traidoras. Estão contra mim — resmunguei, pegando Cassey no colo. — Vamos logo, antes que desista.

Flor se ergueu ainda aos risos, me seguindo para fora.

— Cuide bem da sua noiva, meu bebê.

Flor fechou a porta do carro, acomodando sua muleta e afundando no banco. Acenei

para mamãe e dei partida, rindo com sua última frase. Dona Dária é mesmo absolutamente terrível.

— Ela quer mesmo nos casar — expliquei. — E confesso que nunca a vi com tanto empenho em um espaço de tempo tão curto.

Lancei um breve olhar para Flor a tempo de vê-la desviar o olhar para a rua, claramente desconfortável com minha frase. Não me importava nem um pouco com sua teimosia, sou determinado o suficiente para quebrar qualquer barreira que ela imponha. Mas que vai ser difícil, ah, vai.

Ela inclinou-se para ligar o som, Victor e Léo começou a ecoar pelo carro. Ela sorriu, cantarolando a música. Flor sempre fazia isso.

— Sua mãe é um amor de pessoa. Estou encantada por ela — comentou, quebrando o silêncio e, obviamente, desviando do assunto principal.

— E ela por você, pode apostar. É uma das poucas que trago aqui com a qual ela fez amizade.

— Hum... Então foram muitas? — Estranhando seu tom de voz, olhei-a de relance.

— Algumas — retruquei. Sua cabeça se virou rapidamente em minha direção, a expressão notoriamente de surpresa. A sobrancelha arqueada e os lábios comprimidos evidenciavam a clara tentativa de não me responder de forma mal criada. — Foram apenas três, mulher — disse rindo. Recebi como resposta uma tapa na perna.

— Você é ridículo — falou.

Chegamos ao Jardim Japonês poucos minutos após. Assim que passamos pelo portão principal, iniciando a caminhada pela trilha de tijolos, soube que aquele era um ótimo lugar para estar ao lado de Flor.

O silêncio que nos rodeava, a aura de paz e tranquilidade que parecia emanar de cada árvore dali, deixou-a com um sorriso encantado. Caminhamos em silêncio por todo o Jardim, observando as minúsculas casinhas, o mirante da Ponte da Paz, onde paramos por alguns minutos, nos encostando para apreciar a paisagem a nossa frente e respirar aquele ar puro.

Meus olhos se voltaram na direção de Flor e um enorme sorriso surgiu em meu rosto ao vê-la de olhos fechados, sorrindo abertamente.

— O que há Vicente? — indagou ainda de olhos fechados. Não me impressionava que ela tivesse sentido meu olhar, tudo em mim estava conectado a ela de alguma forma.

— Estava pensando no que diria se alguém pedisse você em namoro. — Ela abriu os olhos e fitou-me profundamente.

— Essa pessoa não seria você, certo?

— Não citei nomes. — Dei de ombros.

— Eu diria que esse não é um bom momento para me fazer propostas — respondeu,

desviando o olhar.

Soltei o ar dos meus pulmões, voltando a olhar o horizonte à frente. Doía um pouco ouvi-la falando aquilo, mas nada mudaria meu foco.

— Por quê?

Ela se apoiou em sua muleta e se afastou. Fiquei observando-a dali, o cenho se franzindo ao perceber seu esforço para conseguir caminhar até o canteiro de rosas mais a frente.

Não havíamos falado mais da sua saúde. Sabia apenas que ela estava fazendo fisioterapia, mas ao que parecia, não estava funcionando muito. O corpo de Flor parecia extremamente pesado.

Abordaria esse assunto em outro momento, já que ela odeia que façam perguntas para ela nesse aspecto.

Segui-a, passos tranquilos e mãos nos bolsos. Era melhor deixar o assunto morrer ou acabaríamos a viagem com uma briga. E essa é uma péssima estratégia.

— Veja que flor linda. — Apontou para uma rosa lilás, com tons de amarelo e branco em seu centro.

Um homem estava cuidando do canteiro, e finalmente nos viu parados ali como dois malucos.

— Não ligue para ela — disse ao homem, ganhando de Flor um olhar de repreensão divertida.

— A moça é bonita, assim como essa rosa. — Ele colheu a flor que ela admirava e deu-a a Flor de Lis, que a recebeu com um sorriso. — Podem ficar a vontade. — O japonês fez uma reverência e saiu.

Me aproximei sugestivamente dela, segurando firme sua cintura.

— O japonês tem o olho apertado, mas enxerga que é uma beleza. Você é a flor mais bonita desse jardim. — Ela riu, pousando as mãos em meus ombros.

— Que piegas Vicente.

Nossos rostos se aproximaram e trocamos um longo beijo. Estava morrendo de saudade daquela boquinha. Dormir em quartos separados foi uma verdadeira merda. E tudo por culpa de Flor, que queria respeitar a casa de minha mãe.

Ao nos afastarmos, enxerguei em minha frente uma mangueira ligada, e logo uma ideia me surgiu. Me separei de Flor, caminhando até a mangueira, baixei para pegá-la e mirei o jato d'água nas costas de Flor.

Ela se sobressaltou pelo susto, virando-se em minha direção. Molhei seu rosto, cabelos e corpo, mesmo sob seus protestos. Quando ela estava suficientemente molhada, voltei para perto, largando a mangueira.

— Você endoidou de vez, babaca? — Eu ri, abraçando-a mesmo que ela estivesse me esmurrando no peito.

— Te dei um banho de mangueira. — Enfatizei a palavra. Flor ainda me encarava em um misto de irritação e confusão.

— E?

— Man-guei-ra. — Soletrei. — Não te remete a nada?

Ela parou por um instante e vi seus olhos se estreitarem.

— Você não está tentando realizar mais um desejo esdrúxulo daquela lista, não é? — Neguei com a cabeça, um sorriso se ampliando em meu rosto.

— De forma alguma, só gosto de te ver molhadinha — respondi, quebrando sua resistência ao morder seu pescoço. Senti suas unhas em minha nuca, apertando-as ali.

— Você faz isso muito bem, mas de outra forma.

Acabamos em mais um beijo, que só foi interrompido por um visitante do parque que pigarreou. Saímos dali aos risos.



Mamãe colocou mais uma fatia do pudim para Flor, que comia desesperadamente. Não a julgaria, comi aquele doce por toda a minha existência e não me acostumei.

— Venha me ajudar com a louça, Vicente. — Mamãe gritou da cozinha.

— Eu posso ir — gritou Flor, de boca cheia.

— Deixe comigo. — Pisquei um olho, roubando um beijo rápido antes de rumar para a cozinha. Sai lambendo os lábios pelo gosto do pudim que capturei de sua boca.

Dona Dária estava de costas. Aproximei-me de supetão, abraçando-a forte. Ela soltou um gritinho pelo susto.

— Menino impossível — resmungou, puxando a cadeira para se sentar. — Já terminei com a louça, só queria falar um pouco com você antes de pegarem a estrada. — Assenti, sentando-me em sua frente.

— Não queria ir assim tão depressa. Mas sabe dos problemas que enfrento na prefeitura. — Ela assentiu, capturando minhas mãos para apertá-las.

— Quando cansar daquilo tudo, volte para a sua cidade, aproveite e traga a Flor.

— Esses são meus planos. — Ela sorriu.

— Não tive tanto tempo de convivência com ela, mas você, melhor que ninguém, sabe que não preciso de muito papo com alguém para conseguir identificar o que há no coração

dessa pessoa. E o que vi em Flor foram coisas maravilhosas.

— Ela é incrível, mãe.

— Sim ela é maravilhosa. Mas ainda acho que esconde algo... É como se seus olhos não dissessem sua totalidade. — Divagou. — Não tenho duvida que será capaz de descobrir e iluminar essa menina. Vocês podem contar comigo, sempre.

— Eu sei mãe. E é por isso que te amo tanto. — Me ergui para tomá-la em meus braços.

— Também te amo bebê. — Revirei os olhos diante do apelido.

Pouco tempo depois estávamos com as malas no carro, Cassey dentro da casinha e Flor acomodada. Acenando para mamãe, as duas emocionadas.

Gritei um eu te amo para minha velha, dando partida no carro. Estávamos voltando a nossa realidade. E eu, para a luta, em busca do coração dessa moça linda que dormia no banco do carona. Tão piegas.



Deixei Flor de Lis em sua casa assim que chegamos de viagem. Meu intuito era passar a noite com ela, claro, mas infelizmente me cobraram um relatório para o dia seguinte, e fui obrigado a me afastar dela para cumprir essas obrigações de merda.

Flor parecia extremamente satisfeita quando me beijou e acenou em despedida, segurando Cassey em seu colo. E no breve momento que dediquei para olhá-la parada ali em frente a sua casa, um vestido azul celeste, curto e solto, que não evidenciava suas curvas, mas que deixava seu colo à mostra, os cachos avermelhados, se avolumando ao redor do seu rosto de boneca... Ah, a certeza de que a amo com tudo de mim se enraizou ainda mais em meu coração.

Eu lutaria por esse amor, faria Flor feliz sob qualquer circunstância.

Já era madrugada quando acabei de escrever o relatório. Nem me lembro do caminho que fiz até a cama, onde me joguei e dormir, acordando apenas no dia seguinte.

Estava irritado pelas poucas horas de sono e principalmente pelos pesadelos que se fizeram presentes durante toda a noite, me incapacitando de descansar.

Fiz café, ingerindo uma boa quantidade antes de descer para a garagem do prédio. Antes de rumar para a prefeitura, passaria na casa de Flor para convidá-la para almoçar comigo.

Sentia uma estranha sensação de ansiedade. Como se uma noite longe tivesse sido longa demais. E talvez tenha sido mesmo.

Desci do carro às presas quando estacionei em frente a sua casa, atravessando o

caminho de ladrilho quase correndo. Quando pisei no primeiro degrau ouvi Cassey arranhando a porta, uivando e gruindo. Sorri. Ele sempre se apressava quando Flor ou eu nos aproximávamos.

Toquei a campainha duas vezes.

— Calma garotão! Já vou entrar — falei. O cachorro choramingou agoniado.

Desisti da companhia e bati na porta, aguardando por quase um minuto sem obter resposta. Estranhei. Flor não me disse que iria sair, ainda mais assim tão cedo.

— Flor? — chamei, batendo na porta novamente. Sem resposta.

Me sentindo aflito pelo uivar do cachorro e a falta de resposta, peguei meu celular no bolso e disquei o número de Flor. Ouvi o toque da chama dentro da casa. Ela estava ali!

Tomado por uma aflição crescente, me agachei em frente à porta tentando ver algo. Tudo que meu campo de visão permitiu ver foi as patas de Cassey indo e vindo, entre um latido e outro.

Sem pensar duas vezes forcei a maçaneta, estava trancada, claro.

Olhei ao redor e não havia um vizinho por perto. Ninguém que eu pudesse perguntar ou pedir ajuda. Eu teria que agir de alguma forma. E se toda essa cena trágica que me cérebro estava formando fosse apenas coisa da minha imaginação e Flor surgisse bem em meu campo de visão, ela teria de me perdoar por destruir sua porta.

Me afastei o suficiente para tomar força de impulso e chutei a porta que se abriu em um baque, batendo contra a parede oposta.

Cassey latiu, correndo para a sala de TV, num ir e vir frenético. Corri atrás dele, parando abruptamente ao ver Flor caída no chão. Foi como levar um soco no estômago, senti o ar rarefeito em meus pulmões.

O segundo de letargia que levei observando sua pele pálida logo passou dando lugar a uma inquietude desnorteada.

Corri para perto dela, me ajoelhando junto do seu corpo. Toquei sua pele, com medo de senti-la fria, o que não aconteceu. Constatei que ela respirava pesadamente, como se aquilo estivesse lhe causando esforço e seus músculos espasmavam de uma forma que nunca vi antes. Ela estava convulsionando?

— Flor? — chamei debilmente. — Vamos lá meu amor, abra os olhos para mim, por favor. — Implorei.

Não houve resposta alguma, nem algum tipo de diminuição dos espasmos. Tirei meu casaco, enrolado seu corpo inerte com ele. Ela provavelmente estava com frio.

Tomei-a em meus braços e corri em direção ao carro, deitando-a no banco de trás. Voltei para colocar Cassey dentro de casa e fechar a porta.

Estava tentando não me desesperar. Poderia ser apenas uma febre, um desmaio bobo.

Sempre procurei ser positivista, e depois que conheci Flor ela me ensinou a ter isso ainda mais dentro de mim.

Arranquei com o carro dali, levando menos de cinco minutos para estar no hospital que ficava próximo a minha casa. Sai carregando o corpo ainda inerte de Flor.

Cada mísera célula minha lhe implorava para ser forte. Fosse o que fosse que aquela inércia dela significasse.

— Ajudem, por favor — gritei, chamando a atenção de metade das pessoas que estavam na recepção.

Um maqueiro apareceu, seguido de uma enfermeira. Coloquei Flor na maca e segui com ela pelo corredor do hospital, segurando sua mão.

Sentia a positividade se esvaindo do meu corpo a cada segundo que se passava e ela não respondia de forma alguma. Todo o desespero que a adrenalina do momento me impediu de sentir se acumulando agora em minha garganta e olhos.

— Daqui você não pode passar, senhor — disse a enfermeira. — Por favor, faça a ficha dela na recepção. Precisamos de alguns dados.

— Cuide dela — murmurei em um fio de voz. — Ela é tudo para mim.

E sob uma neblina de lágrimas via a maca que a carregava sumir por uma porta.

Encostei a testa na parede fria, concentrando-me em respirar para recuperar minha sanidade. Peguei o celular no bolso, discando para Ágata. Precisava delas aqui. Se contasse o que vi, se compartilhasse minha angústia, talvez voltasse a sentir o chão sob meus pés.

— Vicentinho? — cumprimentou alegremente.

— Ágata, estou no Hospital Policlínica, aqui perto da minha casa. Venha para cá agora, por favor.

— O que aconteceu? — indagou com a voz carregada de preocupação.

— A Flor... Não sei o que houve com ela, mas ela não parece bem. — Consegui murmurar, mesmo com o entalo que se formava em minha garganta. — Passe na casa dela para pegar roupas, os documentos e ver o cachorro. Não tive tempo de nada disso.

— Estou indo agora... A... Agora mesmo. — Gaguejou antes de desligar o telefone.

Caminhei pesadamente até a recepção, passando alguns dados essenciais para a moça que estava fazendo o cadastro de Flor. Em seguida voltei para o corredor, indo até o filtro para pegar um copo de água.

Sentei em uma das cadeiras, me sentindo desesperado e algo mais profundo. Olhei para a água no copo, tentando fazer com que ela descesse por minha garganta fechada, mas não adiantou.

Estava sufocado pela angústia.

Exatos vinte minutos se passaram, eu soube por que contei cada minuto desde que cheguei aqui. As pessoas iam e vinham pelo corredor, algumas me olhavam com evidente pena, outras nem sequer notaram minha presença.

— O senhor é responsável pela Flor de Lis Assunção? — Me ergui em um sobressalto, fitando o homem em seu jaleco branco com expectativa.

— Vicente Marinho. — Me apresentei, estendendo a mão em cumprimento.

— Carlos Abreu — retrucou. — Sou o médico responsável pelo tratamento de Flor de Lis. Acompanho-a há cerca de um ano. Fico feliz que ela não tenha vindo sozinha dessa vez. E foi uma sorte que estivesse de plantão.

Meu cenho franziu. Não estava compreendendo toda aquela conversa. Flor de Lis tem um médico? Ela se trata de quê?

Minha mente reproduzia as perguntas, mas minha boca parecia paralisada para fazê-las. Por isso, diante da minha mudez, o médico continuou:

— Flor tem que entender que agora é crucial uma companhia. Presumo que sejam namorados? — Apenas consegui assentir. — O quadro dela tem se estabilizado e acredito que logo receberá alta. Ela nunca quer ficar por aqui muito tempo.

— O que ela teve? — Me ouvi perguntando, sem ao menos reconhecer meu tom de voz áspero.

— Ela não deve estar usando a medicação corretamente. O que acarretou em uma disfunção em seu músculo diafragmático que dificultou sua respiração e a levou a uma apneia.

— Eu não consigo associar — murmurei desorientado. — O que isso pode ter a ver com um AVC?

— AVC? — O cenho de Dr. Abreu se franziu, e ele meneou a cabeça. — Não é o que acomete Flor de Lis. O senhor não sabe da doença dela?

— Na... Não — A expressão do médico se alterou minimamente, como se por um segundo ele tivesse se colocado em meu lugar.

— Me siga então, por favor — Assenti rigidamente, seguindo-a até uma sala no final do corredor.

Sentei-me em sua frente, me sentindo inebriado. O que quer que fosse ouvir, não estava preparado, tive certeza.

O médico cruzou as mãos em frente ao rosto, apoiando o queixo ali por um instante, antes de suspirar pesadamente e começar a falar:

— Vicente, não é ético o que farei agora, eu sei. Deveria deixar a Flor de Lis contar o que está acontecendo com ela, mas temo que se não disser, ela tampouco fará. Por isso irei quebrar as regras e dizer, pois ela necessitará de uma pessoa ao seu lado nesse processo paliativo.

Paliativo?

Meus olhos se ergueram para se prender no médico.

— Flor de Lis tem Esclerose Lateral Amiotrófica, mas conhecida como ELA. — Eu poderia ter surtado naquele momento, mas minha reação foi um franzir de cenho. Não sabia o que aquilo significava. E vendo a interrogação no meu rosto o médico continuou: — É uma doença que afeta progressivamente o sistema nervoso central, mas especificamente os comandos cerebrais responsáveis pela atividade motoras e musculares.

Ainda não entendia muito bem o que tudo aquilo significava. Talvez se não estivesse tão imerso no desespero, que ameaçava me partir em dois, eu conseguisse compreender o que ele quis me dizer.

— O tratamento? O que temos que fazer para ela se curar? — indaguei me levantando da cadeira. Não conseguia permanecer sentado.

Isso era o mais importante! Terminologias médicas não me interessavam. Eu iria ao inferno, se fosse preciso, para lhe ver curada.

— Não há cura — explicou o médico, em meio a um suspiro de pesar. — É progressiva, crônica, e com um prognóstico que delimita os anos de vida. Na sua maioria de dois a dez anos.

Então eu senti. Literalmente falando, fisicamente falando. Meu coração parou por um segundo de bater, o ato de respirar se tornou pesado e dificultoso. Eu voltei a cair sobre a cadeira, impossibilitado de permanecer de pé. A represa foi aberta e as lágrimas desceram por meu rosto em abundância, junto de um soluço que veio de dentro da minha alma... Não havia mais chão sob meus pés. Eu quebrei em um milhão de pedaços.



Capítulo Dezesseis

Vicente

E

u nunca havia experimentado a sensação de perder completamente o rumo, a direção até mesmo dos pensamentos. Meu corpo estava largado na cadeira, e a única coisa da qual conseguia ter plena noção era do barulho da minha respiração desregulada e da imagem distorcida do médico à minha frente, que mais parecia um espectro tremulando sob as lágrimas que desciam por meu rosto.

Eu não deveria ter desmoronado. Era um diagnóstico de um médico. Ele poderia estar errado, equivocado em sua sentença. Flor sempre foi muito saudável, feliz, não era minimamente justo que ela estivesse morrendo.

O silêncio que me cercava era enervante. Senti uma raiva irracional do médico. Ele havia acabado de me dar uma notícia terrível e ainda assim parecia muito tranquilo e dono de si, havia sim um ponto de tristeza em seus olhos, mas não era suficiente. Meu Deus, Flor está morrendo. O mundo irá perder muito se ela se for. Não tolero a tranquilidade de ninguém.

— Vamos procurar outro parecer médico — disse com rudeza. Passado o desespero inicial só me restou a raiva.

O médico assentiu, levantando-se da cadeira. Enxuguei o rosto com as costas das mãos, também me levantando da cadeira. Dr. Abreu serviu-se de um copo de água, oferecendo-o a mim.

— Sugiro mesmo que procure um especialista. De preferência na capital. — Continuou em seu tom de voz brando. — Insisti para que Flor fizesse isso logo após o diagnóstico, mas ela se negou.

— Posso convencê-la agora. — Externei ainda sem reconhecer meu tom de voz.

— Faça isso, por favor. E caso precise de auxílio, estarei aqui para ajudá-lo na conversa. — Assenti firmemente.

— Se me der licença. — Pousei o copo sobre a mesa e saí da sala de cabeça baixa.

Um suspiro me escapou quando voltei a encarar o corredor estéril. Novamente me senti sem rumo, com ódio de tudo. Eu precisava sair dali ou seria capaz de explodir e quebrar tudo que visse em minha frente.

Aos arquejos, caminhei sem rumo certo, guiado por algumas placas que me diziam o caminho para a saída. Tudo em minha frente parecia coberto por uma neblina capaz de lentificar as coisas e pessoas ao meu redor. Como se estivesse dentro de um pesadelo, ou mesmo enxergando minha vida como um espectador.

Quando finalmente alcancei a saída dos fundos, mal conseguia respirar. Rumei até uma barraca no outro lado da rua, onde comprei um cigarro. Não era fulmante, mas já fumei uma ou outra vez. E essa foi a primeira ideia de merda que meu cérebro formulou ao me ver tão perdido.

Traguei a fumaça, me permitindo tontear um pouco pela invasão não rotineira. Olhei para os lados, ainda sem saber para onde ir. Decidi, meio irrisoriamente, voltar para a parte de trás do hospital. Eu precisava fugir dali, mas o máximo que poderia me afastar naquele momento, era estar do lado de fora.

Acabei sentado, sozinho, encostado na parede de trás do hospital. Não havia ninguém ali, apenas eu, a fumaça e uma raiva irracional, que nem eu mesmo conseguia compreender.

Depois de uma tragada, descartei o cigarro, levando um tempo ridículo observando sua chama se apagar. Foi impossível não remeter a tudo que ouvi naquela sala, há o quê? Uma hora atrás, duas? Não sei quanto tempo passou.

Flor era uma chama que estava se apagando. E eu não entendia como tamanha injustiça poderia estar se desenrolando bem diante dos meus olhos.

Na minha vida Flor é chama que queima avidamente, que me aquece, que traz sentido a minha vida. Como o vento do destino pode soprar assim e simplesmente apagá-la.

— Não! — A palavra surgiu de dentro da minha alma, saindo da minha boca com uma força aguda.

Olhei para o céu azul, algumas nuvens maculando o tom celeste. O trânsito corria tranquilamente mais a frente, transeuntes indo e vindo pela calçada, alguns ao telefone, outros rindo. Tudo muito normal e tranquilo.

Como tudo podia parecer tão tranquilo se meu mundo estava ruindo? Quem posso culpar por tamanha injustiça?

Minha cabeça se ergueu para o céu novamente e aquela raiva irracional voltou a me tomar por inteiro.

— A culpa só pode ser sua! — gritei fitando as nuvens.

Minha mãe não se orgulharia da frase, muito menos Flor de Lis, mas eu em particular não me preocupo muito. Se fosse castigado pela acusação irracional, eu aceitaria, desde que Deus pudesse me ouvir, ver meu desespero e atender meu pedido.

— Não é justo que a mate. — Continuei meu monólogo, me segurando para não chorar novamente. — A Flor é... Única. Como pode cortar as asas daquele passarinho e acabar com seu voo?

Ainda mais de uma forma tão triste, progressivamente degradante. Eu ainda não havia conseguido entender tudo que aconteceria em breve com Flor, mas pelo pouco que me lembro das palavras do médico sua coordenação será terrivelmente afetada.

Baixeia cabeça, tentando nivelar a respiração e tranquilizar o coração, que batia feito um louco no peito. Eu não iria mais chorar.

Como uma resposta silenciosa senti um aquecer em minha cabeça, que me fez erguer a cabeça para o céu novamente, duas nuvens haviam se afastado com perfeição exata para deixar um feixe de luz emergir entre elas.

— Não quero sua benção agora — revidei sarcástico. — Preciso que abençoe a Flor de Lis. Salve-a, por favor.

Meu monólogo foi interrompido pela voz apressada de Helen, que apareceu em meu campo de visão. O rosto estava vermelho, ela claramente havia chorado, mas parecia muito mais inteira do que eu.

Ela viveu com Flor por muito mais tempo do que eu. Seria inaceitável pra mim perdê-la pouco tempo depois de ser presenteado com sua presença.

— Vicente. — Sua voz tremeu, mas ela manteve-se firme, caminhando até mim e estendendo-me a mão para que me levantasse. Aceitei sua ajuda, erguendo-me com a maior dignidade possível.

— Ela vai morrer, Helen. — Foi tudo que consegui dizer, porque era tudo em que eu conseguia pensar.

— Ágata e eu falamos com Dr. Abreu — elucidou. — Acho melhor pouparmos energia para falarmos diretamente com Flor. Ela saberá explicar melhor o que está acontecendo.

— Vamos procurar um especialista — repliquei bruscamente. A expressão de Helen permaneceu plácida.

— Vamos nos acalmar e falar com a Flor. Nossa entrada no quarto foi liberada. Acho melhor você entrar primeiro. — Assenti, ou acho a que o fiz. — Mas, por favor Vicente, a ouça sem julgamentos. Você conhece Flor o suficiente para saber a possível ideia dela sobre a doença.

Eu sabia, mas iria dissuadi-la de qualquer bobagem que estivesse passando por sua cabeça. Flor negou a procurar especialistas, e provavelmente não colaborou com os médicos, mas agora ela precisava se ajudar. Não só por si mesma, mas por mim também.

— Onde está Ágata? — indaguei, somente com o intuito de mudar o rumo da conversa.

Precisava de algum tipo de amenidade naquele momento antes de voltar a encarar Flor. Não sei exatamente o que estava sentindo com relação a ela. Temor, evidentemente. Amor, em

cada pedaço quebrado de mim. Mas raiva também, por ela ter escondido o que estava acontecendo, e consequentemente ter nos tirado a chance de ajudá-la.

— Rui ficou com ela. — Aquiesci. — Vamos? — Ela guiou-me pela mão de volta para dentro do hospital.

Foi um silêncio aterrador o que nos cercou durante a curta caminhada de volta. Estávamos unidos pela dor, ainda assim distanciados por ela. Era tão complexo. Só queria sair dessa situação, ou melhor, tirar Flor dela.

Paramos em frente à porta de numero 102. E me senti petrificado por um instante. Helen me puxou para um abraço e no meio do silêncio ela disse algo que eu já havia sentido, mas não tinha firmeza sobre isso:

— Ela te ama também — sussurrou.

E com força renovada, girei a maçaneta da porta e entrei.

Meu olhar inicialmente não pretendia pousar diretamente em Flor. A imagem que pensei encontrar seria dela pálida, ligada a aparelhos, convalescendo. Mas não foi isso que vi. Tudo parecia tão... Normal.

Flor de Lis não sorriu como teria feito se tudo realmente estivesse em seu devido lugar, ainda assim ela parecia muito bem, sentada na cama, prestando atenção na TV. O rosto estava corado, os cabelos em desalinho, o olhar plácido de sempre.

Ela enfim notou minha presença e seus olhos se fixaram nos meus profundamente, por um instante inteiro de silêncio.

Fechei a porta atrás de mim, caminhando os poucos passos que me levaria para a cama onde ela repousava. Flor pegou o controle remoto na mesinha ao lado e desligou a televisão, voltando a me eclipsar com a intensidade do seu olhar.

— Como se sente? — Pigarrei para clarear a voz. Ainda não conseguia reconhecer meu tom de voz apático.

Ela suspirou, endireitando-se na cama. Sua expressão se alterou por um segundo, foi apenas um franzir de lábios, que dizia muito. Ela soube, antes mesmo de eu dizer algo a respeito, que eu havia descoberto o motivo do seu desmaio.

E foi como se um abismo tivesse se aberto entre nós. Eu sabia que ela traria a tona a Flor fria, que faria de tudo para me expulsar desse quarto. E eu poderia lidar com isso, já lidei com tanta merda hoje.

— Não vou morrer agora — disse ártica. Assumindo uma postura rígida e indiferente, com uma rapidez tão grande que me senti tonto. — Provavelmente já sabe de tudo — afirmou.

Um breve de silêncio se instalou antes que eu conseguisse responder.

— Não me convenci de nada. Podemos buscar um especialista, tentar outros métodos de cura... Faremos qualquer coisa — exprimi com uma determinação feroz.

A raiva e a tristeza duelando em mim. Nunca experimentei a sensação de um osso se quebrando em meu corpo, mas parecia que algo estava se estilhaçando dentro de mim durante àquelas horas. Se me concentrasse ouviria até o barulho de vidro quebrando.

Ela deve ter visto isso em mim, durante o segundo que baixei a guarda para pensar em como seria a vida sem ela. Antes eu não saberia dizer, mas agora eu sabia como era ter Flor na minha vida. Não poderia aceitar seguir sem ela.

Ela mudou a expressão, voltou a ser a alma suave de sempre. Senti compaixão em seu olhar ao me fitar e raiva também. Não parecia de mim, mas era clara e flamejante em seus olhos.

— Vicente, não adianta. — Seu tom de voz me enervou instantaneamente.

Helen me pediu para ser sucinto, mas como poderia lidar com essa situação com calma?

— Claro que adianta! — gritei. — Tem que adiantar. Como pode saber se esse médico não errou? Que não há tecnologia de medicamentos avançados no exterior para que se trate?

— Eu sei por que conversei com outros médicos, com outras pessoas que passam pela mesma situação que a minha, com cuidadores. A ELA não dá chances. Me submeter a métodos só iria retardar meu sofrimento, e não é isso que quero. Escolhi viver enquanto posso e deixar a vida seguir seu percurso.

Meneei a cabeça negativamente, caminhando de um lado a outro, como um bicho acuado.

— Como pode dizer isso com tanta calma? Não... Não entendo.

— Eu aceitei o fardo. Se Deus colocou-o sobre minhas costas, é porque posso conduzi-lo e carregá-lo.

— Não! — vociferei. — É absolutamente injusto.

— Vicente, — Ela sorriu. — qualquer outra pessoa poderia estar na minha situação, ou mesmo na sua, achando isso tudo aqui injusto. Eu poderia estar me lamentando, mas escolhi ser grata pelo tempo que me foi concedido e vivi... Vivi o melhor ano da minha vida.

— Isso é bobagem. Idiotice. — Cuspi as palavras, amargo. — Essa porra de frase de efeito não cola comigo.

— Porque está dirigindo à situação um olhar egoísta. — Acusou impaciente.

Ela tinha razão, estava sendo egoísta. Principalmente porque deveria estar cuidando dela. Se a própria Flor aceitava sua sentença com tanta tranquilidade, quem era eu para estar destilando amargura.

— Seria por que a amo e não quero vê-la paralizar até a morte? — Seus olhos se arregalaram. Não sei qual ponto da frase a impactou tanto.

— Vicente, é melhor sair. — A voz de Helen quebrou meu contato visual com Flor. —

Você está nervoso demais. É melhor ir para casa descansar um pouco e esfriar a cabeça.

Baixei a cabeça, incapaz de olhar para Flor, ou quem quer que estivesse no quarto (pelo visto Helen, Ágata e Rui), e como se tivesse sido ferido, saí dali sem olhar para trás.

Não sei exatamente como consegui dirigir de volta para casa. Minha cabeça estava vazia, e me sentia extremamente esgotado. Também não sei precisar em qual momento tomei o rumo da casa de Flor, mas o fiz.

Estacionei o carro, tirando a chave da sua casa do bolso. Ao entrar fui engolido pelo silêncio, que foi quebrado pelo grunhido de Cassey. Nem mesmo ele me recepcionou com a alegria de costume.

Caminhei até a sala, deixando meu corpo cair sobre o sofá. Só então me dei conta que meu celular tocava em meu bolso, sem ao menos olhar quem era, desliguei o aparelho.

Cassey se aconchegou ao meu lado, e com um suspiro vazio fechei meus olhos e caí em um sono estranho.



Capítulo Dezesete

E Flor de Lis

ra isso que estava tentando evitar. Era essa dor extenuante nos olhos de Vicente... Era isso que tentei evitar por todo esse tempo.

Sempre tive plena noção do quão difícil seria para alguém aceitar uma doença tão degradante como a esclerose. Foi isso que ouvi de cuidadores e pacientes. Mas a pior parte era, absolutamente, causar tanta dor em quem amamos.

Quando perdi meus pais, pude experimentar esse nível de sensação de injustiça, de sofrimento, e passei a jurar a mim mesma que nunca causaria esse tipo de sentimento em ninguém. Mas, infelizmente, não foi isso que aconteceu.

Fui incapaz de proteger Vicente da carga emocional negativa que vinha como bônus ao me conhecer. E me sinto culpada sim, pois se não tivesse deixado as coisas evoluírem a esse ponto, ele estaria seguindo sua vida, sem se preocupar com a minha futura degradação.

Eu poderia lidar com isso. Aprendi, sob duras penas, que seria capaz de enfrentar a doença, contanto que conseguisse viver intensamente até ela me atingir por completo, mas Vicente não entenderia.

Se eu estivesse em seu lugar também não conseguiria assimilar. Me doía profundamente imaginar o contrário, com ele nessa situação e eu sendo obrigada a engolir frases de motivação. Acho que iria pirar.

Tentei ser fria, afastá-lo. Seria a melhor escolha. Na verdade deveria ter feito isso há muito tempo. E me sinto horrível por ter falhado em minhas tentativas. Mas como poderia ter resistido a um sorriso daquele? A uma de suas frases desafiadoras ou seu jeito sem-vergonha?

Eu quase sorri ao me lembrar de como somos dois idiotas sem-vergonha. E teria gargalhado se a situação não fosse tão pesada.

Vicente havia saído daqui como um bicho ferido, e agora me restava enfrentar Ágata, Helen e Rui. Que nesse instante me encaravam, aguardando alguma reação.

— Posso parecer repetitiva, mas lá vai, eu não morri ainda, tudo bem? — Ouvi um suspiro triplo, seguido por um soluço, que identifiquei vir de Ágata.

— Não seja mórbida, Flor. — Helen repreendeu-me, amparando Ágata em seus braços.

— Estou tentando soar eu mesma, mesmo inserida nessa situação de merda. Acabei de lidar com um Vicente desesperado, não desejaria enfrentar vocês na mesma situação.

— Como quer que não estejamos desesperadas? — Ágata indagou, aproximando-se da cama.

— Primeiramente não queria que tivessem descoberto, mas já que aconteceu... — Dou de ombros. — Gostaria muito que não ficassem, pois eu não estou — esclareci tranquilamente. — Não culpem Deus e o mundo, não achem injusto ou mesmo me rotulem como moribunda. Eu ainda sou eu, a Flor de Lis de sempre. O que me acometeu não me define nem me faz enxergar a vida sob outra ótica. E é exatamente isso que quero que vocês e Vicente entendam. Esqueçam minha doença, vejam só a Flor.

Ágata engoliu o choro, enxugando os olhos. Ela sentou-se ao meu lado na cama, Helen, que parecia muito mais calma, sentou-se do outro lado e Rui permaneceu a minha frente.

— É tudo que peço a vocês, que não transformem cada dia em uma despedida, mas sim em uma nova chance de viver. — Ambas seguraram as minhas mãos e dediquei um olhar brando a cada uma delas. — Talvez eu não tenha tantos amanhãs, mas quero viver os que me restam sendo feliz, e não pensando no que vai acontecer. Vocês me entendem?

Ágata não respondeu, mas se jogou em cima de mim, me abraçando do seu jeito espalhafatoso.

— Só demora bastante a ir embora, por favor — murmurou com a voz abafada pelo abraço.

Eu ri, pela primeira vez naquele dia difícil. Essa era uma frase bem típica de Ágata.

— Prometo me esforçar. — Ela se separou, dando espaço para Helen me abraçar.

— Eu estarei aqui para qualquer coisa que decida. Você sabe, não é? — Assenti, sentindo a garganta apertar.

O ruim de ter um dia de merda é que você não controla as emoções. Vai da risada a vontade de chorar em um instante. Mesmo que eu não seja dada a choro e drama, a frase de Helen mexeu comigo, pois é esse tipo de reação que gostaria que todos tivessem. Helen me entendeu desde o primeiro olhar que lhe lancei ao entrar aqui.

— Pode contar comigo também, Flor. — A voz grave de Rui quebrou silêncio.

— Obrigada, Rui. — Soltei um suspiro aliviado, me esgueirando na cama, até ficar de pé, sob os olhares de surpresa do trio que ali estava. — Vamos embora desse hospital? Odeio me limitar a essas paredes.

— Acho que ainda não tem alta. — Ágata apressou-se em dizer.

— Bobagem — digo com desdém. — Ficar aqui ou não, não faz diferença alguma. Não se preocupe. Rui? — Voltei-me para ele. — Pode chamar o Dr. Abreu?

Rui assentiu, saindo da sala logo em seguida.

— Tem certeza que se sente bem, Flor? — Helen indagou taciturna.

— Absoluta — afirmei. — Só preciso que me ajudem com as roupas, estou com dificuldade de movimentar o lado esquerdo, e sem minha muleta fica difícil me equilibrar.

Elas me acompanharam até o banheiro, tentando parecer indiferentes ao fato de eu estar amparada, notei. Era normal que se sentissem assim. E as admirava muito por estarem se esforçando em não me deixar desconfortável.

Quando saí do quarto Dr. Abreu já estava a minha espera, acompanhado da pequena trupe, que sempre tentava me convencer a aderir a tratamentos mirabolantes.

Depois de uma conversa exaustiva, de algumas recomendações e de uma lista de medicamentos, consegui minha alta.



Gemi de satisfação ao ver a minha casa, assim que Rui estacionou o carro. Estava louca para me aconchegar em minha cama, ao lado de Cassey, e descansar um pouco.

— Aquele não é o carro de Vicente? — Ágata apontou para um veículo mais à frente.

— É sim. — Rui respondeu, pois eu me encontrava emudecida.

Vicente não saiu dos meus pensamentos por um segundo desde que ele deixou o hospital, mas procurei resolver uma coisa de cada vez. Tinha planos de esfriar minha cabeça e só então procurá-lo para uma conversa definitiva. Não esperava que ele estivesse justamente aqui.

— Você quer que eu fique com você? — Helen se ofereceu. Meneei uma negativa.

— Preciso apenas que me ajudem até a porta — disse decidida, o olhar fixo na porta. — Esse é um momento meu e de Vicente.

Nada mais foi dito. Me despedi de Rui com um agradecimento e um olhar acolhedor, Ágata me abraçou, dizendo voltar no dia seguinte e Helen me guiou até a porta, me encorajando silenciosamente com um olhar e um aceno firme.

Assim que o carro sumiu de minhas vistas, forcei a maçaneta da porta e encontrei-a aberta. Entrei, me recostando na parede para me equilibrar.

Cassey correu em minha direção, os olhinhos brilhando de satisfação enquanto alternava-se entre rodar em círculos, bater as patas em minhas pernas e balançar o rabo freneticamente.

— Eu adoraria me abaixar para pegar você, garotão, mas não vai rolar. Perdoa a mamãe. — Ele latiu em resposta, me acompanhando até a sala.

Vi Vicente assim que cheguei ao limiar da sala, estava coçando os olhos. Provavelmente acabara de acordar, atordoado com os latidos de Cassey.

Ele levou apenas um segundo para se dar conta de mim e, possivelmente, lembrar-se de tudo que vivera há algumas horas atrás. Ergue-se de um pulo, caminhando em minha direção a passos largos, me amparando.

— Pensei que não fosse receber alta tão cedo — disse, enquanto me ajudava a acomodar-me no sofá.

Suas mãos em minha pele fazendo-me arrepiar. Não era momento para isso, meu raciocínio sabia, mas meu corpo reagia a ele por vontade própria.

— Não iria mesmo, mas assinei um termo, e cá estou — brinquei, soltando o ar dos pulmões quando finalmente me acomodei de forma confortável.

Andar sem a muleta me exigia um esforço tremendo.

Houve um momento inteiro de silêncio até que eu voltasse o olhar para Vicente. Ele estava me encarando com evidente reprovação, o que me despertou raiva instantaneamente.

— Se for para ficar me recriminando, pode sair — disse rudemente.

Não era esse o tipo de conversa que queria ter com ele. Muito menos quis soar fria ou brigar, mas sua postura estava me irritando, e nunca fui boa com condescendência. Por isso era impossível naquele momento segurar meu gênio e não agir com frieza.

Ele desviou o olhar, deixando a sala rapidamente. Achei que fosse ouvir a porta da sala bater, mas não aconteceu.

Fechei os olhos, descansando a cabeça no encosto do sofá. Senti os olhos arderem pela vontade de chorar, mas me impedi de fazê-lo. Lágrimas não resolveriam absolutamente nada.

Não sei precisar quanto tempo passou, acredito que não mais que três minutos, antes de Vicente estar de volta. Notei sua presença e abri meus olhos, fixando-os na figura à minha frente. Ele estava com os olhos vermelhos, tomados de sentimentos conflitantes.

Tudo que eu mais desejava naquele momento era que ele me entendesse minimamente, que encontrasse em mim conforto e eu encontrasse nele amor. Apenas isso e nada mais.

— Acho que precisamos ter uma conversa definitiva. — Moderei meu tom de voz, necessitando pigarrear para afastar o nó da garganta.

Ele assentiu rigidamente, sentando-se ao meu lado, afastando Cassey, que estava entre nós. O cachorrinho resmungou com um grunhido, passando para se aconchegar em meu colo.

— Precisamos procurar um especialista...

— Não! — decretei veementemente. — Você precisa abrir bem os seus ouvidos para o

que eu vou dizer agora, Vicente, porque não vou me repetir.

— Já sei que vai negar, e não vou aceitar essa decisão idiota. Você não pode se entregar a doença assim. Lute, por mim! — implorou.

Coloquei as duas mãos sobre o rosto, tomando um momento para me acalmar e me controlar, antes de voltar a fitá-lo. Segurei suas mãos nas minhas.

— Não adianta. — Seu olhar machucado me feriu como uma faca afiada. — Eu juro para você que se tivesse qualquer chance de cura, eu iria até o fim do mundo para ficar curada. Acha mesmo que não queria viver anos e anos, ficar velha ao seu lado, ter filhos, netos... Transar com você em um evento social da família e depois rirmos das nossas loucuras? Acha mesmo que eu não amo você ao ponto de querer viver muitos e muitos anos para estar ao seu lado?

Ele baixou a cabeça, o corpo forte se balançando pelo choro. Não consegui mais segurar minhas próprias lágrimas.

— Eu não sei até quando poderei caminhar, falar ou mesmo respirar, Vicente, e eu não posso perder um minuto sequer me dedicando a tratamentos que só iriam prolongar minha existência, mas não me fariam viver... Viver de verdade, sabe?

— Eu... Não posso... Eu... — Tentou argumentar, mas a dor não permitiu que mais palavras fossem ditas.

Não precisava, eu entendia o seu silêncio, o seu choro, a sua revolta, a sua negativa. Eu tive minhas fases de fraqueza onde enfrentei todos esses sentimentos. E volto a dizer que, provavelmente, estaria muito pior se a situação fosse inversa.

— Nunca quis que ninguém soubesse. Pretendia me internar sozinha quando a doença já estivesse avançada. Por isso que procurei afastá-lo o máximo que consegui, mas não controlamos nosso coração.

Ele me fitou, sua dor se irradiando em mim. Então eu tive a certeza ali, que Vicente era meu pilar, precisava dele para enfrentar o que viria. E eu temia que ele não conseguisse lidar com toda essa carga.

Ele ergueu a mão trêmula e passou o polegar em meu rosto, recolhendo minhas lágrimas. Em seguida levou minha mão aos lábios e beijou-a.

— Eu não queria amá-lo, muito menos queria que me amasse de volta. Você não merece passar por toda essa merda. Eu sei que sou um fardo grande demais para ser carregado e entendo se desejar ir...

— *Shhh.* — Calou-me, colocando o indicador sobre meus lábios. — Você está com fome?

Franzi o cenho diante da sua pergunta fora de rota.

— Não, por que?

— Poderíamos subir para o quarto? Estou exausto e queria dormir.

— Claro. — Me ergui meio desajeita, sendo amparada por seus braços fortes.

Por um instante vislumbrei meu Vicente de sempre, apesar da dor por trás dos seus olhos.

— Deixe-me ajudá-la. — Antes que eu pudesse protestar seus braços me envolveram.

— Ainda posso caminhar, Vicente — resmunguei.

— Se quer mesmo deixar essa doença em segundo plano, não fique lembrando a todo o momento do que *ainda* pode fazer — repreendeu-me com uma seriedade arrepiante. — Eu vou ajudá-la, pois você me ajudou a trilhar um caminho que ao menos sabia que queria trilhar. Agora não seja teimosa e se conchegue nesse peito que é só seu.

Eu sorri minimamente. Encanta e satisfeita. Pelo jeito não havíamos perdido a facilidade de provocar um ao outro.

Me aninhei em seu peito, embebida pelo seu cheiro. Ele me colocou na cama, despindo-se das roupas antes de se deitar ao meu lado. Puxou-me para seus braços, me beijando longa e intensamente antes de olhar em meus olhos e sussurrar:

— Boa noite, querida.

— Boa noite — respondi meio embasbacada.

A normalidade da cena me fez sentir em paz, por isso descansei a cabeça em seu peito e me entreguei ao sono.



Ao despertar na manhã seguinte me deparei com um bilhete e uma rosa. Não havia muita informação, apenas dizia que o café da manhã estava pronto e que logo ele voltaria.

Me peguei rindo ao cheirar a rosa e ler o final do bilhete: **Te amo**, estava escrito em letras garrafais.

Nunca fui muito de declarações sentimentais, mas me sentia tão mais liberta ao dizer aquelas palavras e ouvi-las com reciprocidade. É, por mais clichê que possa parecer, o amor é lindo.

Alcancei minha muleta, descendo para a cozinha logo após fazer minha higiene matinal. Servi Cassey de sua ração, e me sentei para tomar café, só então notando estar faminta.

Estava concentrada em minha comida quando a porta da frente bateu e em um átimo Vicente estava em meu campo de visão. Parecia o de sempre, nenhum sinal do homem que vi ontem.

Ele colocou um papel sobre a mesa, que li, de cenho franzido.

“Carta de demissão”

— Não entendi.

— Me demiti. — Deu de ombros tranquilamente. — Acabei me envolvendo com uma moça bem inconsequente que me ensinou a viver a vida intensamente, então aqui estou eu, pronto para deixar de existir e começar a viver. — Abriu os braços teatralmente.

— Vicente e...

— Não conteste sua própria filosofia Flor de Lis. — Um sorriso se abriu em seus lábios. — Tenho o suficiente para sobreviver nesse mundo capitalista por uns meses. Agora venha aqui me dar um beijo.

Praticamente me joguei em seus braços, beijando-o intensamente, entre risos. Somos dois loucos, prontos para vivermos loucamente.



Capítulo Dezoito

N Vicente

ão foi uma decisão fácil. Enquanto mantinha meus olhos fechados e a respiração regular, tentando transmitir paz para que Flor conseguisse dormir sem se preocupar com mais nada, minha mente funcionava freneticamente, tentando buscar saídas para esse labirinto em que fui jogado tão abruptamente.

Não, eu ainda não tinha conseguido assimilar nada disso, muito menos aceitar a situação tão tranquilamente, assim como Flor de Lis fizera. Mas eu a ouvi ontem, assim como me pediu que fizesse, e eu podia ao menos respeitar seu pedido.

Iria procurar sim um especialista, conversar com ele e depois tentar convencer Flor. Assim como estou lutando para combater essa revolta que me tomou, irei implorar para que ela ao menos dê uma chance para algum tratamento diferenciado. Nada que possa tomar tanto seu tempo.

E, enquanto todos esses pensamentos giravam em minha cabeça, uma decisão se fixou em mim. Vou amar Flor de Lis, simplesmente amá-la. O esforço para conseguir colocar a doença, e o que ela trará, em segundo plano, será hercúlea, mas terei de ser forte, por mim e por ela.

E foi ao olhar para o rosto etereamente bonito de Flor, contemplar sua respiração compassada e sentir seu calor, que eu decidi que faria do nosso curto tempo, o melhor possível. Não tínhamos, provavelmente, anos e anos pela frente, mas faria do nosso pequeno infinito o mais intenso e feliz.

Então eu me levantei com cuidado, desci para a sala, sendo seguido por um Cassey sonolento, e disquei o número da casa da minha mãe, então contei tudo.

Ela me ouviu em um silêncio consternado, mas me dirigiu as palavras mais sábias assim que recuperou sua voz: “Dê tudo que Flor merece. Viva e seja feliz com ela enquanto pode, porque a incerteza do amanhã é de todos nós, meu filho. Eu, você ou qualquer outra pessoa, pode não sobreviver ao dia seguinte, mas ainda assim vivemos sem nos apegarmos a isso. A vida é muito subjetiva. Só seja você, e tornará os dias dela incríveis”.

Sorri, me lembrando de suas palavras enquanto dirigia de volta para casa, no primeiro horário da manhã seguinte. Mais um plano havia se concluído, e me sentia estranhamente livre ao olhar para aquele papel. E sortudo também, por ter a possibilidade de fazer o que fiz.

Veja o quanto evoluí em uma única noite. Já consigo até me sentir sortudo.

Ao entrar em casa, fui guiado para a cozinha pelo som dos talheres. Encontrei Flor tomando seu café da manhã, e Cssey com o focinho enfiado no seu pote de ração, nem sequer olhou em minha direção.

Sem uma palavra, coloquei a carta de demissão em cima da mesa. Flor me lançou um olhar estreito, que rapidamente foi desviado para o papel.

— Não entendi — murmurou confusa.

— Me demiti. — Suspirei pesadamente, dando de ombros. — Acabei me envolvendo com uma moça bem inconsequente que me ensinou a viver a vida intensamente, então aqui estou eu, pronto para deixar de existir e começar a viver. — Abri os braços em uma brincadeira.

Esperava não tornar aquela situação difícil para nós. Aquela decisão foi absolutamente minha, não queria que Flor se sentisse responsável por algo.

— Vicente e...

— Não conteste sua própria filosofia Flor de Lis. — Interrompi-a sorrindo. Queria que ela visse o quão definidamente satisfeito eu estava com aquela decisão. — Tenho o suficiente para sobreviver nesse mundo capitalista por uns meses. Agora venha aqui me dar um beijo.

Ela jogou-se em meus braços de forma desajeitada. Capturei seus lábios, venerando sua boca, beijando-a entre risos.

— Tem noção que somos dois desempregados no mundo capitalista, não é? — disse, os lábios roçando os meus.

— Teremos mais tempo para transar agora, mas talvez menos comida. — Ela gargalhou, jogando a cabeça para trás.

— Seu sem-vergonha. Onde está meu Cordeirinho?

— Ele virou o próprio Lobo-mau — retruquei, esfregando o quadril no seu, evidenciando minha excitação.

— É uma evolução louvável — replicou no mesmo tom sedutor, encorrendo a mão entre nossos corpos, apertando minha ereção.

— Eu tenho alguns atributos ao meu favor... — sussurrei passeando os lábios por seu pescoço, me deleitando com seu gemido de prazer.

— Como, por exemplo?

Antes de responder, minhas mãos desceram por seu corpo, encontrando a barra do

vestido, o qual subi até tirá-lo completamente.

— Por exemplo, uma mulher linda e deliciosa. — Ela sorriu, arqueando a sobrancelha.

Afastou-se minimamente de mim, pegou sua muleta e caminhou até a sala, sob o escrutínio do meu olhar. Absolutamente sexy em uma lingerie preta, que combinava perfeitamente com sua muleta.

Tomei uma respiração, antes de seguir seus passos até a sala. Flor estava deitada no tapete da sala, sua pele alva em contraste com o tapete escuro, os cabelos ruivos espalhados selvagemmente, emoldurando seu rosto de feições que mesclavam o angelical e o pecaminoso... Ela é uma visão dos deuses.

Me ajoelhei entre suas pernas, escorregando as mãos por todos seu corpo, até parar nas laterais de sua calcinha, a qual deslizei sem presa por suas pernas longas.

E enquanto minha boca se deliciava em sua essência feminina, minhas mãos eram famintas em tateá-la. Queria gravar cada gemido, cada textura, cheiro e gosto. Fazê-la eterna em um lugar, meu coração.

E não havia dúvida de que isso aconteceria... Tive ainda mais certeza quando me enterrei nela, nossos olhos fixos um no outro, nossas mãos unidas, gemidos escapando por nossos lábios.



Beijei o topo da sua cabeça, lutando com o emaranhado de cachos ruivos em meu rosto. Havíamos feito amor naquele tapete. Alcançando um nível de prazer desconhecido por mim, um nível que ia muito além do carnal, era corpo e alma... E a intensidade que isso somou a hora do clímax, jamais pode ser descrita em palavras.

— Agora que o corrompi a essa vida de marasmo, quais são os planos?

— Iremos à praia?

Ela ergue-se, apoiando-se no cotovelo do lado do corpo que não fora afetado pela doença.

— Um típico programa de desocupados. Bem original você.

— A ideia foi sua. Estou seguindo o fluxo. — Ela meneou a cabeça, estreitando os olhos em minha direção.

— Ainda está falando da lista clichê? — Encolhi os ombros em resposta. Ela revirou os olhos. — Vicente, aquilo nem era real. Só fui dizendo o que me veio à cabeça.

— Se veio é porque está em seu subconsciente, logo, você tem vontade de fazer sim.

— Você é tão literal. — Afastei-a, me levantando e estendendo a mão em sua direção

para que ela fizesse o mesmo.

— Veja pelo lado bom, a ida a praia envolve fazer amor na água. — Sua mão encontrou meu braço em uma tapa ardida, que me fez rir.

— Você só pensa nisso?

— É uma boa forma de barganhar com você...

— Sem...

— Vergonha. — Completei, roubando um beijo rápido. — Vou tomar banho no quarto de hóspedes. Se apresse.



— Não acredito que somos cara de pau o suficiente para virmos à praia com o intuito de transar — disse risonha.

Estávamos sentados lado a lado, sob uma toalha com a estampa da Estátua da Liberdade. O sol estava ameno, mas não o suficiente para poupar a pele muito branca de Flor, que agora mais parecia um morango maduro. Apesar dos esforços com o protetor de pele, os óculos e o boné.

No entanto, o biquíni cobria muito pouco, se o intuito era proteger a pele do sol, estava falhando miseravelmente.

— Você não parece nada insatisfeita com a situação — disse monocórdico.

Ela me lançou um olhar sexy, seguido de um sorriso preguiçoso.

— Não estou mesmo. — Provocou, esticando o corpo sobre a toalha. — Já você parece mal humorado.

— Estou com ciúmes, não notou? — Lhe lancei um olhar de esguelha. — E só estou lhe passando essa informação, porque não sou dado a esse tipo de sentimento. Então preciso desabafar.

Ela riu, gargalhou alto, chamando atenção de algumas pessoas, e por fim me fazendo rir também.

— Não sei como consegue ser assertivo e direto com algo assim. E ainda parecer monótono com a situação.

— Consigo ser singular na maioria das vezes — retruco, cobrindo seu corpo com o meu, beijando-a sem presa.

— Também sinto ciúmes de você... E acho que somos loucos por discutirmos isso assim. Normalmente é motivo de brigas para um casal normal.

— Não somos normais... E gosto disso. — Pontuei a frase com um beijo em seus lábios. — Vou dar um mergulho, você vem?

— É só um mergulho ou posso me surpreender com as águas de Guaratuba? — Dei de ombros.

— Só pagando para ver. — Ela aceitou minha mão, estendida em sua direção, e juntos rumamos para a praia.

Segurei-a em meus braços, enquanto pulávamos na água, emergindo aos risos. Repetimos as ações até estarmos ofegantes o bastante para buscarmos os braços um do outro como apoio.

Beijei Flor com força, exigindo sua língua na minha, seu corpo colado ao meu, dissipando o frio momentâneo que a água gelada tinha causado.

Minha mão desceu habilmente entre nosso corpo, com discrição suficiente liberei meu membro e afastei seu biquíni, sob o olhar travesso de Flor.

— Envolve minha cintura com suas pernas.

Ela obedeceu de pronto, enlaçando meu pescoço com os braços e tomando minha boca na sua, para aplacarmos os gemidos.

— Temos que ser rápidos — sussurrou ofegante, olhando ao redor.

Ninguém parecia notar nossa presença ali.

— E intensos, com certeza. — Impulsionei meu corpo para cima, lhe arrancando um gritinho, seguido de um riso e mais um gritinho.

— Vicente. — Gemeu em suplica, prendendo o lábio inferior entre os dentes.

Impulsionei meu quadril mais uma vez, apertando os olhos para me impedir de grunhir em alto e bom som.

— Porra, Flor.

— Vou gozar — balbuciou em meu ouvido, sugando o lóbulo da minha orelha para dentro dos seus lábios... Foi o suficiente para que eu também me entregasse ao prazer.



— Preciso resolver um problema, mas volto a tempo de irmos para a reunião. Vai ficar bem? — indaguei preocupado.

Não queria parecer assim. Sei que isso deixaria Flor desconfortável, mas era mais forte que eu.

Tínhamos feito uma viagem cansativa de quase duas horas, voltando da praia, e Flor

tinha dormido todo o caminho de volta. Temi tê-la cansado além da conta.

— Eu estou bem! — resmungou irritadiça. — Posso perguntar para onde vai?

— É aquele lance do ciúme de novo? — Brinquei, ganhando como resposta um som de desagrado.

Ela pegou a muleta e saiu do carro, batendo a porta com força.

— Se quebrar a porta não posso mandar consertar, não esqueça. — Ela revirou os olhos, me mostrando o dedo do meio enquanto caminhava para dentro da casa. — Coma algo! Eu amo você!

— Idiota! — gritou em resposta.

Fui ao meu apartamento buscar algumas peças de roupa, organizar o lugar e fechá-lo. Depois rumei para a loja de joias, saindo de lá com uma caixinha no bolso, mais uma decisão tomada e um sorriso no rosto.

Já passava das seis da noite quando estacionei em frente à casa de Flor. Buzinei para chamar sua atenção, e poucos segundos depois ela saiu de lá, vestido em um vestido estampado, que não cobria muito de suas pernas e deixava o colo bem evidente. Os cabelos estavam presos em um rabo-de-cavalo, e a boca marcada por um batom vermelho.

— Uau! — murmurei embasbacado, assim que ela entrou no carro. — Você está linda.

Seus olhos se fixaram nos meus por um instante.

— Ainda estou brava com você.

Ignorei sua carranca, puxando-a para um beijo. Enterrei meu rosto em seu pescoço, brincando com a pele sensível dali por um instante, até tê-la molinha em meus braços. As mãos segurando firmemente meus cabelos.

— Agora podemos ir — disse, afastando-me o suficiente para colocar seu cinto e voltar a minha posição em seguida.

Conversamos amenidades enquanto trafegava pelo trânsito nada tranquilo, o que era explicável, dado o horário que saímos de casa.

Ágata e Helen vieram nos receber no *hall* do apartamento. Elas trocaram beijos e abraços com Flor, explicando o fato de não terem ligado no dia anterior... Ou melhor, terem sido interceptadas por mim, que pedi esse empo para nós dois.

Enquanto elas tagarelavam no elevador, observei Flor pelo espelho. Ela parecia extremamente feliz, e linda. Tão dona dela mesma, que chegava a me faltar o ar por um momento ao observá-la. Era como se o amor que sinto se expandisse de tal forma que tomasse conta de tudo, e nem me sobrasse espaço para o ar.

Rui nos esperava no apartamento. E após todos os cumprimentos nos sentados no tapete da sala, ao redor do centro, para comermos, bebermos e conversarmos amenidades.

Flor entendeu, com um único olhar, que não deveria beber nada alcoólico, e eu a acompanhei no suco. Contento por aquilo não ter gerado um conflito.

— ...A Flor sempre foi exibida. Por isso levava a melhor com os mais bonitos. — Ágata gritou, contrapondo Helen.

— Obrigado pela parte que me toca. — Me intrometi, achando graça da competição adolescente delas.

— Não seja presunçoso — murmurou Flor, em resposta. — E eu não era exibida, apenas decidida — concluiu.

— E ardilosa! — Apontou Helen.

— Nisso eu concordo — declarei, ganhando um olhar incrédulo de Flor e risadas dos demais.

— Olha só quem fala, um lobo em pele de cordeiro. — Ela estava rindo em um minuto, no momento seguinte uma expressão de dor cruzou seu rosto. Os demais não notaram, envolvidos em uma nova discussão, mas eu aprendi a identificar a menor mudança de expressão em seu rosto.

— Algum problema?

Ela flexionou a mão, meneando a cabeça.

— São fasciculações — explicou. — A dose de Gabapentina deve estar baixa. — Deu de ombros.

Capturei sua mão na minha, levando-a aos lábios. O músculo pulsava com uma intensidade assustadora.

Flor se reinseriu na conversa, como se nada estivesse acontecendo, mas eu permaneci mudo, mas afetado do que gostaria. Massageando sua mão enquanto murmurava internamente para que aquilo passasse.

Quando notei certa melhora, me levantei, pedindo licença ao sair rumo à cozinha.

Bebi um copo de água, tentando recuperar meu equilíbrio. Precisava ser forte, muito mais do que já fui algum dia em minha vida. Ou nunca seria capaz de proporcionar a Flor a paz que ansiava por lhe passar.

Toquei no bolso da calça, tirando a caixinha que lá repousava. Acabei sorrindo, imaginando a cara que ela faria ao ver isso.

Me acharia louco, com certeza.

Mais dono de minhas ações voltei para a sala, pigarreando para chamar a atenção de todos. Eles cessaram a conversa, voltando o olhar em minha direção.

Assenti para Ágata, minha cúmplice, que mudou a música que tocava, colocando *Bem que se quis – Marisa Monte*.

Meu olhar voltou para Flor de Lis, que me encarava de cenho franzido, mastigando o lábio.

— Eu não fiquei louco, queria deixar claro antes do breve discurso que preparei. — Todos assentiram, menos Flor, que ainda me olhava como se fosse um extraterrestre. — Flor, pode ficar de pé, por favor?

Ela segurou minha mão, levantando-se. Quando ela estava firme o suficiente, eu me ajoelhei em sua frente.

— Queria que isso fosse mais romântico, ou mesmo menos clichê, já que você não curte muito essa coisa toda. Mas não consegui ser criativo, nem acho que deveria perder tempo pensando em como surpreendê-la com um pedido de casamento. — Dei de ombros, tomando uma respiração longa, antes de continuar: — Não era para ser assim tão corrido, juro, mas dentro do nosso pequeno infinito, minutos são horas, horas são anos, e o amor cresce na mesma proporção de tempo. Por isso, sim, eu estou pedindo você em casamento, porque quero transformar nossas horas em anos, nossos anos em décadas... Quero chamá-la de esposa, e me lembrar de você assim sempre. E você deve aceitar, não me ache presunçoso por isso, por que você me ama, e eu amo você loucamente. Seja minha esposa Flor de Lis, e construa comigo um infinito em dias contados?



Capítulo Dezenove

M

Flor de Lis

eu coração falhou uma batida, para logo retomar em um ritmo acelerado. O ar pareceu rarefeito ao meu redor, além da paralisia que me tomou, como se meu cérebro não conseguisse ordenar um comando sequer sobre meu corpo.

Obviamente minha vida se tornara uma caixa de surpresa nos últimos meses, mas essa estava se superando. Jamais poderia imaginar que chegaria ao fim da vida casada. Jamais. Mesmo.

Quando meu cérebro recuperou seu poder de comando, ele ordenou uma torrente de lágrimas, isso porque me sentia tão feliz e agradecida que verter lágrimas parecia à única forma mais palpável de demonstrar isso. Em seguida ele ordenou um sorriso, provavelmente o mais amplo que já abri na vida. E por último, ele conseguiu formar uma palavra.

— Sim... É claro que sim. — Desatei a falar.

Vicente se ergueu, sob o aplauso da plateia que nos assistia. Na verdade nem me recordava que meus amigos estiveram ali todo aquele tempo, assistindo tudo.

Ele deslizou em meu dedo uma aliança de ouro velho, trançada com uma delicadeza impressionante. Olhei orgulhosamente para minha mão.

— Está escrito pequeno infinito, — Sua voz rouca me fez tirar a atenção do anel. — na parte interior da aliança.

Então suas mãos estavam em minha cintura, sua testa encostada à minha, nossas respirações se misturando.

— Você é louco. — Ri, os olhos tão dentro dos seus que me perguntei onde um terminava e o outro começava. — Mas eu o amo.

— E será minha esposa. — Enfatizou.

— Só porque não queria lhe fazer passar vergonha na frente dos nossos amigos — disse em um tom divertido. Ele riu, calando-me com um beijo demorado.

— Mentirosa.

— Agora vamos comemorar o casamento, e correr com os tramites já que a mocinha dessa história já foi desvirginada pelo herói. — Ágata adiantou-se, levantando em um salto, e nos arrancando risadas com sua forma louquinha de descrever as situações.

— Desculpe, mas não temos data ainda. Apressada! — retruquei, aceitando a taça de suco que ela me entregou.

— Claro que temos. — Vicente interrompeu-me, beijando meus lábios rapidamente antes de erguer a taça.

Estreitei os olhos em sua direção.

— Temos?

— Consegui subornar todo mundo e casamos em uma semana.

— Uma semana? — Helen e eu gritamos em uníssono. Ágata apenas riu.

Aquela traidora é cúmplice de Vicente em tudo.

— Não deu tempo de te avisar Helen, — Ágata interveio, aplacando o choque da amiga. — desculpa.

Rui abraçou a namorada, beijando os cabelos dela, buscando evitar a discussão que se desenrolaria.

— Meus parabéns, casal — disse Rui, dando um abraço em Vicente e logo em seguida em mim.

— Vocês serão muito felizes. — Helen completou, também abraçando a mim e Vicente.

E por último veio a cúmplice, não feliz em apenas abraçar, dando gritinhos efusivos. Ela não sabia expressar sua felicidade contidamente.

— Aos noivos! — Helen ergueu a taça e nós a seguimos, brindando.

Levei a taça aos lábios, bebendo um gole, um tanto insatisfeita por não ser champanhe de verdade, mas feliz demais para reclamar de algo tão banal.

— Não quero nem saber os métodos que utilizou para conseguir apressar assim o casamento.

— Nada tão grave. — Deu de ombros. — Tive que furtar seus documentos, mas nada de mais.

— E se eu não aceitasse?

— Iria lhe levar nas costas. — Meneei a cabeça, lhe empurrando levemente.

Voltamos a nos sentar ao redor do centro, a conversa agora girando em torno do casamento. Pelo menos as meninas e eu falávamos disso, os rapazes preferiram comentar o

placar do jogo. Uma cena tipicamente típica.

Me peguei rindo, fitando o perfil de Vicente. A pele alva, os cabelos espessos de um tom de loiro quase castanho, o nariz fino e a boca carnuda, que quase roubavam a atenção daqueles olhos límpidos e extremamente eclipsantes. Ele é lindo, sem sombra de dúvida, do rosto perfeito ao corpo másculo, mas nada daquele físico poderia minimizar o homem que Vicente é em seu interior.

Olhei para o céu, através da janela, mantendo um diálogo silencioso com Deus... Então o agradei, porque Ele me dera a oportunidade de conhecer esse homem e de compartilhar com ele sorrisos e dores. Eu seria feliz, e o faria feliz até que me fosse possível, e quando não fosse mais, eu o amaria até que isso suprisse tudo que minha doença pudesse tirar do nosso convívio.



Acordei na manhã seguinte com uma sensação de completude que seria difícil de descrever. Talvez se me comparasse a alguém que vive sem um órgão essencial e que recobra sua integridade após receber esse órgão de outra pessoa, conseguisse explicar como me sinto nesses últimos dias. Por mais estranha que soe a comparação.

E é mais estranho ainda quando paro para pensar em que circunstâncias me encontro atualmente. Não é exatamente o melhor momento da minha vida para me apaixonar e viver um romance, mas foi o certo.

Me virei na cama, Tateando antes mesmo de abrir os olhos, em busca de um corpo quente e aconchegante, mas o lugar estava vazio. Me sentei com certa dificuldade, notando que, infelizmente, coisas simples se tornavam cada vez mais difíceis de serem executadas.

E confesso que nem mesmo dediquei um tempo da minha vida nos últimos dias para pensar em como seria daqui para frente, quando a doença enfim começasse a progredir agressivamente.

Meus pensamentos foram desviados dessa rota quando visualizei em cima do travesseiro de Vicente um pedaço de papel dobrado, junto a uma rosa. Me peguei rindo, lembrando-me da nossa noite passada... Dos beijos, carícias, gemidos, gritos de prazer.

Me joguei na cama, rindo feito uma idiota. Peguei a rosa, levando-a ao nariz para cheirá-la. Tão clichê, tão ridiculamente romântico, que estava me sentindo em uma novela mexicana. Achei que homens assim só eram fabricados nas mentes das romancistas ou nas novelas mexicanas.

Dava pra acreditar que é real? Que está acontecendo comigo? E, pior, que estou gostando de toda essa melação?

Olhei para meu anel de noivado e cai na gargalhada. Eu estava gostando mesmo.

Coloquei a rosa de lado, pegando o papel, onde estava escrito de forma sucinta que

Vicente havia saído para correr na praça. Meu sorriso morreu em meu rosto, dando lugar a uma brusca mudança de humor.

Eu nunca mais iria correr com ele no parque. Provavelmente sua ex, Maitê, estaria lá e se aproveitaria para lhe fazer companhia.

Me arrastei pela cama, até alcançar a muleta. Levando mais tempo que o normal para conseguir me equilibrar de pé.

Enquanto escovava os dentes, com as mãos trêmulas, visualizei minha imagem no espelho. Em breve eu não seria mais essa mulher, sairia de cena a Flor atrevida e altiva, para dar lugar a uma totalmente sem vida, que não anda, fala, nem mesmo irá respirar por conta própria... E como Vicente lidará com isso? Como meu irei lidar com toda essa merda?

Quando pensei nessa situação, me imaginava sozinha em um hospital. Ninguém me veria chegar a esse estágio. Mas agora todos sabiam, e todos veriam e....

— Droga! — gritei para meu reflexo, jogando a escova longe.

Minha mão se movimentando em espasmos incontrolláveis. O braço tomado de fasciculações e a perna pulsando com uma câibra que me arrancou um grito de dor.

Me sentei no chão do banheiro, alisando o músculo da perna como podia, dado ao colapso geral dos meus músculos. Lágrimas descaram por meu rosto nos minutos que se seguiram.

Cassey entrou no quarto, latindo quando me viu sentada no chão. Ele aprecia meio perdido, correndo em círculos, completamente agitado.

— Tudo bem garotão. — Consegui dizer entre dentes. — Já vai passar.

E passou, felizmente, nos segundos seguintes os espasmos diminuíram, as fasciculações cessaram e a câibra sumiu. Foram poucos minutos, mas assustadores o suficiente.

— Flor? — Ouvi a voz grave e divertida de Vicente, girando a chave na porta do banheiro.

Não queria que ele me encontrasse nessa situação.

— Estou usando o banheiro, Vicente, pode tomar banho no banheiro do quarto de hóspedes? Já vou descer para preparar o café.

Ouvi sua respiração do outro lado da porta, junto com o latido de Cassey.

— Está tudo bem? — Seu tom de voz era de extrema preocupação.

— Estou bem! — disse impaciente.

Quando ouvi seus passos se afastando, me ergui, buscando apoio na muleta. Consegui caminhar meio trôpega até a saída do quarto agradecendo silenciosamente ao notar que Vicente estava no banho.

Rumei para a cozinha, me recostando na bancada para preparar o café. Não era bem uma cozinheira de mão cheia, mas um café sairia.

Peguei o necessário, colocando tudo na cafeteira. Até então nenhum problema, se não precisasse usar as mãos trêmulas para manusear a cafeteira, seria ótimo.

Consegui derrubar o utensílio duas vezes, até notar que seria incapaz de fazer a merda do café.

— Que merda! — gritei, jogando tudo na pia.

— Ei... — Vicente interrompeu meu ataque, se aproximando. — O que há, hum?

— Tudo, Vicente, tudo. Posso me indignar uma vez nessa porra de vida? — Minha voz irradiava uma ira contida.

Ele ignorou cada palavra, sem alterar minimamente sua expressão. Voltou meu corpo para a frente da pia novamente, se prostando atrás de mim, pegou minhas mãos e reconduziu-as de volta a cafeteira.

— Vamos terminar esse café — disse calmo.

Suas mãos suaves sobre as minhas, guiando cada movimento desajeitado. Observei-as assim entrelaçadas, e isso, somado a sua presença forte as minhas costas, me recobrou a paz.

Engoli o nó que formasse em minha garganta e pisquei para dissipar as lágrimas que enchiam meus olhos. Ele não merecia minhas lágrimas, eu mesma não as merecia.

Não permitiria que o drama de toda essa situação submergisse as coisas boas que podemos viver. E sei que é isso que Vicente está tentando fazer também. E que Deus me ajudasse a superar os momentos de fraqueza e revolta, como esses, pois eles viriam, eu sei. Sou humana afinal.

— Enquanto você estava dormindo Ágata ligou, pedindo para confirmar a ida de vocês até o centro. Parecia mais animada que a própria noiva. — Comentou divertido. O som da sua risada retumbando em minhas costas.

Trabalhamos juntos em colocar o café no recipiente apropriado. Ele beijou meu pescoço e se afastou, levando o café consigo.

— Venha — chamou, estendendo a mão em minha direção. Aceitei sua ajuda, me acomodando na cadeira ao seu lado.

— Ela é louca — retruquei, após o que pareceu horas. — E você nem me disse o dia exato do nosso casamento, o lugar... Belo noivo você é.

Vi quando ele suspirou, evidentemente aliviado pelo momento de tensão ter ficado para trás.

— Consegui uma licença para que o casamento aconteça no Parque Vicentina Aranha. Bem embaixo daquela árvore, o que acha?

Emudeci por um instante. Embasbacada pela escolha dele.

— Simplesmente perfeito. Nem eu mesma teria pensado em algo tão fantástico.

— Eu sei. — Se gabou, com um encolher de ombros.

— Presunçoso.

— Realista, minha cara. — Interrompeu-se para beber um gole do café e enfiar mais torrada na boca, voltando a falar assim que engoliu: — Será no domingo... E como sei que iria gostar muito, chamei um padre, para nos dar numa benção. Infelizmente não consegui vaga para um casamento na igreja assim as presas. Também precisaria de muitos detalhes...

— Você é incrível — interrompi-o, segurando sua mão. — Vou me esforçar para que tudo saia lindo.

— Só precisa ter você, então será perfeito. Nada mais importa.

— Acredito que o juiz e o padre sejam bem importantes também... Sabe, pra consumir o casamento. — Provoquei. Ele estreitou os olhos em minha direção.

— A consumação é por nossa conta, baby. — Ele se inclinou em minha direção, beijando meus lábios.

A campainha soou, tirando-nos do nosso momento.

— Deve ser Helen e Agata — digo, me afastando. — Vá recebê-las, enquanto me arrumo para irmos. Você vem conosco

— Não. — Apressou-se em dizer. — Só apareço no dia do casamento. O resto é por sua conta. Vou resolver um probleminha documental na prefeitura e estarei aqui quando voltar.

— Certo.

— Divirta-se muito.

Subi para me trocar, encontrando as meninas minutos depois. Saímos alegres e cheia de planos no início do dia e só voltei quando a tarde começara a dar lugar a noite.

Encontrei Vicente vestido em uma calça de moletom e nada mais, com uma caneca em uma mão e um livro na outra. Ele estava apetitoso. E o teria agarrado e transado com ele ali mesmo, se não estivesse tão exausta.

Depois de um banho e uma xícara de chocolate quente, me acomodei no sofá ao seu lado (Com Cassey deitado bem perto de nós), e lhe contei tudo sobre o dia, enquanto assistíamos a um filme. Tudo simples, trivial, e carregado de amor.

Minha mãe já dizia, o trivial esconde coisas tão belas que nem mesmo o extremo do opulento seria capaz de ofuscar. Nunca me senti tão trivialmente feliz.



Capítulo Vinte

Q Vicente

Quando Flor de Lis adormeceu em meus braços, após ter relatado em detalhes animados, todo o seu dia de quase noiva, dediquei alguns minutos para observá-la assim serena.

Amava a forma como seus longos cílios sombreavam sua pele extremamente clara, ou mesmo como a boca rosada e carnuda se entreabria durante o sono, mas nada nesse mundo parecia tão belo quanto seus cachos ruivos se espalhando em volta do seu rosto.

Não, eu ainda não conseguia aceitar essa maldita situação, mas prometi a mim mesmo que não perderia um minuto sequer tentando justificar ou culpar alguém, eu só queria aproveitar cada instante ao lado de Flor, e eu o faria.

Tomei-a em meus braços, rumando para nosso quarto. Assim que a acomodei na cama ela murmurou uma reclamação em seu sono, mas logo estava aninhada em mim, ronronando como uma gata.

Beijei seus cabelos, enquanto fitava um ponto fixo no teto e esperava a noite passar. Eu não conseguiria dormir mais uma vez, eu sei. E temia apenas pensar quando eu conseguiria voltar a ter uma boa noite de sono novamente.

As horas se arrastaram, e eu permaneci ali, desperto. Meu corpo gritava por descanso, mas minha mente atribulada não deixava o cansaço físico vencer. A cena de Flor na cozinha hoje mais cedo se reproduzia em minha mente ininterruptamente.

Sua doença estava progredindo rápida e violentamente. E sentia um medo dilacerante que ela fosse arrancada de mim antes mesmo que pudéssemos fazer tudo que havíamos planejado.

Hoje mais cedo consegui marcar uma consulta com um especialista na área. Teria de ir a São Paulo. E, obviamente, Flor nem cogitaria a possibilidade de ir comigo, mas nada me faria parar. Preciso dessa conversa, me agarrar a algum fio de esperança, ou nunca poderei ser a base que Flor precisa para enfrentar isso tudo.



— Estranho. Você não comentou que precisaria ir a São Paulo assim as presas. — Flor disparou desconfiada.

Acabei de calçar os sapatos e peguei as chaves do carro. A noite de sono, o cansaço físico e mental, somada a tensão da viagem, não me deixaram com o melhor dos humores pela manhã.

— Já lhe expliquei que foi um chamado de última hora — retruquei em um tom de severidade que não gostaria de ter usado. — Tive que largar o emprego de uma hora para outra, Flor, é de se entender que me joguem na resolução de um problema.

— *Teve?* — enfatizou a palavra, com um tom de voz irritado.

Baixei a cabeça, apertando os olhos e inspirando profundamente para recobrar a sanidade. Havia acabado de falar besteira, e não era assim que queria começar esse dia.

Me aproximei de Flor, que estava sentada na cama, me ajoelhei em sua frente e segurei suas mãos, fitando-a.

— Não foi isso que quis dizer. Me desculpe, por favor. — Ela assentiu rigidamente. — Volto até o fim do dia. Vai sair com as meninas hoje?

— Apenas com Ágata, Helen não pode faltar ao trabalho hoje. — *Aquiesci.*

Inclinei-me para beijar seus lábios, sendo retribuído com certa frieza. Sem forças para discutir, me ergui, pegando a carteira em cima do criado-mudo e enfiando-a no bolso.

— Estarei com o celular a todo o momento, me ligue se precisar que qualquer coisa.

Deixei o quarto, sem lançar um segundo olhar para trás. Antes de sair de casa me certifiquei da comida e água de Cassey, então peguei a estrada.

Fora, sem dúvida alguma, a hora a se passar mais lentamente possível, e a distância mais longa que percorri. Foi silencioso e frio todo o caminho até a clínica neurológica onde havia marcado a consulta.

Quando estacionei meu carro em frente à construção, demorei bons minutos apenas encarando fixamente o lugar, antes de ter coragem suficiente para descer e entrar na clínica. Munido dos exames feitos por Flor, dos receituários e de uma esperança que quase podia sentir me empurrar para frente.

— Bom dia. Tenho um horário marcado — disse ao me aproximar do balcão da recepção.

A moça que estava do outro lado do balcão, me abriu um sorriso acolhedor, me lançando um olhar de piedade, que achei absolutamente terrível. Ela, provavelmente, achava que eu era o doente em questão, e estava tentando soar o que... Humana?

Piedade é a última coisa que alguém que está passando por uma barra dessas quer ver nos olhos de alguém. E até o olhar da pobre moça conseguiu me levar ao limite.

— O Dr. Garcia já lhe aguarda — respondeu, desviando o olhar para a tela do computador. — O senhor deseja fazer o pagamento por meio de...

— Com dinheiro — interrompi-a, pegando minha carteira no bolso e tirando de lá a quantia.

— Muito obrigada, senhor. Queira me seguir, por favor. — Ela saiu de trás do balcão, seguindo em passos rápidos por um corredor.

Não havia ninguém na sala de espera, muito menos nos corredores silenciosos, o que só me fez ter ainda mais vontade de fugir dali.

Segui-a com passos pesados e contados, até estarmos em frente a uma porta, onde ela bateu e logo em seguida abriu, me dando passassem para entrar.

O homem atrás da mesa se levantou, com um sorriso de condescendência que me enervou sobremaneira. Mais dono de mim caminhei até ele, aceitando seu cumprimento, e me sentando em seguida.

— Bom dia Vicente. Posso chamá-lo assim?

— Claro — afirmei olhando rapidamente ao redor.

— Não irei perguntar o que lhe trouxe aqui, pois como é uma clínica que trata muito especificamente de alguns problemas neurológicos, tenho alguma ideia do que o acomete.

— Não sou eu o doente, mas sim minha noiva — repliquei em um tom de voz rouco e distante.

— Oh sim. Sinto muito — emendou: — E ela?

— Se recusa a procurar um especialista na área. Eu vim porque preciso saber o que posso fazer para ajudar a mulher que amo. — O médico assentiu muito sério.

— Infelizmente a ética não permite que passe dados do paciente, sem que ele esteja presente. Sinto muito Vicente.

Sinto muito... Sinto muito...

Ninguém sentia porra nenhuma. Não como eu! Então não adianta vir com essa história de ética comigo.

— Eu amo essa mulher perdidamente, Dr. Garcia... E eu a estou perdendo lentamente... E... E nem mesmo sei o que está acontecendo. Por isso eu lhe imploro que coloque a ética de lado e me diga se posso ajudar Flor, e como posso fazer isso? — Minha voz subiu alguns tons.

Ele ponderou por um minuto inteiro de silêncio. Não desviei os olhos dos seus, queria que ele entendesse, visse ali o nível do meu desespero.

— Me mostre o exame do diagnóstico. — Me estendeu a mão, ainda meio hesitante.

Entreguei-lhe os exames que trouxe, aguardando enquanto ele os lia, folheava e anotava algumas coisas em um bloco. Minha perna tremia inquieta, os dedos das mãos batucando nas coxas, até a voz do médico voltar a soar.

— Sua namorada tem Esclerose Lateral Amiotrófica. — Assenti, ansioso para que continuasse. — Sabe algo sobre a doença?

— Muito pouco. Sei que é debilitante, que causa enfraquecimento muscular... Não muito mais que isso. — Dr. Garcia aquiesceu em entendimento.

— A ELA, como é chamada a doença, causa fraqueza muscular secundária, relacionada ao comprometimento dos neurônios motores. Nesses exames que sua namorada realizou, a doença estava em seu estágio inicial, onde apenas os neurônios superiores estavam atingidos. — Engoli em seco. Ainda não satisfeito pela explicação. — Pode me relatar o que ela sente atualmente?

— Espasmos musculares, fasciculações, fraqueza muscular no geral. E dificuldade de caminhar.

— A doença está evoluindo — disse em um tom sombrio.

— O que eu posso fazer para pará-la? Onde consigo tratamentos? Tem de haver algo que se possa fazer para parar essa doença, ou ao menos retardá-la.

— O prognóstico da ELA é muito sombrio, Vicente. Não há como parar, e muito raramente há como retardá-la. — Meneei a cabeça negativamente.

— Qual... O que acontecerá e em quanto tempo? — Consegui indagar, mesmo com a garganta quase se fechando. Não conseguia respirar ali dentro.

— A progressão definitiva da doença acontece em dois anos, em média. Pelos exames, Flor de Lis tem quase dois anos de diagnóstico. Já é bem impressionante que a doença não tenha avançado ainda mais.

— O que vai acontecer? — perguntei entre dentes. Sentia todo meu corpo tremer.

Ele levou um instante para responder, parecendo reunir coragem para dizer o que viria a seguir. Acabar com a vida de alguém não deve ser mesmo muito fácil. Ainda mais usando de palavras.

— Ela vai parar de andar, não conseguirá respirar por conta própria, não conseguirá mais falar... Suas capacidades mentais e psíquicas permanecerão intactas.

— Ela vai viver quanto tempo?

— Não se pode precisar. Há uma média de dois a cinco anos para pacientes acometidos por ELA. Mas temos casos que destoam dessa realidade...

Coloquei as duas mãos na cabeça, baixando-a por um momento. Estava desnortado, como se não fizesse parte desse mundo. Naquele momento não desejava mesmo fazer.

— Insista para que ela tome os medicamentos, faça fisioterapia e... Bem, são cuidados

paliativos. Sinto muito por não poder dizer mais que isso.

Sinto muito... Sinto muito...

Uma risada amarga emergiu da minha alma, e ergui os olhos para fitar o homem a minha frente.

— *Eu* sinto muito — disse em um tom irreconhecível. — Flor sente muito. Ninguém mais.

— Você precisará de muita calma para lidar com a situação, Vicente. Entendo seu transtorno, mas a ELA afeta principalmente o doente, o cuidador não pode permanecer nesse estado para lidar com...

— Foda-se — gritei.

Recolhi todos os exames que estavam sobre a mesa e sai dali, batendo a porta.

Ignorei a recepcionista que me seguiu, e entrei em meu carro, precisando abrir a janela para conseguir respirar.

— *Merda, merda, merda!* — gritei para ninguém em especial, esmurrando ridiculamente o volante.

Não havia esperança então? E tudo era muito pior do que imaginei. Eu veria Flor parar de andar, respirar, falar... Eu não ouviria mais sua voz? Como eu suportaria isso?

Recostei minha cabeça no volante e fechei os olhos, tentando conter as lágrimas. Não adiantaria mais chorar. Nada mais adiantaria. Nada.

Eu precisava ser forte por mim e por ela. Eu nunca desistiria de nós. Nunca.

Acredito que fui vencido pelo cansaço em algum momento e dormi, pois quando abri os olhos já era quase meio dia, e minha barriga reclamava da falta de comida enlouquecidamente.

Cocei os olhos para me encontrar no espaço, esticando os músculos doloridos, antes de colocar o carro em movimento novamente.

Eu não consegui pensar em nada enquanto dirigia de volta para São José dos Campos. Minha mente, alma e coração completamente enegrecidos para sentir qualquer coisa que fosse.

Um longo gemido de dor escapou dos meus lábios quando estacionei em frente à casa de Flor e desci do carro. Tudo em mim doía, sem falar da sede e fome que sentia.

O carro de Ágata estava estacionado ali, o que me arrancou mais um gemido, dessa vez de frustração. Não queria lidar com sua euforia, nem a assertividade de Helen, ou mesmo a placidez de Rui. Só queria ser amargo em paz. Remoer o que ouvi e amanhã seria eu novamente.

Mas só por hoje, apenas hoje, queria ser esse homem quebrado.

Cassey correu em minha direção assim que abri a porta, mas afugentei-o com um

resmungo. Da porta mesmo pude escutar a acalorada discussão de Ágata, Helen e Flor.

Fechei a porta em uma batida, para que notassem a minha presença. Três pares de olhos assustados viraram em minha direção quando apareci na sala.

— Vicente? — Flor murmurou com surpresa. Parecia não me reconhecer.

— Você está bem? — Ágata emendou.

— Por que a discussão? — repliquei, ignorando a pergunta de Ágata.

— Flor teve um enfraquecimento muscular durante a tarde de hoje. Quase tive que arrastá-la até o hospital. — respondeu Ágata.

— Em sumo, Dr. Abreu recomendou que ela usasse cadeira de rodas e que inicie imediatamente fisioterapia torácica, mas ela recusa a ultima parte. — Completou Helen.

— Não fale de mim como se eu não estivesse aqui.

— Pare de agir como a merda de uma criança birrenta! — gritei na direção de Flor, ganhando olhares de choque de todas da sala. — Pode colaborar um pouco que seja? O que custa dedicar uma hora do seu dia para essa maldita fisioterapia? Ou prefere parar de respirar e morrer antes mesmo do que se espera?

Vi quando a expressão de Flor mudou de choque para uma de dor terrível. Eu fui o responsável, e quando me dei conta de que havia despejado nela toda revolta, angustia e medo, me senti imediatamente um lixo.

— Saia daqui Vicente. — Helen grunhiu, me guiando para fora. Deixei que ela me guiasse, pois, por mais que eu quisesse me desculpar com Flor, aquele não era o melhor momento para nada. — É melhor que vá para casa, tome um banho, coma algo e durma.

— Eu... Eu não queria dizer aquilo Helen. — Minha voz tremeu e senti que estava perdendo as forças que tanto lutei para adquirir nesses últimos dias.

— Eu sei. A Flor também sabe. Amanhã você conserta isso.

— Precisa da minha ajuda? — Rui falou às minhas costas. Helen assentiu.

— Leve o Vicente em casa e certifique-se que ele vai comer e dormir. Pode fazer isso por mim, por favor? — Pediu, ela.

— Claro, querida. Vamos Vicente?

Assenti, me deixando guiar novamente, dessa vez para o carro de Rui.

Não me lembro muito bem do que comi, ou de como consegui tomar banho. Minha mente estava desligada, agindo completamente no automático. Mas me recordo perfeitamente do momento em que duas grosas lágrimas escorreram por meu rosto quando encostei a cabeça no travesseiro e a voz monocórdia do médico soou em meus ouvidos: *Sinto muito*.

Sim, eu sentia muito.



Capítulo Vinte e Um

Q Flor de Lis

Quando a porta da frente bateu e Helen reapareceu em meu campo de visão, um silêncio mórbido havia se instalado. Até mesmo Ágata, que raramente perdia as palavras, estava sombriamente calada, olhando para todos os lugares menos para mim.

Uma situação de merda. Mais uma para eu colecionar. No entanto, dessa vez não irei ficar ponderando as motivações de Vicente para agir como um idiota. A crueldade não combinava em nada com ele, e se havia chegado a esse extremo provavelmente estava em seu limite, e de certa forma poderia compreendê-lo, mesmo que não o entendesse.

— Rui o levou para casa. Vicente precisa dormir e descansar. Parece esgotado. — Helen respondeu minha pergunta silenciosa, enquanto acomodava-se ao meu lado no sofá. — Tenho certeza que não foi intenção dele soar tão cruel.

— Todos sabemos que não — repliquei, encerrando a conversa. — Marque com a fisioterapeuta. Ela poderá vir fazer as seções aqui em casa.

Vicente pode até ter soado cruel, mas ele tinha razão em parte do seu discurso. Me negar completamente a pontos do tratamento que só traria meu bem-estar era infantil e egoísta, comigo e com todos que me amavam e estavam tentando melhorar minha situação como podiam.

Estava mais que na hora de encarar a situação com mais maturidade.

— Claro. — Ágata apressou-se em responder. — Outro ponto, deveríamos mudar seu quarto para a parte inferior da casa. Será difícil lidar com a escada.

— Já tinha pensado nisso, por isso há um quarto, que usávamos de depósito, desocupado. Precisa ser limpo e de móveis.

— Podemos ver isso para você amanhã, não se preocupe. — Após uma pausa, ela continuou com outro assunto: — E os acertos para o casamento, quase tudo pronto? Lembrem-se que temos uma semana apenas.

— Resolvemos a tenda, a decoração e o bife — respondeu uma Ágata eufórica. — Faltam detalhes mais simples como o bolo e o vestido.

— Simples? — gritei, ouvindo a risada das minhas amigas.

— São os melhores e mais fáceis de serem acertados, pelo menos.

— Não gosto nem de pensar em quando o casamento for dessa louca. — Helen disse aos risos.

Sorri, mas algo dentro de mim se entristeceu por um instante. Eu não estria aqui quando minha amiga fosse casar, não compartilharíamos essa mesma loucura quando fosse sua vez de ir parar no altar, infelizmente.

— Ela irá te infernizar Helen — comentei casualmente, tentando disfarçar o desconforto da frase. — Mas fiquei de provar os bolos amanhã e também de preparar os convites para o envio. Não serão muitos, e duvido que assim em cima da hora tenha muita gente, mas é preciso certas formalidades. — Dou de ombros.

— E podemos ver o vestido juntas, na sexta.

— Perfeito — concluí. — Agora, queria alguma ajuda para subir. Preciso tomar um banho e dormir. Espero que entendam.

— Claro, Flor. — Helen disse, se aproximando para me dar um longo abraço. — Ágata ficará com você. Queria muito ter conseguido dispensa do trabalho, mas gastei todas as possibilidades de fuga, e agora estou presa àquele limbo.

— Não exagere, você ama aquele lugar.

— Eu amo, mas preferia estar ao seu lado. — Segurei suas mãos, sorrindo de forma confiante.

Minha amiga é muito firme e prática, raramente a vejo assim emotiva e dada a sentimentalismos. Sempre digo que Ágata é nosso equilíbrio desequilibrado, porque Helen e eu somos frias e realistas, enquanto Ágata é um poço de euforia e amor.

Busquei Ágata com o olhar e ela me estendeu a mão, ligando a outra mão a Helen.

— Vocês são fantásticas. Sou muito grata por tornarem tudo isso tão perfeito. Nunca esqueçam que amo vocês.

Sorrimos, em meio à lágrimas.

— Agora vá descansar. Chega desse chororô. — Helen interrompeu nosso momento nostalgia. O som de uma buzina soou lá fora. — Rui deve ter chegado. Vejo vocês amanhã à tarde, assim que sair do trabalho venho correndo ver o que escolheram para o bolo e os convites.

— Espero que ainda tenha casamento — brinquei morbidamente.

— Ai, Flor, você e essa mania de brincar sombriamente. — Ágata ralhou.

— Não seja tola, o Vicente te ama, e jamais deixaria de casar com você. Agora preciso ir. — Helen disse impaciente, se inclinou para deixar um beijo em minha bochecha e se despediu de Ágata. Acenando enquanto saía.

— Vamos lá queridinha — disse Ágata, em seu tom de perspicácia. — O dia amanhã será longo.

Gemi. Estava ansiosa, mas também impaciente para lidar com essa louca casamenteira.

Bem na verdade estava precisando descansar, mas na solidão do meu quarto eu teria que pensar em Vicente e na situação que acontecera mais cedo.

O que havia ocorrido para que ele ficasse naquele estado de devastação? Tudo que eu queria era ser nobre o suficiente, como essas heorinas literárias, para escantear minha dor e correr para auxiliá-lo na sua, mas não era forte o suficiente para isso.

E tinha medo que Vicente também não fosse tão forte quanto achou que seria diante dessa doença e, tentando me manter forte, se quebrasse.

É difícil, extremamente difícil lidar com uma dor que não é minha, mas foi causada unicamente por mim.



Antes mesmo de desperta, na manhã seguinte, eu senti o calpso matinal dos meus músculos. Apertei bem os olhos e mordi o lábio inferior com força. Dizem que uma dor é capaz de desviar o foco de outra, mas nessa situação não havia adiantado muito. Acabei grunhindo de dor, tentando mexer os músculos atônicos.

Um par de mãos pousou nas minhas pernas, massageando sutilmente. Abri os olhos assustada, sabendo, antes mesmos de fazê-lo, quem era o dono daquele toque.

Vicente não estava me olhando nos olhos, concentrado demais na massagem que fazia. O toque não ajudava, biologicamente falando, nos espasmos e fasciculações, mas o amor e dedicação que emanava dali eram muito mais revigorantes que qualquer antiespasmódico.

— Precisa do seu remédio? — Sua voz soou grave.

Ele ainda não me encarava. Parecia envergonhado por algo. Creio eu, pela sua explosão de ontem.

— Por favor — murmurei trincando os dentes.

Ele caminhou em direção ao banheiro, voltando de lá com algumas pílulas, que me entregou, junto a um copo d'água. Ingeri as pílulas, levando um momento de olhos fechados, para tentar dissipar meus pensamentos da dor.

As mãos dele continuavam seu trabalho maravilhoso por minhas pernas, enquanto o silêncio era quebrado apenas por minha respiração irregular.

— Me perdoe por ontem, Flor. — Abri os olhos diante das suas palavras.

A dor havia amenizado bastante, restando apenas uma fadiga muscular que me deixaria na cama pelas próximas horas.

Encontrei um par de olhos verdes e expressivos, carregados de uma clareza e arrependimento que encheram meu coração de uma placidez indizível. Sorri, incapaz de emitir o sentimento de outra forma.

Como fui capaz de pensar que conseguiria simplesmente me livrar de Vicente em algum momento? E como, por Deus, vivi tanto tempo sem colocar os olhos naquele homem?

Sua alma, essa que consigo enxergar sem dificuldade através dos seus olhos, é tão verdadeira, pura, cruamente singular. Me sinto afortunada por compartilhar meu coração com ele, com toda literalidade cabível a essa frase.

Segurei suas mãos, acariciando o dorso com meus polegares.

— O que aconteceu ontem?

— Eu... Eu fui ver um especialista e ele me disse tudo... — Um profundo suspiro lhe escapou antes de ele continuar. — O que aconteceria, como, com que rapidez. Mas no fundo não disse o que eu busquei ouvir quando fui lá. — Ele apertou os olhos, como se a lembrança das palavras o machucassem.

Agora entendia mais ainda seu estado de espírito. A verdade é chocante demais.

— A verdade doeu muito, não é? A ELA é pior do que aparenta inicialmente. — Vicente assentiu rigidamente, engolindo em seco.

— Fui até lá porque queria conhecer um modo... Qualquer coisa que conseguisse abrandar essa doença, ou ao menos retardá-la, mas...

— Não há — completei, pois as palavras pareciam se engasgar na garganta dele. — Eu lhe disse que não havia Vicente.

— Eu sou teimoso, eu sei.

— Mas eu o amo, ainda com esse terrível defeito — disse divertida.

Ele me encarou com surpresa. Meneou a cabeça e enfim se inclinou para beijar meus lábios suavemente.

— Você me perdoa? — Assenti, a testa colada a sua. — Às vezes acho que não mereço alguém como você.

Afasto-Me, lhe lançando um olhar estreito, sem entender sua frase.

— Estava sentindo dor há um instante atrás, e acabou de brincar com uma situação bem filha da mãe. — Eu ri, me recostando confortavelmente ao travesseiro.

— Se não levar tudo isso com leveza, irei passar o resto dos meus dias amargurada. — Dou de ombros. — E acho que fico mais bonita sorrindo.

Consegui arrancar um sorriso genuíno de Vicente.

— Você é linda de qualquer forma, mulher. — Seus lábios pousaram nos meus novamente. Um instante depois ele se afastou. — Vim, não apenas para te pedir desculpa por ontem, mas também dizer que tomei uma decisão.

— Hum. — Ergui a sobrancelha inquisidoramente.

— Faltam cinco dias para nosso casamento, e até lá ficarei morando no meu apartamento. Já conversei com Ágata, ela ficará aqui com você enquanto isso.

— Se resguardando para nossa lua de mel?

Ele riu meneando a cabeça.

— Nem imagina para onde quero levá-la.

— Posso sugerir? — Ele franziu o cenho, desconfiado, mas assentiu. — Me leve para uma cama, se meta entre minhas pernas e de lá me leve para o céu.

Vicente gargalhou, se inclinando sobre mim para roubar um beijo intenso.

— Você é terrível — concluiu.

— Eu sei.

— Mas, o motivo da minha decisão não é nada relacionado ao sexo. — Assenti. — Vou aproveitar esses dias para pensar, colocar todas as ideias em ordem e preparar para a vida de casado.

— Mas sem despedida de solteiro — Apontei um dedo em sua direção, ameaçadoramente.

Ele ergueu as mãos em rendição.

— Parem de transar, a fisioterapeuta chegou. — Ágata gritou do outro lado da porta.

Vicente me olhou com orgulho. Obviamente satisfeito por ver que eu aderira a essa parte do tratamento.

— Estou quase lá Ágata, já desço. — Vicente respondeu em um tom ofegante.

Ouvi o *oh* dela do outro lado. Tive que colocar a mão na boca para não gargalhar.

— Você é terrível.

— Eu sei — replicou, ele. — Venha, vou ajudá-la a se arrumar.



Capítulo Vinte e Dois

O Flor de Lis

domingo chegara com uma rapidez inexplicável. Acredito que o tempo tem sido muito pouco para muitas atribuições, o que tem trago seus prós e contras.

Ando muito mais cansada que de costume, mas não sei exatamente se a causa disso é a progressão da esclerose ou a correria. Seja como for, prefiro estar cansada, mas na ativa, do que estar definhando em uma cama, esperando a morte que virá, inevitavelmente.

Há também o fato de Vicente estar longe. Ele cumpriu sua parte em se manter distante nos dias que se seguiram... Bem, parcialmente, porque me ligava a cada meia hora. Sem falar na quantidade de vezes que importunava Ágata ou Helen para saber de mim. O energúmeno não confiava na minha palavra quando dizia estar bem.

E os prós, ah, esses eram maravilhosos. Jamais imaginei que me sobraria tempo de vida para curtir a preparação de um casamento, e que ainda por cima fosse meu casamento.

Casar para mim sempre pareceu algo tão improvável. Desde muito pequena pensei que jamais encontraria um amor forte o suficiente para me despertar a vontade de fazer juramentos diante de Deus. E isso só se acentuou quando descobri a doença.

Não haveria tempo para viver um amor tão profundo, não mesmo! Ledo engano. O destino nos prega dessas peças mesmo. Eis-me aqui agora, vislumbrando minha imagem refletida no espelho.

O vestido de noiva, branco, se colava ao meu corpo até a altura das minhas coxas, para então se derramar em uma calda de renda trabalhada. A mesma renda que cobria as mangas do vestido e formava uma gola alta no pescoço. Brincos de pérola, uma maquiagem leve e uma trança nos cabelos, pontuada por pequenas contas iguais aos botões que fechavam o vestido nas costas.

Estava linda. Radiante. Feliz. Como nunca me sentira antes. E, se pudesse fazer algum pedido para me sentir absolutamente completa, pediria meus pais ao meu lado, e também poder encontrar Vicente no altar, andando.

Infelizmente nenhuma das duas coisas seria possível. Bem, eu sentiria meus pais comigo todo tempo. Não seria a mesma coisa, mas me faria bem. Quanto a andar... Eu não conseguia mais.

A doença avançara de tal modo que não consigo mais permanecer de pé. Vicente ainda não sabe disso. Até o dia que saiu daqui eu conseguia caminhar. No entanto três dias foram suficientes para acabar com essa possibilidade.

O que só demonstrava o quão rápido a doença estava progredindo e o quão agressivamente.

— Tudo pronto para descermos, amiga. — A voz de Ágata, na sua euforia costumeira, me tirou do devaneio.

Ela entrou no quarto, trajando seu vestido longo, de um lilás lavanda, e se ajoelhou na minha frente.

— Você está linda. — Elogiei-a emocionada.

Ela sorriu, os olhos enchendo-se de lágrimas.

— Você... Você está à coisa mais linda desse mundo todo — murmurou com a voz embargada.

Gargalhei. Ela tinha propensão a ser hiperbólica quase sempre.

— Nem acredito que estou me casando... Ainda mais assim, uma moribunda — disse divertida, ganhando um olhar de advertência como resposta.

— Vamos lá. — Helen entrou no quarto, atrapalhada. Sequer notou minha interação emocionada com Ágata. — O Rui vai te carregar lá para baixo.

Rui pediu licença e entrou no quarto. Estava muito bonito com seu smoking e a gravata do mesmo tom de lilás do vestido de Helen. Nem preciso dizer que ela estava deslumbrante com o vestido igual o de Ágata, o black lateralizado em um penteado que só acentuou a beleza do seu rosto.

— O Vicente que me perdoe. — Rui brincou, se aproximando. — Com licença.

— Tem toda, garanhão — retruquei divertida, observando-o ficar vermelho enquanto todas caíam na risada.

— Está tentando me intimidar, Flor de Lis, mas não vai conseguir. E, a propósito, você está linda.

— Ih, Helen, acho que seu namorado pirou na ruivinha aqui — gritei, olhando sobre o ombro de Rui.

Minhas amigas me seguiam. Ágata segurando um buquê de lírios, da cor lilás, com exatamente trinta flores, que representavam a quantidade de semanas que se passaram desde que conheci Vicente.

A ideia extremamente romântica partiu de mim, pasmem. Ágata teve a ideia das flores, pois o *Lis* significa lírio em francês, seria uma representação linda, segundo ela. E eu decidi a quantidade, pois no dia em que escolhemos as flores fazia exatamente sete meses desde o dia em que vi Vicente naquele bar. Sim, eu contei.

E Helen carregava a cadeira de rodas. Que também estava devidamente ornamentada com lírios nos seus braços e um véu em seu encosto. Eu ri, meneando a cabeça enquanto prestava atenção nos detalhes. A ideia da cadeira foi de Helen.

Rui me acomodou no carro, tomando cuidado com meu vestido e voltou para ajudar Helen com a cadeira. Todos acomodados, partimos para o Parque Vicentina Aranha. Nem poderia acreditar que meu casamento seria feito ali, no mesmo lugar onde enterrei, por meio de uma carta, tantos sentimentos não ditos.

— E o Vicente? — indaguei interrompendo a conversa animada de todos.

Sentia um frio na barriga que estava me enervando. As mãos trêmulas e a respiração dificultosa também faziam parte do nervosismo, mas a esclerose contribuía bastante.

— A mãe está com ele. — Helen respondeu. — Não se preocupe.

— Deu tudo certo, não é? Quero dizer, o casamento está perfeito?

— Eu cuidei de tudo pessoalmente. — Ágata retrucou meio ofendida. — Não poderia sair algo que não fosse perfeito.

Acabei rindo, entrando em uma conversa sobre os tons de lavanda da festa, e a recepção breve... Assunto que me distraiu de tal forma, que nem notei o momento em que Rui estacionou em frente ao parque.

Respirei fundo, aceitando sua ajuda até a cadeira de rodas. Olhei ao redor, avistando ao longe as duas tendas enormes, uma disposta bem abaixo da árvore onde aconteceria a realização da cerimônia, e outra mais a frente, onde aconteceria a breve recepção.

— Vamos casar à amiga — Ágata gritou empolgada, se prostrando atrás da cadeira para me guiar.

Vou à frente avisar que estamos chegando. Assenti, observando Rui caminhar a passos largos. Ele voltou quando estávamos no meio do caminho, acompanhado pelo prefeito Nunes, que era o padrinho do casamento, ao lado de Ágata.

— Boa tarde Flor de Lis — cumprimentou-me, capturando minha mão para deixar um beijo ali. — Você está linda. Acredito que o Vicente vai conseguir cumprir o propósito do dia.

— Qual?

— Arrancar a gravata com um único puxão. O pobre homem está inquieto. — Eu ri, imaginando a cena com perfeição.

— Então vamos antes que ele se decapite com uma gravata.

Ficamos todos em frente a um tapete branco, que se estendia até o altar improvisado.

Os padrinhos estavam à minha frente, por isso não podia enxergar muito. Apenas o arco de flores lilases que indicava o caminho até o altar, as pétalas de Jacinto, Lírios, Lisiantos, Íris e Rosas lilases, que recobriam o tapete.

Havia apenas quatro fileiras de cadeiras de cada lado. Não convidamos mais que vinte pessoas. E apesar de ainda não poder vê-las com perfeição, sei que estão adornadas com lírios e tecidos do mesmo tom da flor, assim como o altar.

A banda de baile começou a tocar a música que indicava a entrada de todos — *Bem que se quis, Marisa Monte*. — Os padrinhos caminharam para o altar, e assim que estavam quase lá, alguém liberou Cassey da coleira e ele caminhou apressado até o altar, carregando entre os dentes uma cestinha com as alianças. Estava vestido de smoking.

Eu ri, em meio às lágrimas. Pensei que nada poderia ser mais perfeito que aquilo, mas então coloquei a cadeira em movimento e finalmente o vi, Vicente significava naquele instante a totalidade da palavra amor em minha vida.

Nossos olhos não se desviaram por um átimo de segundo durante todo o percurso, gritando tantas coisas silenciosamente, emanando tantos sentimentos inexplicáveis.

Ele trajava um smoking negro, com uma flor de Lírio se destacando no bolso. Os cabelos penteados com perfeição pra trás, ajudando a evidenciar as maçãs altas do rosto, a boca carnuda e os olhos do tom de verde mais indescritível que já vi.

Ele se aproximou de mim, inclinando-se para deixar um beijo casto em minha testa antes de se acomodar ao meu lado, a mão unida a minha. O juiz de paz nos encara com um amplo sorriso no rosto.

Suspiro, enxugando as lágrimas e colocando um sorriso no rosto ao observar as pessoas que ladeavam o altar: a mãe de Vicente, com que não tive muito tempo, mas nutro um grande afeto, minhas amigas lindas e loucas, Rui, de quem não sei muito, mas que trago em meu coração, Hugo, amigo de Vicente que pouco conheci, e Nunes, de quem ouvi falar muito nos últimos dias. Ele possibilitou a saída de Vicente da prefeitura sem maiores problemas, disponibilizou o parque para a cerimônia, e foi extremamente cordial e atencioso comigo e Vicente sempre que precisamos contatá-lo.

O Juiz iniciou seu sermão, falando da importância do casamento para duas pessoas que se amam, não apenas perante a lei dos homens, não apenas pela garantia do direito por ele dispostos, mas também e, sobretudo, pela união que ele representava... Emprestar, dividir seu nome com outra pessoa, doar parte de si, uni-la a quem se ama...

— Sendo assim, mediante o direito que me é concedido, eu vos pergunto: É de livre e espontânea vontade que se unem em matrimônio?

— Sim. — Vicente e eu respondemos em uníssono.

— Com a declaração que acabais de afirmar perante mim, e por receber-se em matrimônio, eu, em nome da Lei, vos declaro casados. — Sentenciou o juiz.

Palmas soaram enquanto Vicente e eu tocávamos as alianças. Ao final ele se inclinou para me dar mais um beijo.

— Você está linda — murmurou, os lábios encostados aos meus.

— Eu amo você — repliquei sorridente.

O padre tomou seu lugar no altar, começando seu sermão. Também deixou clara a importância do casamento, dessa vez perante aos olhos de Deus, elucidando que mesmo que aquela não fosse a cerimônia religiosa em si, Deus abençoaria a união da mesma forma, pois se procuramos sua benção é porque por meio dela queríamos permanecer unidos.

Ouvi tudo com atenção e emoção, indignada por estar sendo uma chorona logo no dia de hoje. Vicente parecia sério demais, notei ao fitá-lo com mais atenção, mas trataríamos disso mais a frente.

— Já sei então da vontade de permanecerem unidos perante a lei dos homens e a de Deus, e os abenço de todo coração, com a certeza de que o amor de vocês resplenderá ao mundo. Gostaria de ver o amor que enxergo em seus olhos em todos os casais dos quais já fui celebrante. — O padre se aproximou, molhando nossas alianças com água benta. Em seguida uniu nossas mãos e colocou a sua sobre as nossas. — Por isso finalizo minha benção com um versículo bíblico que escolhi especialmente para vocês: “Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço; porque o amor é tão forte como a morte... Mesmo muitas águas não são capazes de extinguir o amor, nem podem os próprios rios levá-lo de enxurrada”. Sejam felizes em nome do pai, do filho e do espírito santo, amém.

— Amém! — disse.

Vicente me beijou mais uma vez, sob o som de aplausos ainda mais efusivos dos nossos espectadores.

Quando nos separamos havia uma pequena fila de pessoas para nos cumprimentar. Em seguida partimos para as assinaturas nos livros de registro e por fim seguimos os convidados para a tenda mais a frente, onde havia um *brunch* sendo servido.

Tudo ali dispunha da mesma delicadeza e perfeição de decoração. As cadeiras e mesas recobertas no tom de lilás, com jarros de Lírios em cima das mesas. Mais a frente havia uma pequena mesa de frios e salgados, onde os garçons serviam os convidados, e na lateral esquerda da tenda estava o bolo de três andares. Com destaque extra para os noivinhos e o arco de rosas igual ao da entrada do casamento.

A banda estava em um palco improvisado mais a frente. A sombra de uma frondosa árvore os protegia do sol ameno daquela tarde.

Fotos e mais fotos foram tiradas, diversos cumprimentos foram trocados, o buquê foi jogado, — Ágata o pegou. — e a valsa foi dançada. Da maneira que consegui, já que a cadeira não permitia algo extravagante.

— Parabéns pelo casamento. — Uma voz soou as minhas costas. A mulher se prostrou

a minha frente, me fazendo franzir o cenho ao detectar sua presença.

O que ela fazia aqui?

— Muito obrigada Maitê. — Sorri simpaticamente.

Não que eu precisasse ou quisesse ser simpática com ela, mas o fato é que estava feliz demais para me deixar atingir por tão pouco.

— O Vicente parece muito feliz. — Ela apontou-o mais à frente, com um meneio. Ele estava entretido em uma conversa com Rui.

— Nos amamos muito. — Foi a resposta que lhe dei.

— Pena que não conseguirão aproveitar muito, não é? — Soltou em um tom de escárnio.

Senti a bile subir a garganta. Como essa mulher tem coragem de vir até aqui destilar veneno em um dia tão maravilhoso?

— Mas viverão o suficiente. Coisa que deveria estar fazendo, Maitê. — Dária surgiu, interrompendo os impropérios que estava pronta para falar para a loira mal amada. — Prefere sair agora ou quer que eu sinalize para os seguranças.

— Estou de saída. — Contrapôs altiva, dando as costas e saindo dali rebolando.

— Em outro momento da minha vida teria esfregado essa cara arrogante nesse gramado — disse irada. Dária riu, agachando-se em minha frente.

— Eu sei querida. Mas esqueça dessa cobra peçonhenta. Perdeu meu Vicentinho e jamais vai se conformar.

Um instante de silêncio recaiu sobre nós, enquanto nos olhávamos intensamente.

— A senhora sabe de tudo, não é?

— Eu sei sim. Mas não faz assim tanta diferença. — Encolheu os ombros num gesto de desdém. — Você continua a ser a florzinha querida que conheci durante o fim de semana. Podemos não ter tido tempo de conviver. E nem ficarei aqui agora para atrapalhar a vida dos recém-casados, mas o que vejo nos seus olhos e nos do meu filho é suficiente para me deixar tranquila, e rezar por esse amor. Deus os uniu com um propósito, querida.

— Eu sei — afirmei com um assentir firme. — E sinto muito por não ter tempo de conhecê-la melhor, de lhe dar netos e...

— Seja feliz e não se prenda a nada disso, por favor — interrompeu-me, finalizando a conversa com um abraço forte.

— Atrapalho? — Vicente se aproximou, junto de Rui, Ágata e Helen.

Estendi a mão em sua direção e ele pegou-a.

— Você nunca atrapalha.

— Meu bebê, casado. — Dária disse orgulhosa, se pondo na ponta dos pés para beijar o filho.

Um coro de riso nos cercou.

— Mãe! — repreendeu-a.

— Acho que está na hora de irmos — disse ansiosa. Ele assentiu. — O Vicente ainda não me contou para onde estamos viajando.

— Para o céu, ainda essa noite!

— Moleque sem-vergonha — ralhou Dária, fazendo-nos rir novamente.

Despedimo-nos de todos, insistindo para que continuassem a aproveitar a festa, e finalmente partimos. Foi difícil dar adeus, mesmo que temporário, as minhas amigas, mas principalmente a Dária, pois não saberia quando ou se a veria novamente.

Como não queria guiar meus pensamentos para esse lado, voltei-me a realidade que agora me cercava. Casada! Estava casada!

Vicente tagarelava enquanto nos guiava de volta para minha casa. Passaríamos a noite de núpcias ali mesmo, e no dia seguinte seguiríamos viagem.

O médico não achou uma boa ideia a viagem, mas não se opôs também. Ele sabia que era minha chance de aproveitar da melhor forma meus últimos momentos.

Ele estacionou o carro na sua vaga em minha garagem e pediu um momento para abrir a porta, me tomou nos braços e me guiou para dentro de casa. Estranhei o fato de não ter Cassey pulando a nossa volta, e senti uma saudade instantânea do meu bichinho, que ficara com Helen e Ágata, até retornarmos de viagem.

— Seu quarto aqui embaixo está prontinho, sabia? — murmurou, caminhando para lá. — E o deixaram bem especial para nosso dia.

— Poderíamos transar aqui mesmo na sala, que ainda seria o lugar mais especial do mundo. — Ele riu, meneando a cabeça.

— Essa sua praticidade mata meu romantismo.

Balancei os ombros, rindo da situação.

O quarto estava na semipenumbra, por isso pouco consegui ver da decoração, mas as velas, dispostas estrategicamente, permitiam ver a cama imensa, coberta por pétalas de rosas lilás.

Vicente me colocou sobre a cama, inclinando-se sobre meu corpo no mesmo momento. Seus lábios pousaram sobre os meus intensos e exigentes, mas carregados de uma veneração que tornava até a urgência delicada.



Capítulo Vinte e Três

M Flor de Lis

eu corpo foi erguido sutilmente, apenas o suficiente para que Vicente alcançasse os botões do meu vestido, desfazendo-os sem pressa, enquanto sua boca varria de uma forma enlouquecedora meu pescoço.

Meu vestido é tirado pelas pernas, exibindo minha lingerie de renda branca. Solto uma risadinha ao ver a expressão que Vicente faz ao passear os olhos por meu corpo.

Sem desviar os olhos dos meus, ele livra-se da própria roupa, com uma lentidão quase enervante. O observo em cada detalhe perfeito, desde o rosto que me mantém cativa ao corpo másculo e perfeitamente esculpido.

— Eu poderia olhar para você a noite toda — sussurra ele, com a voz grave.

Ergo o olhar de volta para seu rosto, encontrando olhos dilatados de desejo.

— Mas não fará apenas isso, não é? — Provoco.

Ele sorri, meneando a cabeça enquanto livra-se da última peça de roupa que cobre seu corpo, a cueca. Minha pele se arrepia quando suas mãos passeiam por meu ventre subindo até meu sutiã, que ele desabotoa sem dificuldade. Um instante depois suas mãos estavam sobre meus seios, apertando-os com uma precisão enlouquecedora. E quando sua boca ocupou o lugar das mãos, um grito de prazer reverberou pelo quarto.

Minhas mãos prenderam-se em seus cabelos, e continuaram exatamente ali quando ele desceu com sua boca ávida para o meio das minhas pernas. Não foi preciso muito para que ele me tivesse gemendo e me contorcendo em espasmos embaixo dele.

Satisfeito por me levar ao máximo, e tão rapidamente, ele voltou a deitar seu corpo sobre o meu, sustentando o peso nos braços para não me deixar desconfortável.

Deleitada, abro um sorriso preguiçoso, que logo é interrompido pela boca de Vicente, que cobre a minha em um beijo intenso.

Sua ereção massageia deliciosamente meu sexo, e quero implorar para que ele me

penetre de uma vez. Senti-lo dentro de mim parece vital nesse instante.

Gostaria de ainda ter comando sobre minhas pernas, nesse momento as envolveria em volta da cintura dele e aproveitaria ainda mais a fricção deliciosa.

Vicente afastou sua boca da minha, segurou meu queixo com firmeza e ergueu-o para ter acesso ao meu pescoço. Enquanto sugava-o com uma avidez enlouquecedora, segurou minhas pernas, uma a uma, e as envolveu em sua cintura.

Gemi, arqueando meu corpo em um arco perfeito quando ele deslizou para dentro de mim. O som gutural que lhe escapou me deixou ainda mais excitada.

— Sou louco por você, porra! — grunhiu, me penetrando em um ritmo perfeito.

— Vicente — sussurrei sôfrega.

Minhas unhas enterrando-se em suas costas largas, minha boca aberta em busca de ar.

Sentia o prazer tomar conta de cada célula do meu corpo, com um turbilhão de sensações e sentimentos.

Ele se ajoelhou na cama, afastando-se minimamente do contato mais próximo. Em um movimento fluido ergueu meu quadril, aprofundando a penetração, e reiniciou as estocadas, dessa vez ainda mais firmes e precisas.

Gritei, agarrada aos lençóis da cama. O prazer arqueando meu corpo em espasmos e ofegos, enquanto eu me contorcia e me desfazia em um orgasmo.

Abri os olhos a tempo de vê-lo tencionar os músculos e jogar a cabeça para trás, deixando um grito escapas do fundo da sua garganta quando chegou ao seu ápice.

Vicente derrubou-se ao meu lado na cama, me puxando para seu peito suado. Beije-o ali, recebendo um beijo e uma tapa na bunda como resposta.

— Você acabou de me bater? — inquiri divertida. — Já posso enquadrá-lo na lei Maria da Penha, sabe disso, não é?

Ele riu, meneando a cabeça.

— Você bem que gosta de umas tapas na hora certa. — Estreitei os olhos, fingindo desaprovar seu comentário.

— Sem-vergonha — ralhei, cutucando suas costelas com o cotovelo. Ele reclamou, me puxando para um abraço apertado. — Nosso voo... — Um bocejo me impediu de concluir a frase.

— Nosso voo sai ao meio dia de amanhã. Então acho bom à senhorita ir dormir, pois a viagem é longa.

— Não vai mesmo me dizer para onde vamos?

— Podemos negociar no caminho. Pense em propostas.

— Minhas calcinhas servem?

— Algo mais substancial, por favor — retrucou muito sério, como se estivesse em meio a uma negociação calculada.

— Vou pensar então.

— Boa noite minha esposa. — Posso ouvir o sorriso em sua voz sem nem mesmo fitá-lo.

— Boa noite marido.



A manhã seguinte foi marcada por um frenesi. Me acordei com o barulho de Ágata e Helen perambulando pelo quarto, enfiando os últimos itens na mala.

Havia uma bandeja de café da manhã ao meu lado, uma rosa e um bilhete sucinto, escrito apenas “Eu te amo”. Vicente não estava por ali.

Ignorei minhas amigas frenéticas e tomei meu café. Após uns bons minutos elas finalmente perceberam que eu estava acordada.

— Bom dia recém-casada. — Ágata cumprimentou em seu tom alegre, jogando-se ao meu lado na cama. — Agilize esse café ou irão perder o voo.

— Onde está Vicente?

— Colocando as coisas no carro e se certificando de ter pego todos os documentos.

— Pode levar essa Vicente. — Helen gritou da porta do quarto.

Vicente apareceu um instante depois, absolutamente lindo vestido em seu jeans casual e camisa polo.

Ele passou reto pelas meninas e veio em minha direção, me dando um beijo forte na boca.

— Bom dia.

— Bom dia Cordeirinho.

— Vou levar a última mala e falar com mamãe ao telefone, em seguida temos que ir, certo? — Assenti.

— Para onde vamos?

— Não vai me pegar com esse seu tom casual, melindrosa. — Revirei os olhos, irritada por não conseguir efeito.

As meninas me ajudaram com o banho e a roupa, e em poucos minutos estava pronta.

Vicente me levou até o carro nos braços, aproveitando o momento para roubar beijos e ser bem ousado com as mãos.

Após uma despedida chorosa e mil recomendações, seguimos rumo ao Aeroporto Internacional de Guarulhos, segundo Vicente me informou.

Isso foi tudo que ele disse sobre a viagem. Não me disse nada sobre o ponto final, mesmo depois de inúmeras tentativas de persuadi-lo, de todas as maneiras imagináveis.

Em certo ponto da viagem desisti de descobrir. A surpresa seria interessante afinal. Nunca viajei assim sem saber o destino exato. Acabamos falando do casamento, dos convidados, de Dária e de Cassey.

Estava devidamente relaxada quando chegamos ao aeroporto e seguimos para fazer o *check-in*.

— É hora da revelação — disse travesso. Eu ri.

— Preciso do passaporte dos senhores. — A atendente disse em um tom cordial. Vicente lhe entregou os documentos.

— Passaporte?

Não achei que viajaríamos para fora. Dada a minha atual situação de saúde.

— Vamos para Bariloche. Afinal onde encontraríamos neve para fazer os tais “anjos de neve”, aqui no Brasil?

Eu ri, incrédula pela escolha. Iriamos até a Argentina para realizar meu desejo bobo de fazer anjos de neve?

— Vamos a nossa primeira viagem internacional — murmurou, abaixando-se para me dar um beijo.

Em seguida se prostrou as minhas costas, guiando a cadeira, enquanto conversávamos animadamente sobre o que a viagem nos traria. Não fiquei imune aos olhares que recebemos. Alguns de piedade, outros de choque, alguns até maldosos. Ignorei todos e cada um, sem permitir que me afetassem.

Eu estava feliz, e essa felicidade me blindava de tudo.



A viagem foi muito tranquila. Ainda me deixava meio claustrofóbica essa coisa de viajar de avião. Sempre fui meio medrosa e antiquada com relação a isso. Gosto mesmo é de viajar sentindo o vento no rosto, visualizando cada ponto da estrada, dona dos meus caminhos. Viajar pelo céu lhe impedia dessas maravilhas, no entanto lhe rendia muito mais agilidade.

Por isso procurei não ser impaciente nas seis horas que se seguiram. Boa parte passei

dormindo, ainda cansada pelo dia anterior, que fora agitado.

Notei que esse cansaço vem me tomando com mais frequência, e poderia até classificá-lo mais com uma letargia e fadiga. De qualquer forma a Flor hiperativa e aventureira tem se afastado cada vez mais de mim.

Vicente massageou meus músculos mais de três vezes durante a viagem, apesar do meu relato de não estar sentindo nada. Pelo sorriso sacana no seu rosto percebi que ele estava se aproveitando do momento para me tocar. Não reclamei.

Na verdade, caso estivesse em condições físicas favoráveis iria agora mesmo arrastá-lo até o banheiro para transarmos loucamente.

Entre uma massagem, um conversa boba e um programa na TV, acabei pegando no sono novamente. Sendo acordada por um beijo gentil em meu pescoço.

Me remexi, abrindo os olhos. Deparei-me com uma aeromoça bonita e simpática, segurando uma cadeira de rodas.

— Vamos dorminhoca?

— Já chegamos? — indaguei incrédula.

— Bem-vinda ao Aeroporto Internacional de Teniente Luis Candelaria. — Sorri, achando a sua tentativa de sotaque bem esdrúxula.

Ele me auxiliou a sentar na cadeira, agradecendo a aeromoça e seguindo comigo para fora.

O vento frio bateu em meu rosto e instintivamente me abracei, assim que a cadeira foi colocada na rampa elevatória que possibilitava a minha descida da aeronave.

— Que frio! — resmunguei, sentindo o braço de Vicente pousar em mim.

— Logo estaremos dentro do carro que aluguei. Não se preocupe.

Seguimos até o portão de desembarque, e assim que o alcançamos Vicente pediu para que eu aguardasse ali. É óbvio que não seria capaz de fugir, mesmo que eu quisesse.

Um instante depois ele voltou com as chaves de um carro e nossas malas.

— Vamos ao nosso destino final, *muchacha hermosa* — disse brincalhão, nos guiando rumo ao estacionamento.

— Você definitivamente não fala espanhol, Vicente. — Ele me lançou um olhar de esguelha.

— Eu arranho muito bem. E teremos de nos virar com ele enquanto estivermos aqui.

— Pois estamos ferrados.

— Não seja implicante, mulher.

Já acomodados no carro, seguimos para o hotel que, segundo Vicente, ficava a menos

de vinte minutos dali.

A tarde estava em suas horas finais, o que garantia aos olhos um espetáculo singular. A neve branquinha e gélida, quase conseguia refletir a luz amena do sol, que estava prestes a se esconder no horizonte.

Abri a janela por um instante, inspirando o ar gélido e revigorante. Senti os olhos de Vicente em mim, mas não virei para encará-lo, estava encantada demais com a vista que me cercava. Pinheiros, neve, um céu azul e uma estrada deserta.

— A vista é muito linda, não é? — A voz de Vicente quebrou o silêncio.

— Absolutamente perfeita — concordei. — Obrigada por isso.

Sua mão pousou em minha perna, em um aperto firme.

— Não por isso.

Enquanto olhava aquela imensidão ao meu redor me pus a pensar no quanto perdi. Essa é minha primeira e, provavelmente, única viagem internacional, e essa constatação me faz ver quanto tempo eu perdi. Eu poderia ter feito outras viagens, conhecido mais lugares, culturas, pessoas, mas estava preocupada demais em trabalhar em todo meu tempo livre. É uma pena que só nos damos conta de coisas assim quando já é tarde.

— O hotel é aquele? — Apontei para frente, onde uma imponente construção de madeira rústica e pedras se sobressaía na paisagem.

— Mais bonito pessoalmente que nas fotos — concluiu tão encantado quanto eu.

Ficamos ainda mais maravilhados com o interior do Hotel Lirollay, que contava com uma decoração capaz de ser descrita apenas como rústica/luxuosa, assim como seu design exterior.

Fomos conduzidos ao quarto. Que, preciso afirmar, é ainda mais belo que todo o resto, dessa vez não apenas pelos móveis ou decoração, mas principalmente pela vista maravilhosa, que dava para um lago esplêndido.

— Estamos dentro do Parque Nacional Nahuel Huapi, e aquele é o lago que tem esse mesmo nome.

— É incrível — anuí em um tom de encantamento.

Vicente assentiu.

— Me diga o que quer fazer hoje? Por que programação de esqui e neve só se inicia amanhã.

— Podemos passear pelo centro, depois ver o lago de perto. O que acha?

— Tudo certo.

— Preciso de um banho e roupas mais quentes, e você também.

— Tem razão. Que tal tomarmos banho juntinhos?

— Hummm — gemi, mordendo o lábio inferior. — Eu gosto da ideia.

Vicente havia pensado em tudo, até cadeira apropriada para meu banho havia no quarto.

Confesso que fiquei receosa em tomar banho com ele naquela condição. Mas ele agiu com tanta naturalidade, me ajudou com a roupa entre uma conversa amena e outra, me beijou sempre que podia... E foi tudo tão natural, como se aquela fosse nossa situação corriqueira.

Não fiquei imune a sua figura gloriosamente nua à minha frente, mas o momento teve uma entonação tão diferente, algo além do erótico, que até isso ficou em segundo plano.

Assim como fez antes, Vicente me ajudou com as roupas apenas quando pedi que ajudasse. Praticamente tive que me enrolar em um lençol para aguentar o frio, mas não havia nada que conseguisse diminuir meu sorriso.

Seguimos para o centro de Bariloche. Havia diversas lojinhas, em um estilo mais rústico, que destoavam completamente do modelo mais metropolitano que sempre fui acostumada a ver.

As que se destacavam ali eram as lojas de chocolate, uma quase ao lado da outra, exibindo moldes incríveis e torres de chocolate de dar água na boca. Vicente e eu entramos em quase todas, e saímos de lá abarrotados de chocolate.

Seguimos para a Rua Mitre, onde ficava o Museu da Patagônia e a Catedral de San Carlos de Bariloche. Claro que fui capturada pela beleza hipnotizante dos vitrais coloridas da Catedral e entrei para deixar ali uma oração de agradecimento.

Estava vivendo os melhores dias da minha vida, e Deus havia me permitido isso antes da morte. Eu tinha, definitivamente, muito mais motivos para agradecer do que para reclamar.

Vicente não entrou comigo, ficou na calçada, as mãos nos bolsos e os olhos voltados para o interior da igreja. Ele sempre agia de forma estranha com relação a coisas que envolvessem a religião. Não o entendia, pois nunca disse ser ateu. Pelo contrário, Dária me contou que ele sempre foi bastante atuante em sua religião. Mas agora agia assim, fugindo.

Em outro momento falaríamos sobre isso.

Saí da igreja, sentindo os braços latejarem pelo esforço de ter guiado a cadeira pelo corredor da catedral.

Encontrei Vicente conversando com um homem mais à frente. O homem tinha um estilo meio hippie e parecia tentar convencer Vicente de algo.

Me aproximei, tentando entender o diálogo, dito em um *portunhol* terrível, por parte de Vicente.

— O que há? — Ele se voltou em minha direção, esquecendo o homem.

— Meu novo amigo aqui faz tatuagens, estava tentando me convencer de tatuar um

lobo. — Eu ri, imaginando Vicente com uma tatuagem dessas.

— Combina muito com você. Deveria fazer no braço. — Ele estreitou os olhos. — Engraçadinha.

Uma ideia me surgiu instantaneamente na cabeça.

— Diga a ele que faremos uma tatuagem. — Cutuquei Vicente, ganhando um olhar de choque como resposta.

— Está louca? Podemos pegar uma doença... Nem sabemos se esse cara usa material estéril e....

— Não torra minha paciência Vicente. — arrulhei, revirando os olhos. — Uma loucura boba. De qualquer forma estou morrendo e nada acontecerá com você.

— Não gosto quando fala assim.

— É a verdade! — Ignorei Vicente, voltando-me para o tatuador.

Tentei travar uma conversa com ele, e conseguimos nos entender.

— Um ponto e vírgula! — disse a Vicente, animada com o desenho que o tatuador mostrara. — Faremos essa tatuagem.

Ele sorriu, olhando o papel. Era um desenho simples e pequeno, mas que tinha um significado enorme.

— Somos dois loucos mesmo. — Eu ri, assentindo.

— Você me trouxe a Bariloche apenas para fazer anjos de neve, nem pode me acusar. E já que é pra realizar meus desejos...

— Não era você que achava isso clichê?

— Que se dane. — Desdenhei. — Vou primeiro.

Seguimos o tatuador, que agora descobri se chamar Jimeno, para uma tenda localizada embaixo de uma árvore, em um canto remoto da praça.

O lugar era muito mais organizado do que imaginei. E preferi ir primeiro para ver se não havia perigo para Vicente. O que constatei assim que terminei a tatuagem em meu pulso.

Jimeno era muito competente e usava materiais descartáveis.

— Pode ao menos me dizer o que significa esse negócio? — indagou, fazendo careta antes mesmo de sentir a agulha na pele.

— O ponto e vírgula indica uma pausa numa frase, ou em uma história, mas não o fim. O significado é que mesmo que pareça que você parou, você ainda está lá, seguindo. É assim que quero que pense sempre que olhar para a tatuagem, quando não estiver mais ao seu lado. — Pigarrei para firmar a voz trêmula. — Nossa história terá um ponto final, mas continuará existindo em seu coração e lembranças... E você vai ficar aqui, vivo. Continue vivendo por nós

dois.

Vi seus olhos encherem-se de lágrimas, mas ele foi forte em mantê-las no lugar. Assentiu uma vez em entendimento, e então desviou os olhos para Jimeno.

Trinta minutos depois estávamos voltando para o hotel, tatuados, abarrotados de chocolates e rindo da tentativa frustrada de chegar perto do lago congelante.

A visão dali era absolutamente maravilhosa, mas Vicente insistiu em se aventurar e molhar os pés, enquanto eu o observava. Ele quase não conseguiu mais dirigir de volta, tamanho estado de congelamento que seu pé adquiriu após a aventura.



Capítulo Vinte e Quatro

R Flor de Lis

onronei enquanto me espreguiçava, tentando não dar importância a letargia e peso em meus braços. Eles quase não conseguiam mais me obedecer, e isso, logo pela manhã, soa como um alerta tão desesperador em meu cérebro, que se paro para pensar nem mesmo me dou a oportunidade de levantar da cama.

Olhei para o lado, observando Vicente dormir. A tez serena, a boca entreaberta. A paz que emana dele parece me contagiar a cada segundo, e sempre me pego sorrindo ao pensar no quão perfeito pode ser o amor.

Essa troca de energia, de confidências não ditas, de sentimentos... O amor é, sem dúvida, o sentimento mais sublime que alguém pode experimentar. E eu que sempre pensei que isso tudo era uma bobagem, que troca entre um homem e uma mulher se resumisse a desejo e talvez querer bem, mas nunca algo tão forte.

É louco imaginar que até alguns meses atrás eu nem conhecia esse homem que está deitado ao meu lado, que poderia nem mesmo tê-lo conhecido, caso não fosse aquela boate naquele exato dia.

A vida da gente é engraçada e o destino é um filho da mãe certo. O homem desconhecido da balada, o qual decidi que queria *pegar* naquela noite, hoje é o centro do meu mundo, o dono de cada batida do meu coração.

— Admirando? — Sua voz rouca me tirou do devaneio.

— Estava pensando.

Um gritinho de surpresa me escapou quando Vicente praticamente pulou em cima de mim, me roubando um beijo. Quis tocar seus cabelos, quis muito, mas não consegui.

— Pesando em mim?

— Na vida — retruquei sorrindo.

— Então definitivamente estava pensando em mim!

Com um último beijo, ele se levantou me dando uma visão bem privilegiada do seu traseiro glorioso.

— Só me atíça porque sabe que não posso correr atrás de você e agarrar essa bunda maravilhosa — murmurei.

Ele cessou a caminhada rumo ao banheiro, voltando-se em minha direção.

— Mas eu posso pegar na sua, então tudo certo. — Eu ri, meneando a cabeça. — Vamos para *Piedras Blancas* hoje, depois pensei em conhecermos o teleférico em Cerro Otto, e por último irmos a um restaurante na Rua Mitre. O que acha? — gritou do banheiro.

— Acho que você está me saindo um belo guia de Bariloche. — Ouvi sua risada abafada como resposta. — Acho tudo maravilhoso... Nem quero mais voltar para casa.

Meus olhos rumaram para a janela aberta, de onde se via o céu acinzentado lá fora, o sol tentando se sobressair na cor cinza, as árvores mais verdes do que nunca, cobertas por uma fina camada de neve, e o lago *Nahuel Huapi*, refletindo os poucos raios de sol.

A lareira estava ligada, aquecendo o quarto de uma forma bem confortável. Forcei meus braços a se apoiarem no colchão, e após muita força consegui me erguer, sentando na cama. Estava até ofegante ao terminar a tarefa simples.

Vicente reapareceu em meu campo de visão, de banho tomado, enrolado apenas com uma toalha na cintura. O peito, levemente trabalhado em músculos, marcado por gotículas de água. Senti vontade de passar a língua e sugar a água dali.

— Sei bem o que pensou, e só não vou aí agora mesmo, porque precisamos ir a *Piedras Blancas* cedo, ou esfriará ainda mais.

— Tudo bem. — Ergui os braços em rendição. — Não está mais aqui quem te secou.

Ele riu, meneando a cabeça.

— Vamos tomar banho e se aprontar, senhora minha esposa?

— Claro, senhor meu marido.

Vicente me auxiliou com a cadeira, com a retirada das roupas e com o banho. Pensei que quando chegasse a esse ponto da doença eu ficaria constrangida, não iria querer sua ajuda, ou ficaria cheia de medo com relação a sua perda de desejo por estar me vendo assim tão vulnerável. No entanto, isso não aconteceu.

Eu gosto que ele cuide de mim, me faz sentir amada ao extremo. E Vicente tem esse poder de olhar tudo com naturalidade, de não me lançar um olhar de piedade. Nós brincamos durante o banho, rimos da sua falta de jeito em me vestir... É tudo tão nosso. Algo tão singular, que consigo me sentir sortuda por estar vivendo isso.

Não é como se eu preferisse ter essa doença a não tê-la, mas consigo enxergar que essa sentença me trouxe a possibilidade de conhecer um tipo de amor tão sublime. Me fez vivenciar coisas tão etéreas, que não seria capaz de viver caso não estivesse doente. Por isso Vicente e eu

somos um casal singular, e me sinto feliz que tudo tenha acontecido como aconteceu.

Olhei para o espelho a minha frente, sorrindo ao analisar a figura do loiro bonito atrás de mim, penteando meus cachos com uma delicadeza que não era de sua personalidade, evidentemente.

— O que? — indagou rindo.

— Gosto que mexa em meus cabelos — respondi sem desvanecer o sorriso. — Pode pegar o batom pra mim? — Ele assentiu, pegando a bolsa de maquiagem na mala.

— Quer que eu passe?

— Quero que tire ele — disse provocativa, ganhando como resposta um beijo forte.

Consegui passar o batom, com algum custo, e logo estávamos a caminho do café da manhã.

Vicente perguntou se preferia tomar o café no quarto, mas neguei. Segundo ele mesmo me contou, o café era servido no salão sul, que dava de frente para o lago. Não iria perder a visão maravilhosa por receio de receber olhares de pena das pessoas.

Todas, ou a grande maioria, deveria pensar: “Tão jovem, tão bonita, e nesse estado, coitadinha”. Se me dessem chance de réplica diria: “Tão jovem, tão bonita, e tão feliz”.

Após o café, que seguiu sem maiores problemas, seguimos para *Piedras Blancas*. O som do carro estava sintonizado em uma rádio local, que tocava um bolero maravilhoso. A música se misturava ao som da voz animada de Vicente, minhas risadas e a voz robótica do GPS.

Pouco mais de vinte minutos depois, estávamos estacionando em uma área específica para isso. Um homem se aproximou, trazendo uma cadeira de rodas estranha junto.

— O carro só vai até aqui, e a pista de *esquibunda* é mais a frente, por isso pedi a cadeira específica. — Vicente explicou, antes mesmo que eu exteriorizasse a pergunta.

Ele pensou em absolutamente tudo.

Ele e o home trocaram algumas palavras naquele portunhol tosco do meu marido, e logo a cadeira foi entregue a ele. Vicente guiou-a até meu lado do carro e me pegou no colo, sentando-me na cadeira.

O vento regelante me arrepiou, mas a vista compensava tudo. Se tivesse como, eu teria caído para trás. Parecia que eu estava diante de um daqueles quadros pintados com tamanha precisão, que doía aos olhos.

Montanhas verdes nos rodeavam, salpicadas em sua quase totalidade por flocos de neve, que agora caíam lentamente – *Desde que chegamos aqui ainda não tinha visto a neve caindo*. – Havia pinheiros e outras árvores ao longe, além de três cabanas rústicas na entrada do parque, e de resto tudo era branco, branco por toda a parte. Se fosse possível, diria até que havia variados tons de brancos por ali.

— Consegui uma prancha especial para descermos de *esquibunda* juntos — disse Vicente, naquele tom de voz animado.

— Já disse que você pensou em tudo?

— Já — afirmou altivo. Revirei os olhos.

Seguimos ao lado do rapaz simpático, que falava com Vicente e tentava me incluir na conversa, sem muito êxito. Fomos guiados até uma das pistas da modalidade do ‘esporte’, onde havia menos pessoas.

Estava em polvorosa enquanto me amarravam a Vicente, que estava sentado atrás de mim, balbuciando animadamente. Sentia a adrenalina correndo pelo meu corpo, me trazendo a tona as lembranças dos meus dias de aventureira, que ficaram para trás.

Se o intuito de Vicente era esse, conseguiu o que queria. Estava me sentindo a Flor aventureira de sempre, mesmo com todas as limitações atuais.

O homem nos instruiu, deu dicas e por último disse que estaria no fim da ladeira, me esperando com uma dessas cadeiras de rodas estranhas. Vicente disse que elas se chamavam *WheelBlades*, e tinham um micro esqui acoplado nas rodas.

— Preparada? — Vicente perguntou divertido.

— Sempre, Cordeirinho.

Alguém nos empurrou e descemos ladeira a baixo, sentados em uma prancha de esqui, gritando como dois loucos.

Repetimos a descida quatro vezes, até Vicente reclamar que estava quase aleijado da coluna, então paramos na quarta vez. Caímos na neve, rindo de nada em específico.

Em meio à risada ele se sentou, montando em minha cintura com rapidez. Sem dizer uma palavra, se inclinou encostando seus lábios gelado nos meus, aprofundando o beijo quando gemi. Vicente ergueu meus braços, espalhando-os sobre a neve.

Encarei-o, de cenho franzido, sem entender o que ele queria com aquilo.

— O anjo de neve — sussurrou, o hálito frio se misturando com o meu. — Viemos aqui para isso, afinal.

Assenti incapaz de emitir uma única palavra.

Quando estava satisfeito da obra de arte que fez com meus braços, levantou-se indo para minhas pernas. Anjo de neve feito, ele me ergueu da neve, me abraçando forte, apoiando minhas costas em seu peito.

— Menos uma coisa na nossa lista clichê — enunciei em uma voz trêmula.

— Mais uma coisa para computarmos em nossas memórias. — Assenti.

— Muito obrigada por cada momento — Consegui dizer, a voz apenas um sussurro emocionado.

— Eu que sou grato por todas as coisas que me faz sentir.

Um sorriso amplo espalhou meus lábios.

— Amo você.

— Não tanto quanto eu te amo, aposto.

Cansados do *esquibunda*, voltamos para o carro, rumando para outra região de Cerro Otto, o teleférico.

Depois de mais alguns minutos cercados pelo verde e branco da paisagem, chegamos ao teleférico de *Cerro Otto*. A estrutura do lugar era uma coisa a parte, extremamente funcional. O teleférico em forma de cabine me possibilitou embarcar na viagem sem mais problemas.

Dali de cima, vendo o mundo tão diminuto, consegui sentir ainda mais paz e tranquilidade. Somos tão pequenos e efêmeros nessa imensidão toda.

Vicente segurou minha mão e me roubou alguns beijos, alguns bem ousados, enquanto me apontava uma coisa e outra, me explicando o que havia estudado sobre o lugar.

Quando voltamos ao centro de Bariloche, a noite começava a cair e a neve castigava ainda mais. Sem falar nas nossas roupas úmidas. Estava com muito frio.

Nos sentamos em um restaurante simpático, na *Rua Mitre*, de onde podia se ver o Museu do Chocolate. Pedimos comida local, e logo fomos servidos de *Locro*, um ensopado maravilhoso de abóbora, feijão e milho. E pedimos *alfajor* de sobremesa.

Já estávamos nos preparando para sair quando duas mulheres entraram no restaurante, uma loira muito alta, que não se incomodou com minha presença e lançou um olhar para Vicente, e uma morena de cabelos longos, que não notou a investida da amiga.

Vicente riu, com um ar travesso, enquanto lançava um olhar de esguelha para a mulher. Estreitei os olhos, chocada com sua atitude.

— Você está flertando com aquela mulher, ou estou louca?

Ele deu de ombros, tranquilamente.

— Acho que está louca — retrucou em um tom que me enervou. — Vou pegar um *alfajor* para a viagem.

Sem me dar chance de réplica, ele se levantou, seguindo para o balcão principal do restaurante, exatamente onde as mulheres estavam.

Tinha algo de estranho em sua voz e postura, quase como se estivesse se divertindo em me irritar.

Notei, embasbacada, que enquanto aguardava o *alfajor*, ele engatou uma conversa com a mulher, que em dado momento tocou o braço dele e sorriu com malícia.

— Vicente — grunhi de onde estava, chamado atenção das mulheres e dele.

Ele pegou o *alfajor*, mas não antes de pedir um papel e caneta ao garçom, escrever algo nele e entregar a mulher. Meus olhos encheram-se de lágrimas, e me vi sem ação por um instante.

Não sei se sentia mais tristeza ou raiva. Estava a ponto de virar aquela mesa e...

Era isso? Mais um item daquela lista boba? Vicente estava tentando me fazer brigar e virar a mesa.

Puxei o ar, aliviada. Vicente sorriu torto, me lançando um olhar a apenas um aceno de cabeça em confirmação.

— Vai com tudo, amor.

Rindo, ergui meus braços com letargia, empurrando a mesa, que apenas balançou, mas não virou. Fiz mais uma tentativa, dessa vez impulsionando a cadeira, e a mesa virou com um estrondo.

— Seu babaca! — gritei, quando ele se aproximou.

— Até algum dia, Herrero. — Ele acenou para o garçom, que ria copiosamente.

Eu gargalhava tanto que me doía à barriga.

— Você é completamente louco!

— Somos.

Já acomodada no carro, e bem mais recuperada da crise riso, enxuguei as lágrimas que me escaparam e fitei Vicente.

— O que escreveu para aquela abusada?

— Eu amo minha mulher, desculpe.

Sorri, estreitando os olhos em sua direção.

— Será que acredito em você?

— Vou te dar provas, assim que chegarmos ao hotel. — Ele voltou à atenção para o carro, ligando-o e colocando-o em movimento. — Vê-la tão enciumada me deixou excitado.

Eu também estava. E agora estava ansiosa para chegar ao quarto do hotel.

Vicente cumpriu sua promessa de provar seu amor, e ele fez isso com seus lábios, enquanto beijava meu corpo, meus seios, meu sexo, enquanto me preenchia com sua língua e me levava a um orgasmo alucinante. Cumpriu sua promessa enquanto me penetrava com a mesma fome louca de quando me conheceu, provando o quanto nosso desejo estava ligado não apenas ao carnal. Cumpriu sua promessa enquanto dizia-me com os olhos o quanto me amava. Cumpriu sua promessa enquanto passava as mãos por meu corpo com premência, com um desejo arrebatador. Cumpriu sua promessa enquanto devorava meus lábios e tomava para si cada gemido meu. Cumpriu sua promessa quando me marcou com seu prazer, e me embalou em seus braços até que eu dormisse.

Dúvidas sobre a fortaleza do seu amor eu jamais teria, enquanto vida tivesse, e mesmo após ela. Pois éramos um ponto e vírgula, mesmo quando eu me fosse, nossa história jamais seria apagada, e ele se lembraria de mim daqui há anos, quando estivesse casado novamente, carregando seu filho no colo... Vicente se lembraria do quão felizes fomos.



Capítulo Vinte e Cinco

N Flor de Lis

ós passamos apenas mais um dia em Bariloche. Nossa lua de mel deveria ter durado duas semanas, no entanto a ELA resolveu nos surpreender e progrediu violentamente, deixando Vicente assustado, o que o levou a antecipar nossa volta.

Eu não estava feliz com sua decisão. Obviamente a ideia de voltar já não me agradava, e retornar antes do previsto então... me tirava do sério. No entanto entendi seu posicionamento e, após pesar as coisas, até concordei com ele.

Meus braços não respondiam mais de forma alguma aos estímulos senso-motores, tornando toda e qualquer atividade a cargo de Vicente. Tive dificuldades sutis para deglutir ontem, além de uma letargia na fala, indicativos claros de que a esclerose estava avançando para seus últimos estágios.

Depois disso seria irreversível, eu iria parar de falar, e a única forma de comunicação seria movendo os olhos. Não haveria mais aventuras, risadas ou conversas bobas. Não haveria mais sexo, declarações ou mesmo brigas. E essa tortura poderia acabar em dias ou eu viveria anos e anos presa em um corpo que não responderia mais a minha alma de passarinho.

E, pela primeira vez desde que descobri a doença, pedi para que Deus ouvisse minhas preces nada dignas: queria morrer o quanto antes. Seria um alívio para mim, para minhas amigas, e principalmente para Vicente, que poderia seguir sua vida.

Olhei para o lado, grata por ainda não ter perdido o domínio da musculatura do meu pescoço, e vi Vicente dormindo ao meu lado no avião. Sua expressão era de agonia, mesmo durante o sono. Estava pálido, abatido, visivelmente cansado.

O que fora sonho, transformou-se em angústia nos últimos dois dias. O homem que me amou com fervor em uma noite, estava trocando minhas fraldas na outra. Foi uma experiência terrível. Eu quis gritar e chorar quando ele se afastou, mas a única coisa que fiz foi fechar os olhos e fingir dormir.

Sua atitude, a falta de compaixão em seus olhos, a tentativa de parecer indiferente e me

transportar calma e amor em cada toque, só provava o quão maravilhoso ele é, mas não diminuía o que sinto.

E eu que pensei que poderia lidar muito melhor com essas coisas. Sempre tive uma mentalidade tão aberta com relação à doença, sempre fui ciente da sua progressão e do que acarretaria, mas viver isso... Foi mil vezes pior.

— Meu Deus, que o senhor possa me devolver à placidez que perdi durante esses dias, e que ouça meus pedidos...

— Ele não costuma ouvir. — A voz grave e séria me fez sobressaltar. Vicente estava acordado, me fitando com uma expressão de dor.

— Não diga algo como isso, Vicente — repreendi-o.

Ele soltou uma risada amarga, meneando a cabeça.

— Olhe só para você, Flor. — Me apontou acusadoramente. — Uma mulher maravilhosa, incapaz de fazer mal a alguém, que ao menos se revoltou contra essa doença, que vive falando em Deus... E Ele ao menos lhe ouviu. Ou ouviu o que implorei para Ele.

Sua voz cortou e ele parou o discurso, desviando o olhar.

— Não é assim que funciona, Vicente — disse branda, tentando acalmar seu coração angustiado. — Não tem de haver sempre justiça nas coisas que nos acontecem. Não há porque ser extremo. Deus é bom sim, Ele ouve sim... E eu prometi a mim mesma não perder nenhum resquício de mim por conta dessa doença, não deixaria que ela levasse minha crença e fé. Olhe para mim, por favor.

Ele atendeu meu pedido, e vi seus olhos repletos de lágrimas não derramadas. Pensar que essa dor que via agora só tendia a piorar muito me doía mais que qualquer outra coisa.

— De onde acha que vem toda minha paz e aceitação?

— Não consigo pensa como você, desculpe — retrucou gélido.

— Não precisa pensar como eu... Só... — suspirei, reunindo coragem para completar. — Você vai precisar encontrar paz em algum lugar ou em alguém quando as coisas ficarem muito difíceis... E talvez esse seja o momento de tentar desanuviar seus pensamentos.

— Acho pouco provável.

Assenti, encerrando o assunto por ali. Não queria brigar com ele, e sei que Vicente repensará sobre o assunto. Ele tem o coração bom demais para recobri-lo por muito tempo com amargura.

Toda a viagem de volta se passou com o mesmo marasmo agonizante, desde o avião até a estrada de volta de São Paulo para São José dos Campos. Eu não consegui dormir por um instante, preocupada com a chuva torrencial que caía, e com o humor silencioso de Vicente, que mal abriu a boca.

Não havia ninguém nos esperando no Aeroporto, pedi a Vicente que não avisasse as

meninas, pois queria descansar. Na verdade estava procurando evitar que me vissem.

Me sentia fracassada, principalmente ao absorver o silêncio e tensão que praticamente engolia à mim e a Vicente. Não fracassada com relação à doença em si, afinal não há muito que se fazer, mas fracassada no aspecto de onde a ELA conseguiu nos levar.

Eu e Vicente lutamos para não sermos engolidos pelo drama, mas veja, é absolutamente inevitável não ser dramático nesse ponto da história.

Ele diminuiu a velocidade do carro, estacionando-o em frente a minha casa. Quando o barulho do motor esmoreceu, tudo que restou foi o barulho da noite chuvosa. A tempestade castigava a lataria do carro.

— Acho que vou deixar o carro aqui na frente. Estou sem energia de abrir o portão da garagem. — Minha resposta foi um assentir rígido. — Mas vamos nos molhar, tem problema?

— Tudo bem, Vicente.

Ele suspirou audivelmente, descendo do carro e se encaminhando para a traseira, voltou de lá com minha cadeira de rodas, abriu a porta e estendeu os braços para me ajudar a sentar na cadeira.

Os instantes que ele levou para fazer isso e trancar o carro foram suficientes para nos deixar completamente molhados.

Um barulho repentino de música nos fez sobressaltar, arrancando um sorriso meu ao ouvir a voz de Roberto Carlos, vinda da casa da vizinha. Dona Tereza é uma fã incontestável dele.

— Agora sim me sinto em casa. — Vicente brincou, e a tensão de dias se esvaiu naquele sorriso.

Expirei tão profundamente que senti meu peito doer. Era como se estivesse prendendo o ar durante todas essas horas de tensão e silêncio. Eu tinha que aproveitar esse vislumbre do meu Vicente, e trazê-lo minimamente para a superfície novamente.

Então uma ideia me surgiu.

— Vicente, você lembra-se de cada desejo esdrúxulo daquela lista, certo?

— Certo. — Aquiesceu, com uma expressão de desconfiança.

— E você tem certeza que fizemos tudo?

Ele ponderou por um instante, olhou para a rua, para a casa de Dona Tereza, que agora trazia a rua o som de uma nova música, e finalmente me fitou. Vi quando apenas diversão ocupou sua expressão e um sorriso genuíno esticou seus lábios:

— Está ouvindo isso? — Assenti, rindo.

Parecia uma conspiração do destino, a chuva, a música.

Vicente havia entendido o que queria dizer, sem que eu precisasse completar.

Realizamos todos os desejos ridiculamente clichês, menos um: dançar na chuva.

— *Debaixo dos caracóis dos seus cabelos/ uma história pra contar, de um mundo tão distante.* — Vicente cantou, se aproximando para soltar meus cabelos, que caíram livres por minhas costas.

Sorri, mas sentia as lágrimas descendo, se misturando as gotas de chuva, que agora caía mais mansa.

Movi a cabeça, acompanhando o ritmo da música, Vicente gargalhou, se movendo também, e usando as mãos para mover a cadeira. Sua boca encontrou a minha, em um beijo com toda a premência de um homem que via à sua frente um milagre.

— Eu amo você — sussurrou, ainda balançando a cadeira.

— Eu te amo com tudo de mim — respondi. — Nunca se esqueça disso... Você me faz a mulher mais feliz do mundo.

A música chegou aos seus acordes finais, e Vicente cessou nossa dança desengonçada.

— Vamos entrar, está muito frio aqui.

Assenti, concordando. Fitei-o mais uma vez antes de entrarmos, sentindo meu corpo inteiro se arrepiar, mas tinha certeza que não era o frio, era um arrepio de sensibilidade, eu sabia que estava sob uma linha tênue.



Vicente

Na manhã seguinte acordei disposto a recobrar a paz que perdi durante esses últimos dias de viagem. Ir do céu ao inferno em um mergulho súbito, não é nada bom.

Mas prometi que me manteria forte, que seria a base de Flor quando ela mais precisasse, e essa é a hora de ser para a mulher que amo tudo que ela precisa. E eu serei.

Olhei no relógio e constatee que estava na hora do encontro. Estava parado em frente ao prédio há pouco mais de meia hora e não havia conseguido descer. Seria meu primeiro contato com outras pessoas que viveram a ELA junto com algum parente. E precisava me preparar para aquilo.

Não era meu intuito ter deixado Flor no dia seguinte a nossa viagem. Queria me certificar que estava bem, e deixá-la aos cuidados de Ágata e Helen, me punha inquieto.

Mas... Eu preciso ouvir as pessoas, recuperar minhas forças para então voltar para Flor, revigorado. E quanto antes eu entrar nesse prédio, antes sairei.

Enquanto me encaminhava para o interior do prédio, contava meus próprios passos, tentando absurdamente não dar vazão aos meus pensamentos. Eu daria de cara com o que

viveria futuramente, e isso estava me aterrorizando. E esse não era meu objetivo ali.

Eu descobri esse grupo de cuidadores, que se reuniam a cada mês para trocar experiências, pela internet. E, observando os comentários, vi que havia uma cuidadora de um portador de esclerose. Ela ainda participava do grupo para incentivar os demais, pois seu marido havia morrido há um ano.

Eu precisava ouvi-la falar. Precisava que ela me dissesse algo renovador.

Não havia mais que dez pessoas, a maioria mulheres, e todas me olharam quando me sentei em uma das cadeiras livres. Visualizei a mulher logo que me acomodei, e pela ordem, ela seria a próxima a falar. Estava ansioso e torcendo para que ela discursasse.

A mulher que estava falando interrompeu seu discurso e saiu para o canto da sala, onde havia um filtro de água. O que quer que ela estivesse dizendo, deveria ser comovente, pois todos estavam chorando. Eu não consegui me concentrar em nada.

Então a mulher, que tanto esperei falar, se anunciou:

— Me chamo Maria, tenho 34 anos, e fui cuidadora de um portador de Esclerose Lateral Amiotrófica, meu marido, que tinha 32 anos na época, e é falecido há um ano. — Ela exibiu um sorrisinho triste. — Foi difícil... Meu Deus, foram os dois anos mais difíceis da minha vida. Ver um homem ativo, feliz, o futuro pai dos meus filhos, desmoronar progressivamente em poucos meses.

Senti as lágrimas descendo por meu rosto, antes mesmo de pensar em segurá-las. Meu peito doía e ouvi a minha respiração irregular.

— Mas procurei pensar, sempre que as coisas ficavam cada vez mais difíceis, o quão complicado está para ele? Então eu colocava em uma balança e tinha certeza de que não era de uma mulher mal-humorada ou chorona que meu marido precisava naquele momento de vulnerabilidade. Eu não podia fazer muito... Sim, claro, oferecer os cuidados necessários, mas para melhorar sua saúde, sabe? Eu não podia fazer nada. Então, em uma conversa silenciosa com Deus, eu descobri a única coisa que poderia fazer para melhorar seu sofrimento.

— O que? — Ouvi as palavras me escapando, mas não parecia eu mesmo falando.

Maria direcionou os olhos para mim.

— Ame-a. Seja o que você sempre foi. E a cada dificuldade a ame mais um pouco, e com mais força, com mais determinação, preencha de amor todo e qualquer espaço. Busque forças em seu coração, em Deus ou em qualquer coisa que possa segurá-lo, e então segure sua mulher...

Assenti, me erguendo bruscamente. A cadeira em que estava sentado, caiu, fazendo um barulho oco. Todos estavam me olhando, mas não me senti acuado.

Eu precisava amar Flor, como sempre foi, como sempre seria. A resposta era simples. Seria difícil sim sobrepôr toda a tristeza com amor, mas eu iria lutar.

Dei as costas e saí dali quase correndo, voltei para meu carro e dei partida, rumando de

volta para casa. Ansioso para reencontrá-la, beijá-la e dizer que a amo.

No entanto, toda e qualquer paz adquiria naquele rápido encontro, se esvaiu quando virei à esquina que daria na rua da casa de Flor. Havia uma ambulância parada na frente da casa, e uma pequena aglomeração de vizinhos.

Parei o carro em qualquer lugar e desci, correndo rumo a casa. Sentia-me aturdido com tudo aquilo, mas não surpreso. Eu vi o declínio de Flor, e sentia cada queda sua dentro de mim.

Eu a vi deitada em uma maca, sendo encaminhada para a ambulância. Estava pálida, mas não sem vida, soube antes mesmo de me aproximar. Ágata correu em minha direção e jogou-se em meus braços, chorando copiosamente.

— O que aconteceu? — Exigi saber, sacudindo-a.

— Não sei... Fui ao banheiro e quando voltei a Flor estava babando e... não respirava direito... Foi horrível Vicente — murmurou em meio a soluços.

Soltei-me do seu abraço e segui os socorristas até a ambulância.

— Eu vou com ela. — Um deles assentiu, permitindo que eu me acomodasse ao lado dela no estreito veículo.

Segurei sua mão, suprimindo todo terror, raiva ou tristeza do momento, seguindo o conselho que ouvira há pouco. Estava apenas amando Flor.

Ela não acordou durante o curto trajeto, nem mesmo se moveu.

O desespero voltou a me abater quando fui separado dela, já no hospital. E agora estava aqui novamente, nesse corredor frio, completamente sozinho e angustiado por notícias. Não fazia nem dez minutos que a levaram, e eu estava louco.

— Meu Deus — murmurei, chocado comigo mesmo assim que as palavras saíram dos meus lábios.

Um médico caminhou em minha direção, segurando uma prancheta. E assim que estava próximo o suficiente o reconheci, Dr. Abreu.

— Como vai? — Ele me estendeu a mão, cumprimentei-o.

— A Flor está bem? — Ignorei sua pergunta educada, partindo logo para o que realmente interessava ali.

— A Flor teve um rebaixamento do controle dos músculos da respiração, Vicente. Ela não conseguirá mais respirar por conta própria, por isso estamos encaminhando-a urgentemente para uma traqueostomia.

— Mas... Mas...

— Ela não vai morrer, mas essa medida é preciso, infelizmente.

— Me deixe vê-la antes da cirurgia, por favor. — Ele assentiu me lançando um olhar de piedade.

— Terá que ser rápido. Siga-me, por favor.

Acompanhei seus passos pelo extenso corredor, entrando em uma porta onde me paramentei com algumas coisas e em seguida fui autorizado a passar para a porta seguinte.

Flor estava de olhos fechados, com uma máscara de oxigênio cobrindo parte do rosto. Visivelmente mais pálida, abatida, quase sem vida.

Estava em guerra comigo mesmo. Queria caminhar em sua direção e confortá-la, mas estava tão aterrorizado que meu outro lado queria fugir dali.

Como se sentisse minha presença, ela abriu os olhos pesadamente, lutando com as pálpebras que pareciam pesar toneladas.

Aproximei-me, finalmente. Segurei sua mão na minha, levando os lábios até o dorso para beijá-la.

— Tudo vai ficar bem... Não tenha medo. — Consegui murmurar, mesmo com o nó que se formava em minha garganta.

Ela negou pesadamente com um movimento de cabeça, sorrindo débil. Meu coração se partiu em mil pedaços e eu simplesmente desmoronei, caindo de joelhos ao lado da cama.

Eu precisava externar essa dor, ou morreria sufocado. Então eu chorei. O corpo sendo sacudido pelos soluços. A dor dilacerando cada célula existente em mim.

— Eu nunca mais vou ouvir sua voz, Flor... Nunca mais — murmurei inconformado.

Não queria estar naquela situação, nem deveria, mas era mais forte que eu.

— Você pode ver. — Ouvi sua voz quase inexistente, abafada pela máscara, e ergui-me, fitando-a ansiosamente.

Ela, provavelmente, nem deveria estar se esforçando, mas eu precisava ouvi-la mais essa vez.

— Me desculpe por ser fraco... — Encostei minha testa na sua, beijando seu rosto como podia. — Eu a amo, quero que saiba disso a cada instante que passar naquela sala de cirurgia. Você vai voltar pra mim?

Ela sorriu novamente, levanto quase um minuto inteiro reunindo forças para falar.

— Levante a máscara — pediu com muito esforço.

Atendi seu pedido, com medo de prejudicá-la ainda mais.

— Quando minha voz não puder mais ser emitida, — Ela tomou uma respiração profunda e agonizante, lutando para concluir: — quero que leia em meus olhos, eu vou dizer tudo por eles.

— Sim. — Foi tudo que consegui pronunciar.

— Vamos ter um código. — Quando ela agonizou novamente segurei sua mão mais

forte. Doía fisicamente em mim. — Para dizer que te amo, vou piscar os olhos...

— Precisamos levá-la, Vicente. — A voz do médico nos interrompeu.

— Só um instante.

A equipe entrou no quarto, mas não avançaram, respeitando nosso momento.

— Vou piscar os olhos três vezes — concluiu, com uma última respiração profunda.

Os aparelhos dispararam, indicando algo, e fui afastado. Parado em um lugar fora do quarto, encostado em uma parede, sentindo-me morto, vi quando a levaram dali e nunca mais me devolveriam a mesma Flor.



Capítulo Vinte e Seis

F Vicente

oram incontáveis minutos. Não sei precisar exatamente quanto tempo. Helen, Ágata e Rui apareceram assim que saí da sala onde havia falado com Flor há pouco. Eu não falei com nenhum deles, desorientado demais para agir com maturidade e lhes dar informações.

Agradei mentalmente a enfermeira que me seguiu e informou o caso aos de mais. Acabei jogado exatamente onde estou agora, em uma das cadeiras frias do corredor impessoalmente branco. A cabeça recostada na parede, os olhos fechados e a mente em branco.

Até mesmo meu cérebro parecia buscar uma forma de fugir de todo aquele pesadelo, e seu jeito de contribuir era não produzindo nada em que pensar. Estava absolutamente em branco, como se minha vida estivesse começando a se redesenhar e eu fosse ser jogado a qualquer instante em uma nova história, onde não haveria mais o amor da minha vida.

Flor de Lis. Ela foi uma surpresa em minha vida. Caiu de paraquedas, sem qualquer pretensão de ficar, mas permaneceu tão ferrenhamente que hoje é uma parte de mim.

Quando era um moleque e vivia gritando aos quatro cantos que esse negócio de ‘amor’ era uma baboseira. Quando adolescente continuei pensando da mesma forma. E já adulto alimentei a certeza de que eu tive razão na infância e adolescência.

O amor existia sim, não era bobagem, só não isso tudo que pintavam dele. O amor era um gostar acentuado pela convivência e incutido em sua rotina, mas não era tão devastador como pintavam os inflamados romancistas. E eu pensei seriamente assim até o dia que vi aqueles cachos ruivos, o olhar provocante e a boca esperta. E então eu entendi cada romancista inflamado, e desfiz quaisquer pensamentos anteriores sobre o tema.

O amor não tem nada de acentuado, ele lhe atrai para sua luz incandescente, e apesar de toda e qualquer possibilidade de se ver preso, você quer ir de encontro a essa luz. Porque a recompensa é tão singular, que você quer correr cada risco. Você quer mergulhar nesse precipício que é o amor.

O quão maravilhoso é sentir-se feliz por estar ao lado de uma pessoa, compartilhando

conversas bobas, sorrisos, sua cama, suas noites de sono. O quão perfeito é ter uma pessoa lhe esperando quando você voltar do trabalho, seja pra te acalmar de um dia estressante, ou te encher o saco ainda mais... Mas, porra, você tem alguém com quem compartilhar. E o amor é tão partilha, que um ser amado cabe dentro do outro.

E onde vou caber sem Flor?

Me ergui abruptamente, odiando o rumo dos meus pensamentos. Três pares de olhos preocupados me seguiram, mas evitei olhá-los. Tinha medo de desmoronar se o fizesse.

Dr. Abreu apareceu em nosso campo de visão, a expressão preocupada e abatida evidenciava um dia difícil de trabalho. Helen, Ágata e Rui se aproximaram de mim para ouvir o que o médico tinha a dizer.

— Tivemos algumas complicações durante a cirurgia, mas Flor de Lis está bem agora. Passará o resto do dia na Unidade de Terapia Intensiva, mas se responder bem, amanhã estará em um quarto.

— Quando posso levá-la para casa? — indaguei apressadamente.

Esse seria o desejo dela, e apesar de ela não poder mais falar, estarei aqui para ser sua voz.

O médico me encarou sob seus óculos, me analisando com aquela tranquilidade que me irritava.

— Se assinar um termo de responsabilidade, acredito que amanhã mesmo. E se ela responder bem a cirurgia, claro. — Assenti. — No entanto terá de solicitar o Home Care do plano de saúde dela, pois Flor irá precisar de monitoramento constante.

Sem dizer uma única palavra, dei as costas e sai pelo corredor do hospital. Engolindo minha tristeza, disquei o número do plano de saúde e me incumbi de providenciar o Home Care para ontem. Não houve problemas quanto a isso, pois o plano de Flor é muito bom, e o adicional que paguei facilitou ainda mais.

Passei o minuto seguinte olhando para o telefone, em dúvida do que fazer com ele ou com a minha vida nos próximos dias. Então meus dedos digitaram o número da minha mãe e logo sua voz preocupada me saudava do outro lado da linha.

A última vez que tinha lhe ligado fora em Bariloche. Flor já havia piorado consideravelmente e estávamos para encerrar a viagem. Dona Dária ficou louca de preocupação, disse que estaria aqui assim que chegássemos, mas nem havia me lembrado de informar a ela que estávamos de volta a São José dos Campos.

— ... Há dois dias e não me ligou, Vicente? — repreendeu. — E a Flor?

— Ela foi hospitalizada as presas, mãe. Acabaram de fazer uma traqueostomia nela e... Eu nunca mais vou ouvir a voz, nem a risada dela... Estou tão perdido e...

Ouvi seu fungar do outro lado do telefone não abrandou muito minha situação, mas também não conseguiu me desestruturar mais.

— Preciso que venha. Flor irá para casa o mais breve possível, e irei cuidar dela de agora em diante. Sua ajuda será muito importante para nós.

— Vou comprar a passagem agora mesmo, e no mais tardar amanhã estarei em São José.

— Tudo bem, mãe.

— Filho? — chamou após um instante de silêncio. — Eu sei que é difícil se manter forte nessa situação, mas Flor precisa de você. Não se deixe abater.

Seja só amor para ela. Quase pude ouvir a voz de Maria, a mulher que discursara no encontro de cuidadores.

— Eu serei, mãe.

Deixei meu corpo me guiar pelas ruas movimentadas da cidade, tentando absorver um pouco da normalidade que aquilo pudesse me trazer. Não estava indo para lugar algum, só queria andar um pouco. No entanto acabei em frente a um lugar bem inesperado, meus pés se fixaram na calçada da Igreja Matriz de São José.

A cada passo que eu dava em direção ao interior da igreja minha respiração tornava-se mais falha, meu coração mais errático.

A igreja não era grande em espaço, mas era muito ampla em paz. Costumava vir nas missas dominicais logo pela manhã, e sempre aguardava todos saírem para ter meu momento sozinho ali, olhando para o teto da igreja, que fora pintado em um azul que imitava com perfeição os tons do céu.

E eu saía dali tão em paz comigo mesmo, energizado para uma nova semana. Senti falta daquilo tudo.

Caminhei até o altar, ajoelhando-me em frente a ele, apenas absorvendo o silêncio que me rodeava.

— Eu tinha que culpar alguém, alguma coisa... Não poderia ser só destino, sabe? — Fiz a pergunta fitando o altar, sabendo ser retórica. Mas eu precisava desabafar. — E ainda tenho essa necessidade quase infantil de culpar alguém pelo que está acontecendo... E confesso estar aqui porque não sei mais onde procurar forças para enfrentar o que sei que está tão próximo.

— Baixei minha cabeça por um instante, engolindo o nó que se formava constantemente em minha garganta. — Por isso eu lhe imploro que me permita ser forte. É tudo que preciso para enfrentar tudo isso... Eu não terei mais as palavras de Flor para me passarem essa força. Preciso me agarrar a outras vozes e formas.

Mais um minuto inteiro de silêncio se seguiu, enquanto eu apenas olhava para o altar. Então eu me ergui, fiz o sinal da cruz, e sai dali. Antes que passasse do umbral da porta uma garotinha esbarrou em mim, os cachinhos loiros saltaram pela força do impacto.

— Cuidado mocinha — repreendi-a carinhosamente. Pela primeira vez em dias, notei que estava sorrindo.

A menina me fitou com olhos sábios e um sorriso infantil no rosto.

— Que Deus esteja contigo, moço. — Assenti, observando-a entrar na igreja correndo.

Minha pele se arrepiou de uma forma que não saberia colocar em palavras.

Uma senhorinha esbaforida subia as escadas da igreja com dificuldade, então corri para auxiliá-la, ganhando um agradecimento carinhoso como resposta.

— Por acaso viu uma loirinha sapeca por aqui? É minha netinha!

— Ela entrou na igreja.

— Ah, muito obrigada meu filho.

Sorri novamente, observando a mulher ir em busca da neta. Quando voltei a caminhar rumo à rua, um vento forte silvou em meu rosto e olhei ao redor, apreciando o que via.

Estava tudo ali, estive tudo ali... Eu deveria ser grato por tudo que vivi. Pelo que ainda viveria com Flor. Nossa singularidade construiu uma história tão linda. Não há motivos para ser menos que amor.

Eu sorri novamente, agradecendo a conversa retórica na igreja, a garotinha que me abordou na porta, e a paz reencontrada. E então eu entendi de onde vinha à força de Flor e de muitas outras pessoas que lidam de uma forma incrível com situações horríveis.

Todos precisam de uma base, algo que seja o seu chão. Afinal desestruturado ninguém constrói. Por isso, independente de crença ou religião, é importante que achemos nosso ponto de paz e força.

Eu estava pronto para o que viria.



Um mês depois

Foram dias de readaptação. Minha, de Flor e todos que nos cercavam.

Não foi fácil entrar naquele quarto, três dias depois da cirurgia, e ver Flor pálida, os olhos distantes, respirando através de uma cânula, o rosto inexpressivo pela paralisção completa muscular, acarretada pela esclerose.

Mas apesar de tudo, eu consegui enxergar minha Flor ali. A mulher que me apresentou um sentimento tão forte como o amor, que me fez feliz, irritado, triste, quente... Que me envolveu em sua vida e me ensinou tanto, sem ao menos perceber.

Após o choque inicial eu me aproximei dela, tomei sua mão na minha e me inclinei para beijar seus lábios, e quando voltei a fitar seus olhos, ela piscou três vezes. Estava dizendo que me amava.

— Também te amo — retruquei sorridente, e vi em seus olhos um sorriso também.

Agora tudo havia se ajustado mais em nossa rotina. Helen e Ágata precisaram voltar a trabalhar, mamãe estava comigo o tempo inteiro, me ajudando, e havia uma enfermeira que aparecia em horários específicos.

Havia aprendido a fazer quase tudo. Controlar o oxigênio, quais medicamentos administrar e em quais ocasiões, o banho, a troca de fraldas, a dieta. Sentia-me bem em poder estar cuidando dela.

Estávamos testando agora uma forma de comunicação, onde eu lhe mostrava um cartaz com as letras do alfabeto e corria os dedos por ela, quando a letra que ela desejava chegava, Flor piscava e assim eu ia montando as palavras.

Era trabalhoso, mas a melhor parte do dia. Quando acabávamos a frase, quase podia ouvir sua voz dizendo aquilo.

Eu sentia falta da sua voz, obviamente, mas buscava pensar que ainda tinha seus olhos. E quando se ama qualquer fração da pessoa amada é tão significativa, que todo o resto desaparece. Estava seguindo a teoria maluquinha de Flor, e até que tinha dado certo pensar com tanto desprendimento.

Ágata e Helen viriam no final da tarde, conversar com a amiga e ter um momento de meninas. Elas se entendiam de alguma forma, e quando as duas saíam de lá, Flor sempre estava penteada, maquiada e com uma roupa bem bonita. Sempre ria ao ver seu olhar travesso quando eu entrava no quarto.

Era como se ela dissesse em meu ouvido: *Cordeirinho*.

Mas dizer que tudo foram flores, seria mentira. Apesar de levarmos a situação da melhor maneira, vejo a dor nos olhos de Flor quando ela acha que não estou prestando atenção. Posso mesmo ler o que está ali sem precisar de palavras.

Ela se sente presa. Uma alma de passarinho não pode se aprisionar em um corpo que não se move, que não se expressa e que não emite voz, por muito tempo.

E eu entendia até mesmo que ela ansiava em se libertar. Por mais forte e dona de uma forma de encarar a vida que é só dela, Flor não conseguiria ser ela mesma presa naquele corpo.

E doía como o inferno sempre que pensava nisso.

Não queria perder o contato com sua pele, com seus lábios, com seus olhos. Parecia egoísmo, mas queria o mínimo que ela pudesse me dar... E se ela desistisse, se morresse, eu perderia o pouco que tenho, e só me restaria as lembranças.

Fora uma noite difícil. Flor havia bronco aspirado uma grande quantidade de secreção, e quase sufocado. As doses do medicamento foram aumentadas e a observação precisou ser constante. A enfermeira da manhã saiu bastante preocupada, me pedindo uma monitorização constante, e dizendo voltar com o médico na parte da tarde, para uma avaliação.

Alguém bateu à porta, abrindo uma fresta.

— Quer comer algo, filho? — indagou mamãe. — Olá Florzinha — cumprimentou minha esposa, que reagiu com um piscar de olhos sutil.

Ela estava bem lenta desde ontem à noite.

— Não, mãe, obrigado.

Cassey entrou no quarto, movendo freneticamente seu rabo. Havia crescido consideravelmente, mas continuava gordinho e meio desengonçado. Se enroscou em minhas pernas, seguindo rapidamente para a cama de Flor, latiu e lutou para subir na alta cama hospitalar, sem sucesso.

— Venha comigo Cassey. — Dona Dária chamou e o cachorro atendeu prontamente.

Quando ela fechou a porta, Flor parecia mais desperta, mesmo que com esforço, e pelo olhar que ela lançou ao cartaz de letras, que ficava ao lado da cama, sabia que ela queria falar algo.

Estava nervoso, inquieto, não era um momento em que queria conversar, mas fiz o que ela silenciosamente me pedia.

Após bons minutos, tinha uma frase formada: “Quero que vá ler a carta que enterramos em baixo da árvore”.

— Mas por que? — disse.

“Vá”.

Foi tudo o que ela me respondeu.

— E a que escrevi? Posso trazer pra ler para você.

“Eu já li, bobo”.

Acabei rindo, desacreditado em sua audácia.

— Não queria deixá-la sozinha.

“Dária está aí. Vá, por favor.”

Suspirei e assenti, vencido.

Antes que eu pudesse sair ela piscou três vezes.

— Eu a amo muito mais — respondi, me inclinando para beijar seus lábios suavemente.



O dia estava ensolarado. Havia garoadado ontem, o que garantiu um tom ainda mais verde as árvores e a grama do Parque. Gostaria de estar ali ao lado de Flor, mas não me

permitiria ficar amargo ao realizar seu desejo.

Cumprimentei o guarda que fazia a ronda por ali, explicando rapidamente o que eu faria. Ele sabia, desde meu casamento com Flor, o quão envolvidos éramos com o lugar, e que não tinha restrição alguma ali, já que o próprio prefeito liberou meu acesso.

Caminhei até a árvore específica, a mente sendo preenchida pelas lembranças maravilhosas que aquele lugar trazia. Desde as caminhadas triviais, onde o destino insistia em unir nossos caminhos, ou o dia em que me impressionei ao vê-la sentada em um galho alto da árvore, até o dia em que unimos nossas vidas em matrimônio, naquele mesmo lugar.

Eu sorri com cada lembrança, apesar das lágrimas que suprimi durante dias, estarem descendo agora por meu rosto.

Contei os passos que me levaria até onde a carta dela estava enterrada. Quase ao lado da cerejeira que crescia lentamente.

Usei as mãos para cavar e desenterrar a garrafa. Feliz por vê-la intacta, mesmo depois de tanto tempo. Tirei-a do saco plástico e da garrafa, abrindo-a com mãos trêmulas.

Sentei-me, recostando o corpo contra o tronco da árvore, me preparando para o que quer que estivesse escrito ali.

Meus olhos se fixaram nas letras por um instante, antes de eu realmente tomar coragem e começar a ler.

“Eu estou muito doente. E eu vou morrer. É um jeito meio chocante de começar uma carta, mas não queria ficar enrolando muito. E o aviso é só por desencargo, caso você ainda não saiba disso quando ler esta carta. O que acho bem provável. Quando ler isso possivelmente nem estarei mais viva.

Mas deixando essa morbidade de lado, vamos ao que realmente interessa?

Eu te amo. É, também não é a melhor forma de se declarar. Confesso que sou meio abrupta às vezes, mas essa foi o único jeito que consegui de exteriorizar um pouco do que venho sentindo.

Eu até queria não ser clichê e inventar uma nova forma de expressar o amor em palavras, mas não sou criativa, me perdoe.

Também queria lhe agradecer por tudo. Eu vivi 23 longos anos para te encontrar, e eu sei disso agora, olhando para você correndo atrás de Cassey. Tudo que vivi até aqui, repetiria só para ter lhe conhecido.

Até mesmo essa doença me levou indiretamente a você. Nunca estaria naquela balada, naquele dia, se não estivesse tão ansiosa para viver os dias que me restavam. Não teríamos ido para a cama, eu não teria me irritado por você ser intrometido e ter ficado na casa das minhas amigas, e jamais, jamais mesmo, eu elencaria uma lista bem boba e clichê, com o intuito silencioso de que quisesse realizar.

Pensamentos bem românticos e escondidos em mim ansiavam para viver algo assim.

Mas nunca relatei isso em alto e bom som.

Cada minuto ao seu lado. Até mesmo naqueles em que tive muita raiva de você, ficarão marcados em mim. E espero que possamos viver muito mais nos dias que seguirem a essa carta. Eu sei que viveremos.

Vou sentir a sua falta. Das nossas provocações, das transas loucas, das risadas e dos momentos mais calmos. Vou sentir falta de passar os dedos por seus cabelos e observar você falar alguma besteira durante o sono. Do seu sorriso débil da manhã ou mesmo da sua ânsia de ver o mundo através da minha ótica estranha, por um instante que for.

A minha presença não vai mais ser a mesma, mas estarei sempre olhando-o de alguma forma. Me note quando parar no meio da rua para sentir o sol no rosto, assim como eu faria. Ou quando ouvir o chilrear dos pássaros. Acho que vou pedir a Deus para ser um passarinho, leve isso em consideração.

Se apaixone novamente, case, tenha filhinhos lindos, nunca desista dos seus sonhos, nunca mude essa essência maravilhosa que você tem. Seja atrevido, Cordeirinho, me orgulhe. Nunca abra mão de ser feliz.

E nunca guarde para mim uma lágrima de saudade, sempre prepare um sorriso ao se lembrar das nossas loucuras. Me sinta, e jamais vai atrelar minha imagem a tristeza.

E singularmente falando, nós somos ponto e vírgula, não há história que ganhe finitude quando há lembranças que a mantenham viva.

Eu te amo hoje, possivelmente te amarei mais amanhã, e te amarei ao infinito.

Seja feliz e não fique triste.

Flor de Lis”.

Uma folha seca despencou da árvore, absolutamente estranha naquele verde tão vivo, e caiu lentamente no chão.

Flor, ela havia ido embora, eu sabia antes mesmo de qualquer confirmação. Eu senti antes mesmo de ver seu corpo sem vida.



Epílogo

Um mês depois

Pode parecer estranho o fato de eu estar exatamente aqui sentado embaixo dessa árvore, com a carta nas mãos, mas é que a vontade de estar em qualquer outro lugar não existe em mim.

Eu gostaria de conceder a Flor o que ela havia me pedido na carta; não ficar triste e ser feliz. No entanto era mais difícil na prática. Sei que ela me entenderia.

Todos haviam se afastado para me dar privacidade. Sempre após um abraço, que no fundo eu respondia mecanicamente. Não havia braços capazes de me confortar naquele momento.

Uma parte do pedido de Flor eu consegui completar, não derramei nenhuma lágrima amarga ou raivosa por sua partida. Mesmo há pouco, enquanto celebravam uma missa em homenagem a seus trinta dias de partida, que fora realizada ali mesmo no parque, há poucos metros de distância dessa árvore, eu fui forte e sorri todas as vezes em que citaram-na. Apesar de querer loucamente chorar.

— Vicente, vamos embora? — Era Helen, me estendendo a mão. — Sua mãe está preocupada lá fora.

Aceitei sua ajuda e me ergui, dobrando a carta e colocando-a no bolso. O papel estava gasto pelas inúmeras vezes em que fora dobrado e desdobrado. Senti-me dubio com relação aquele papel. Lê-lo me acalmava, mas também me recordava uma espécie de traição de Flor.

Ela sabia que estava morrendo, e usou aquela carta como desculpa para me afastar do seu leito no momento da sua morte. Foi injusto, mas entendível. Conhecendo-a como conheci, não queria que eu tivesse sua imagem atrelada à morte.

Eu sabia que ela havia partido antes mesmo do meu celular tocar e a voz desesperada de Ágata preencher meus ouvidos.

Foi o pior dia da minha vida. Ainda mais difícil que vê-la em um caixão, sendo sepultada. A sensação de perda e vazio foi tão pulsante, incapacitante, que me paralisou por dias.

— Quero ir até o cemitério antes de seguir com mamãe para Ribeirão Preto. — Helen assentiu.

Ágata se aproximou, seguida por Rui e Hugo.

Meu amigo me deu mais um abraço, indagando se estava precisando de algo. Agradei, dispensando-o.

— Você volta para o casamento de Helen? — Ágata perguntou.

Eu não poderia dar confirmações de nada naquele momento. E apesar de eu mesmo ter insistido para não cancelarem o casamento, não sabia se teria condições de estar presente.

— Faço muita questão que venha Vicente, mas estenderemos se não estiver. — Rui completou.

— Eu vou tentar, prometo. — Os três assentiram. — Agora me deem um abraço, pois tenho que ir.

Abraços e murmúrios depois, eu estava acenando para eles, enquanto caminhava para onde mamãe estava.

— Vamos ao cemitério antes de seguir viagem, dona Dária — anunciei, pegando Cassey do seu colo.

Ela se colocou na ponta dos pés e me deu um longo beijo, alisando meu rosto com uma delicadeza que quase conseguiu minar minhas forças.

— Como quiser querido. Estou aqui para ser sua força, assim como foi a força de Flor por tanto tempo.

Apenas assenti, incapaz de falar o que quer que fosse.

Seguimos rumo ao cemitério, o silêncio sendo quebrado apenas pela voz do radialista local, que falava algo sobre o trânsito caótico daquela manhã.

Precisei reunir coragem para descer do carro quando estacionamos em frente ao cemitério. Eu não voltei ali desde o dia do sepultamento.

— Tem certeza que não quer que eu vá com você?

— Sim, mãe, obrigado. — Beijei sua testa, saindo do carro em seguida. — Não vou demorar.

Guiei Cassey comigo, trazendo em uma das mãos um lírio para depositar sobre o túmulo.

O silêncio e deserto transformava até mesmo o barulho do vento em um som alto, e tudo que se sobrepunha a esse barulho eram meus passos tranquilos. Cassey farejava, puxando

a guia com mais afinco.

Mais alguns passos à frente, e eu estava parado em frente ao lugar onde o corpo do grande amor da minha vida descansava. Sentei-me sobre o túmulo, beijando o lírio com todo amor, antes de depositá-lo perto da lápide.

Casse latiu, como se esperasse uma explicação minha.

— Pois é garotão, a mamãe se foi — disse em um fio de voz. Ele grunhiu, sentando-se ao meu lado. — Somos só você e eu agora.

Voltei os olhos para a lápide, sorrindo. Apesar da visão turva pelas lágrimas, consegui reler o epitáfio: “Somos ponto e vírgula, não há história que ganhe finitude quando há lembranças que a mantenham viva”.

— Eu te amo — murmurei com a voz trêmula.

E prontamente a imagem dos seus olhos piscando três vezes me surgiu na mente. Seu código para expressar o amor, mesmo quando a voz não podia mais ser ouvida. Ela deu um jeito de me amar sob qualquer circunstancia, e foi amada da mesma forma. Com uma totalidade de mim que jamais serei capaz de dar a outra pessoa.

Eu não tinha mais nada para dizer ou fazer ali, pois não queria correr o risco de soar amargo naquela situação. Chegara o momento de seguir em frente.

Levantei-me, lançando um último olhar para o túmulo, e segui meu caminho, sentindo Flor em cada ínfimo detalhe. Sentindo-a, eu não me recordaria dela como nada mesmo que um pedaço vivo de amor.

Por que nossa história nunca seria finita, fora apenas virgulada, e aqui não cabe ponto final. Onde há lembrança, há sempre uma centelha de vida e amor.

Fim.

Este livro foi disponibilizado pela equipe do [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)